

J. van Rijckenborgh - Catharose de Petri



A GNOSIS UNIVERSAL

ROSACRUZ ÁUREA

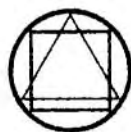
A GNOSIS UNIVERSAL

por

J. VAN RIJCKENBORGH

E

CATHAROSE DE PETRI



1 a edição

1985

Uma publicação do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM
ESCOLA ESPIRITUAL DA ROSACRUZ AUREA
São Paulo — Brasil

Traduzida do alemão:
DIE UNIVERSELLE GNOSIS

Título do original holandês:
DE UNIVERSELE GNOSIS

ROZEKRUIS-PERS
Bakenessergracht 11-15
Haarlem – Holanda

Todos os direitos, inclusive os de tradução ou reprodução do presente livro, por qualquer sistema, total ou parcial, são reservados à Rozekruis-Pers, Haarlem, Holanda.

PREFÁCIO

A GNOSIS UNIVERSAL

As vinte cartas que se seguem destinam-se a todos os nossos amigos afins no espírito, conhecidos ou desconhecidos, na esperança de que muitos dentre eles possam, através de sua leitura, encontrar o caminho para a Gnosis* Universal.

A Fraternidade Universal* iniciou uma atividade para despertar no mundo o interesse pela antiga e onibarcante sabedoria. Esse impulso tem por objetivo fazer penetrar a verdade eterna, com irresistível força, nas trevas deste mundo, antes que o atual período humano, conforme está previsto, chegue ao seu inevitável fim.

Pesquisas arqueológicas e outras descobertas confirmarão a voz dos mensageiros da verdade. Surgirá grande número de publicações sobre a Gnosis. A toda humanidade será dada a oportunidade de decidir seriamente sua orientação para a imperecível verdade, como está determinado no curso dos acontecimentos, para que possa cumprir-se tudo o que foi dito na linguagem sagrada de todos os tempos.

J. van Rijckenborgh

A VERDADEIRA E A FALSA GNOSIS

Toda a vez que lemos algo a respeito da Gnosis* — um conceito cujo significado literal é *conhecimento* — ou quando ouvimos falar alguma coisa a respeito dela, geralmente associamos esse conceito àquele de “conhecimento oculto” e designamos pela palavra *gnóstica* tudo aquilo que é misterioso e por conseguinte oculto ao ser natural grosseiro. Originalmente a Gnosis era, porém, a síntese da sabedoria primordial, a soma de todo o conhecimento, que dirigia a atenção diretamente para a vida primordial divina, uma verdadeira onda de vida humana divina não terrestre. Os hierofantes da Gnosis eram — e ainda são — os enviados do reino imutável, trazendo para a humanidade perdida a sabedoria divina e indicando a senda única para aqueles que, na qualidade de filhos perdidos, estão desejosos de retornar à pátria original.

Essa Gnosis, tal como foi trazida pelos hierofantes-mensageiros, jamais foi escrita. Ela foi transmitida

*Ver glossário no final do livro.

verbalmente, de instrutor a aluno. Entretanto, nada deve fazer supor que essa transmissão verbal da Gnosis tenha sido, sem mais nada, completa. Havia um contato com o grupo e com o próprio candidato. Em ambos os contatos era minuciosamente levada em conta a condição espiritual do interessado. Da Gnosis somente era revelado aquilo que era considerado útil e necessário ao candidato.

Assim, pode-se afirmar com absoluta certeza que nas regiões dialéticas não existe pessoa alguma em quem a Gnosis se tenha revelado em sua totalidade. Aquele que afirma conhecê-la, não a conhece; e aquele que a conhece, não fala. Esta é uma lei dos mistérios universais, rigorosamente observada desde que surgiu a ordem de natureza dialética*.

Em consequência do seu egocentrismo e da sua consciência apartada do Espírito, o homem dialético* tem a tendência característica de utilizar aquilo que pode agarrar e assimilar, em qualquer nível que seja, para o fortalecimento do seu próprio estado. Conseqüentemente, revelar a Gnosis a tais entidades não contribuiria para a sua salvação, mas sim para a sua definitiva perdição. Por isso, a Gnosis jamais é revelada em sua plenitude, jamais é transmitida verbalmente em sua integridade, pois são inúmeros aqueles que muito depressa e facilmente assimilam-na mentalmente e, em consequência, ocasionam danos não só a si mesmos, como também a outrem.

*Ver Glossário

Assim, podemos compreender que a revelação da Gnosis é um processo que se desenvolve na mesma medida em que o aluno avança na senda. A lei dialética “primeiro saber para depois agir” só pode ser aplicada aqui de maneira muito limitada. Para estar em condições de possuir a Gnosis, para poder aproximar-se da noiva celeste, o aluno deve primeiramente *agir*. Este *agir* torna-se então, a cada passo, um ato responsável e inteligente. Este ato inteligente é observado cuidadosamente. Os hierofantes jamais poderão ser enganados. Uma ação pseudo-inteligente é pura especulação, na qual o eu, escondido num canto, está à espreita; uma ação pseudo-inteligente não passa de uma pose, algo teatral, e tal ação é sempre desmascarada.

Como pode um homem, que se extenua na escuridão e na noite, agir inteligentemente e abrir assim o caminho para a Gnosis? É para auxiliá-lo nesse sentido que os hierofantes têm vindo a nós. Embora a Gnosis não seja revelada, no entanto fala-se e escreve-se a respeito dela.

“Deus amou de tal forma o mundo, que enviou seu Filho unigênito a fim de que aqueles que n’Ele cressem não perdessem, mas alcançassem a vida eterna.” Esse Filho da Luz está presente e trata-se agora de saber se percebeis algo a respeito d’Ele. Perceber algo d’Ele quer dizer: ser tocado por Ele. Ser tocado por Ele significa ter a possibilidade para uma ação inteligente. Isso é crer! Crer jamais significa aderir a um sistema.

Por exemplo, os hierofantes da Gnosis relatam-vos a respeito do deserto de Gobi e da vida maravilhosa em Shamballa. É bem possível que muitos acorrerão à biblioteca a fim de saberem algo mais no tocante a Gobi e a Shamballa, para estarem esclarecidos a respeito de tudo o que por lá ocorre. Tal procedimento revela querer compreender egocentricamente. Ora, apoderar-se mentalmente exclui qualquer possibilidade de toque pela Gnosis.

Também pode acontecer que, ouvindo ou lendo algo sobre a *Fraternidade* de Shamballa*, percebeis interiormente a voz. Nesse caso, a Gnosis vem até vós de acordo com a pureza da vossa intenção de ouvir e da ação espontânea que daí possa resultar. Da parte da Fraternidade não é desperdiçada a mínima parcela de energia.

Suponde que ouvis um instrutor desconhecido dizer: "O caminho que conduz à Luz é um caminho de saúde, de liberdade e de alegria". Admitamos que esta frase seja pronunciada no templo da antecâmara da Rosacruz. Então, um diamante encontra-se oculto nessas palavras. E será observado muito atentamente se percebeis a irradiação dessa jóia e qual o efeito que essa radiação produz em vós. Por exemplo: podeis estar doentes e, neste caso, um caminho que leve à saúde vos interessará muito. Podeis, sejam quais forem as circunstâncias, sentir-vos privados de liberdade, então um caminho que conduza à liberdade

*Ver Glossário

exercerá em vós grande estímulo. Se suportais grandes sofrimentos e dificuldades, evidentemente sentireis interesse por uma alegria verdadeira e eterna. Nessas condições, podeis perceber esse diamante oculto e sentir o seu brilho? Não é verdade que a vossa reação, então, é antes de tudo uma reação dialética? Sois atraídos por aquilo que estais famintos e por aquilo que vos falta.

Quem dentre vós sente falta da Luz? Quem dentre vós anseia pela Luz universal, como uma pobre e mendicante alma, que se consome em desejo, mortalmente abandonada? Quem ama com cada fibra de seu ser a fonte original da Luz? Quem ainda possui aquela aspiração primordial pela unidade com Deus? Quem sente interiormente como o salmista: "Como a corça suspira pelas correntes de água, assim minha alma suspira por Ti, ó Deus! Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivente. Quando irei e estarei diante da face de Deus?" Quem possui essa sede básica de Deus, se ainda carecemos de saúde, liberdade e alegria?

Portanto, é justamente isso que a Gnosis requer. É nessa sede pela Luz que está escondido o cintilante diamante. É com essa exigência fundamental que começa a Gnosis, que começa o Sermão do Monte: "Bem-aventurados os pobres de espírito", o que quer dizer: bem-aventurados aqueles que aspiram ao Espírito, isto é, à Luz. Àquele que se abrir inteiramente a esse anseio, a esse amor, e nesse amor se perder por inteiro, encontrando nele toda a sua riqueza, tudo o mais lhe será concedido.

Quando o Espírito Santo vem a Maria, *a convertida*, aquela cuja alma se voltou em direção à Luz, para oferecer-lhe a síntese que traz a salvação, isto significa: "Maria conservou todas essas coisas em seu coração". "Conservar algo no coração" refere-se a um estado de amor perfeito para com Deus; é possuir a jóia cintilante como uma radiação do coração, uma radiação que parte para tudo e para todos. A mulher que de maneira impessoal consegue emitir do santuário do coração uma tal força de radiação é uma Mãe de Deus; ela é uma Maria, uma Ísis, pois é possuidora da Luz que traz a salvação, e no tempo oportuno irradiará essa Luz para o mundo e para a humanidade; ela levará a Gnosis a qualquer um que aspire a essa Luz. E quando o velho Simeão percebe essa Luz do coração no templo do mais profundo do seu ser, ele exclama: "Em verdade, este foi posto para uma queda e ressurreição de muitos".

O homem que de maneira impessoal pode fazer jorrar do santuário do coração uma tal força de radiação é José, o carpinteiro; ele é o maçom que impulsiona, chama e desperta. Ele é o destruidor do inferno, aquele que não força a si mesmo, nem a outrem, no sofrimento chamejante, mas em perfeito equilíbrio maneja os seus instrumentos para abrir à Gnosis, isto é, à eternidade, a sua entrada no tempo. Ele não se envergonha de tomar Maria como esposa, como companheira no tempo e na eternidade, pois o que nela foi gerado não é da vontade do homem, mas sim do Espírito Santo. O egoísmo e a vontade própria

desaparecem aqui no nada, e é o amor de Deus, que ultrapassa toda a razão, que forma José e cobre Maria com sua sombra.

Pode o homem dialético, desse modo, conservar ainda alguma coisa em seu coração? O que ele possui no coração não é em grande parte misticismo, sentimentalismo e emoção? Os hierofantes da Gnosis prestam atenção a isso e é por esse motivo que nós vo-lo relatamos. Podeis, pois, saber como eles operam. Eles falam sobre a sabedoria universal, mas não a trazem como presente numa salva. Eles introduzem em suas palavras diversos estímulos ocultos de reações ou experimentam impelir-vos pela ação a uma reação. Cuidam minuciosamente como se apresenta e de que natureza é essa reação. É à medida em que a alma, isto é, a consciência, renuncia a si mesma e rende-se ao eterno, a Gnosis revela-se. Esse é o caminho que a Rosacruz, como serva da Gnosis, segue convosco.

Por esse motivo, é impossível que a Gnosis possa ser revelada e oferecida, em sua totalidade, como um sistema. Mas pode-se, assim como já o dissemos, falar e escrever sobre a Gnosis, e indicar o caminho que a ela conduz. Tudo aquilo que os hierofantes fazem com essa finalidade é mais que suficiente para conduzir o candidato a uma ação inteligente e fundamental.

Creemos ainda ser necessário esclarecer um possível mal entendido. Numerosos são aqueles que supõem que a Escritura Sagrada seja a linguagem da Gnosis, a Gnosis revelada. Nada é menos verdadeiro! A Bíblia também fala da Gnosis e a respeito dela, indicando a

direção para Deus. Tampouco se pode, por meio de toda a espécie de chaves e métodos ocultos e cabalísticos, aprender a ler a Bíblia de modo mais profundo. A ciência cabalística e outras semelhantes, como também a astrologia, pertencem à falsa Gnosis. A terminologia "falsa" não devemos compreender como má, criminosa, mas no sentido puramente dialético, pertencente a esta natureza.

Deveis compreender bem isto: a linguagem é um meio pelo qual o homem exprime seus pensamentos, sentimentos e intenções. A linguagem possui uma forma sonora e uma forma escrita. Se não compreenderdes sua forma sonora e se a forma escrita não vos despertar nenhuma compreensão, então é filologicamente possível analisar essa figura sonora ou escrita com o auxílio de diferentes métodos existentes ou que ainda venham a ser inventados, e chegar até a idéia nela contida. Mas se a forma sonora nada vos diz e a figura escrita nada vos dá, então uma análise cabalística ou outra qualquer também não vos dará nada.

Tomemos por exemplo a palavra "Jesus". Se analisarmos cabalisticamente essa palavra, obteremos "portador da salvação" ou "libertador". Para um homem totalmente enclausurado, o nome, assim como o seu significado, sua profundidade interior, não têm o mínimo sentido, mas para aquele que está aberto à Gnosis, a palavra e sua forma sonora não contêm nenhum segredo que deva ser desvendado. Quem chegou a essa abertura, sabe-o. E quem não

chegou, não tem necessidade de sabê-lo. Ele não saberia o que fazer com esse saber, senão usá-lo para vangloriar-se egocentricamente.

Mas não existem tantas coisas ocultas na Bíblia? Certamente, porém, ninguém poderá empregá-las, se elas ainda não se revelaram no mais íntimo de seu ser. Muitas partes da Bíblia são anotações de conversas entre instrutores e alunos. Se vos tornardes verdadeiros alunos segundo a exigência da lei, então também não tereis nenhuma inclinação para furtar cabalisticamente mistérios secretos. Todo o conhecimento que assim foi acumulado não pode de forma alguma ser libertador, e não é a sabedoria que ultrapassa todo o entendimento. Se seguides a senda, tudo vos será presenteado, e na figura sonora ou escrita achareis, no melhor dos casos, a confirmação daquilo que já recebestes gratuitamente.

Também poderíamos perguntar: "Em suma, a Bíblia tem algum sentido?" A Bíblia tem sentido unicamente quando desempenha sua tarefa e determinação. Os autores da Bíblia foram incumbidos de sacudir o homem dialético e encaminhá-lo para a Gnosis que, sem dispêndio de palavras, acomete este homem dialético em sua realidade nua.

Quando isso acontece, assim como é dito no Sermão do Monte e também por Paulo, ninguém sentirá necessidade de uma análise cabalística. Quando Jesus, o Senhor, fala de túmulos caiados de branco por fora, mas dentro cheios de podridão e veneno, então até o maior tolo compreenderá tão bem essa

expressão, que melhor não seria possível.

É ainda nosso dever apontar-vos um outro mal-entendido, estreitamente ligado ao precedente. Os mensageiros da Gnosis se dirigem, com a ajuda simultânea das mesmas figuras, sonoras e escritas, a diferentes grupos de pessoas. Mas não a grupos que possuam um nível de consciência diferente por razões de caráter étnico ou estado de sangue, porém a grupos que se encontram em espirais diferentes da vida de pesquisas. Cada um desses grupos extrai da forma sonora ou escrita aquilo que lhe é destinado. Eis por que é absurdo molestar alguém que pertença a um certo grupo com um apelo que não lhe é destinado e que absolutamente não lhe pode ser útil.

O que não for destinado, permanecerá oculto para vós; não o compreendeis e também não o necessitais. Preocupai-vos, pois, em não furtrar mentalmente o que está oculto ou parodiá-lo misticamente, nem procurar retê-lo ocultisticamente. Uma tal Gnosis não vos é destinada, e se apesar de tudo a compreenderdes, ela se vos tornará como um fardo de chumbo e um alimento indigesto.

A Gnosis vem a cada um numa linguagem que lhe é compreensível. Ela indica a cada um a senda e cada um pode aproximar-se dela mediante uma ação inteligente e fundamental.

II

PAULO E A GNOSIS

No capítulo precedente, relativo à Gnosis, explicamo-vos minuciosamente que a Doutrina *Universal jamais foi assentada por escrito ou transmitida oralmente, visto que a comunicação oral ao homem dialético, egocêntrico, conduziria aos maiores perigos. Os instrutores autorizados falam unicamente da Gnosis e sobre a Gnosis de maneira tão prudente, que todas as precauções são continuamente tomadas no sentido de proteção contra abusos.

Também a Bíblia testemunha da Gnosis e se dirige às sete diferentes espirais da consciência. Conseqüentemente, a Bíblia pode ser lida de sete maneiras diferentes.

Muitas pessoas pensam que, para penetrar até o conhecimento de todas essas espirais, existem métodos que utilizam chaves cabalísticas ou chaves de natureza oculta natural. Numerosos são os que agem assim e, baseados nisso, crêem que podem sondar completamente as profundezas mais íntimas da mensagem gnóstica. Porém, nada é menos verdadeiro.

Todo aquele que se aproximar da Bíblia, nela verá ou lerá somente aquilo que corresponder ao seu nível de consciência, e sem dificuldade poderá aproximar-se da espiral que estiver em concordância com o seu estado de consciência, sem necessidade de aplicar chave alguma. Se alguém quiser penetrar intelectual ou emocionalmente numa espiral para a qual não está enobrecido, então o que for captado ser-lhe-á como um alimento indigesto. Tal modo de agir é altamente especulativo e conseqüentemente prejudicial.

Um certo tema da Bíblia é, pois, idêntico a uma pintura com sete perspectivas. Cada um que contemplar essa pintura descobrirá nela sua própria perspectiva; e se um outro lhe dissesse: "Vedes isto ou aquilo?"; tal atitude não seria correta e poderia ser prejudicial.

Sabeis que o *Lectorium Rosicrucianum* é uma escola internacional de filosofia gnóstica. Sem dúvida cometeríeis um erro fatal se pensásseis que o objetivo da nossa Escola se limita à apresentação desse ensinamento gnóstico. Infelizmente, no passado, milhões de pessoas confundiam filosofia com religião, e ainda hoje são incontáveis aqueles que as confundem com freqüência. Uma orientação filosófica de uma pessoa não é, decisivamente, uma orientação religiosa. Comumente afirma-se que através de uma assimilação filosófica poder-se-ia chegar a um sentimento religioso autêntico. Entretanto, nada é menos verdadeiro e o inverso também não seria exato.

Muitos pensam que um estudo profundo da filosofia da Escola permitir-lhes-ia conhecer a fundo o

caminho da transfiguração e, por consequência, poderiam trilhá-lo. Existem alunos aos quais não escapa nenhuma palavra, que retêm cada dissertação filosófica e, tal como uma enciclopédia ambulante, são capazes de repetir palavra por palavra. Há alunos que sabem perfeitamente quais as exigências impostas pelo transfigurismo, mas não falam a respeito, ao contrário, guardam-nas para si de maneira obstinada, qual jóia preciosa.

Não compreendeis, então, que isso é uma preparação intelectual proveniente da natureza, e que essa atividade eventualmente intensa do pensamento aprisiona a vossa consciência? O pensar conforme a natureza, a cultura do aparelho mental natural com o auxílio de métodos intelectuais, é mais prejudicial à vossa consciência que uma dieta carnívora. Muitos alunos na escola externa tornaram todo o seu desenvolvimento em mera ilusão! Uma atividade que se desenvolve sobre a base de semelhantes imagens mentais jamais possuirá força para manter-se como realidade. Uma tal realidade tem existência efêmera, e outra especulação não tardará a tomar-lhe o lugar.

Além do mais existem inúmeras pessoas que substituem o método intelectual pelo emocional e dirigem-se com todo o seu potencial sentimental à indistinguível vida libertadora, chamando-a de Deus ou Cristo, e abrem-se a seu Deus e a seu Cristo com toda a energia de seus sentimentos. Assim, confiantes, eles se entregam à sua religião natural. Mas acontece que esta confiança será invariavelmente desiludida,

retornando ao seu oposto. Dia após dia, hora após hora, desde tempos imemoriais, incontáveis pessoas dirigem o fluxo de seus sentimentos para a vida libertadora, porém inutilmente. A vida sentimental comum, a cultura da vida natural do coração com a ajuda de métodos emocionais, é mais prejudicial para a consciência que a nicotina. Exatamente por isso muitos alunos na escola externa tornaram apenas especulativo todo o seu desenvolvimento.

Há inúmeras pessoas que, para se ludibriarem a si próprias, refugiam-se na tendência oposta: aqueles que têm uma predisposição intelectual procuram refúgio no sentimento, e aqueles cuja tônica é emocional submetem-se à razão. Entretanto, podereis ver claramente este artifício dialético. Nós podemos *perseverar*, por um tempo incrivelmente longo, numa atitude dessas, com a ajuda de tais artifícios dialéticos. Aliás, o mundo está repleto deles. Geralmente não discernis nada desses artifícios pelo fato de estardes atados à roda* do nascimento e morte. Quando após uma volta completa da roda retornais ao plano físico, tereis esquecido totalmente tudo aquilo em que fostes fortemente enganados em vossa vida precedente, isso pelo fato do vosso nascimento com outro sangue e do vosso novo estado infantil. Ao pé do berço, a jovem mãe canta: "Gira a roda mais uma vez e bate palminhas". De acordo com vossa tendência, girais mais uma vez a roda. Que outra

*Ver glossário.

coisa vos resta?

Isso fareis até que, impelidos por divino amor e compaixão, talvez entreis em contato com a Rosacruz. Então, que acontece na Escola da Rosacruz? Acaso, por um método intelectual ou emocional, segundo o vosso próprio modo de ser, sereis auxiliados a dar mais uma voltinha na roda? Positivamente não! Há quem pense que a Escola da Rosacruz seja uma antecâmara para se passar à escola de mistérios dos antigos processos. Um estudo filosófico — um sistema de conhecimentos — o abarcar de métodos e sua respectiva aplicação — toda uma série de iniciações — e outras coisas mais. Tudo terrivelmente misterioso e devidamente acompanhado de muita magia cerimonial. Se é assim que o concebeis... então quantas vezes ainda tereis que girar a roda?

A Escola da Rosacruz liga-vos à Gnosis!

O que significa isso? Não é uma filosofia; ela não apela para a vossa faculdade intelectual. Não é uma religião; ela não apela ao vosso poder emocional. A única concessão que a Gnosis vos faz é vir a vós, de início, na veste de uma forma sonora ou escrita. Mas aí daquele que considerar a roupagem da Gnosis como sendo a própria Gnosis. Esse ainda fará girar a roda muitas vezes.

Direis: "Bem, isso eu sei. A vestimenta é o exterior ... teremos de compreender a imagem interior ..." Se falais assim e pensais assim, cometeis o maior erro de vossa vida.

Em defesa do vosso ponto de vista, certamente

citareis os inúmeros sistemas gnósticos do passado. Tempo houve em que sistemas gnósticos se repeliam reciprocamente qual seitas religiosas. Em tais sistemas falava-se em termos vagos e misteriosos da vida superior, da qual o aluno podia tomar parte tão logo penetrasse pelo revestimento exterior... e trilhasse o caminho... e utilizasse a magia cerimonial... e assim por diante; e penetrasse nos templos misteriosos, para aí se encontrar face a face com os mestres. Ó, que engano! A falsa gnosis distingue-se imediatamente da verdadeira. Esforçai-vos por compreender bem isso.

Nós verificamos que:

1. a Doutrina Universal jamais é assentada por escrito;
2. também não é transmitida verbalmente;
3. para dirigir-se ao público dialético, a Gnosis vem com uma forma verbal e uma forma escrita;
4. a Gnosis não está contida nessa forma verbal ou escrita, mas trata-se somente de uma possibilidade de ligação;
5. por motivo de conveniência, esta ligação é sétupla; qualquer pessoa que se encontre na sétima espiral e por consequência está ligada com a sétima figura verbal ou escrita, não conhece a Gnosis melhor que um outro, e de modo algum a possui;
6. a Gnosis não se aproxima de ninguém através de um método;
7. a Gnosis não abre passagem para nenhum aluno, tampouco lhe dá um "mestre".

Qual é, então, a meta da Gnosis? A Gnosis é

somente força, radiação e luz. A Gnosis é uma irradiação do reino imutável, que se liga da maneira mais simples ao nosso microcosmo*. Por intermédio da palavra escrita ou falada somos todos, por assim dizer, chamados por nome. Por isso, diz a Bíblia: "O Senhor nos conhece a todos por nome". O Senhor, isto é, o Espírito, a Luz, a Gnosis, conhece, reconhece, ou melhor, encontra cada mortal e *deslumbra-o* com força. Assim também deverá ser vista a cobertura de Maria pela sombra do Espírito Santo.

Se essa ligação pode ser efetuada por uma única palavra, então outra palavra será supérflua. A Gnosis não é conservada nas escolas ou templos misteriosos e nem há mestres intermediários. Ela vem a todos: ela é onipresente como força, como radiação, como luz.

Com que objetivo? Não para acordar-vos, pois esta força de radiação não é uma força desta natureza, e a nossa natureza não pode nem recebê-la nem trabalhar com ela. Essa força vem procurar o que se encontra "perdido". Ela irradia neste mundo sobre maus e bons, na intenção de despertar só o que é de sua natureza, ou seja, o núcleo espiritual. Somente lá onde está o Espírito, lá onde se encontra o núcleo espiritual pode haver a vida, a vida libertadora.

Uma vez desperto, chamado e reconhecido, o núcleo espiritual ataca a natureza dialética, que domina no microcosmo, e entra em luta com ela.

*Ver Glossário.

Esta luta indica uma reação corporal direta e positiva, uma ação imediata, uma espontânea reação à intervenção do Espírito. Estas não são reações intelectuais ou emocionais, pois estas duas exteriorizações são impulsos de auto-afirmação da natureza terrena, na tentativa de encontrar um meio de existência melhor.

A Gnosis dirige-se como força a dois grupos de seres humanos: primeiro, ao grupo de homens cuja centelha* do espírito está ativa, para fazer retornar ao seu lar esta centelha que estava extraviada; depois, àqueles com a centelha do espírito adormecida, a fim de despertá-la como primeira condição à viagem de retorno.

Aquele que, como microcosmo, possui o Espírito, não necessita compreender a Gnosis nem abrangê-la pelo sentimento, pois um tal ser *é Gnosis*, porquanto o Espírito é o Todo. Um tal homem pode conduzir ao silêncio, ao silêncio absoluto, o pensar natural fatigante e sem esperança, pois o Espírito experimenta e sonda em constante progresso as profundezas de Deus, à medida em que ele amadurece, cresce e retorna à casa paterna. Se o espírito viver e tecer no sistema microcósmino, tudo o que for terrestre será subordinado, e tudo o que for dialético será rompido, não com suspiros, mas com naturalidade normal. Quando vos aproximardes da Luz, e se uma cortina impedir-vos, então a afastareis para o lado.

Agora dirigimos a vossa atenção para Paulo, que

*Ver Glossário.

executava seu trabalho em meio a uma profusão caótica de sistemas dialéticos, e portanto de sistemas gnósticos falsos. Paulo sabia que a Gnosis e o Espírito são *um*. Paulo sabia que ninguém pode aproximar-se da Gnosis, a não ser com uma ativa centelha do Espírito. Paulo sabia que no momento em que o Espírito se fizesse sentir no microcosmo, por efeito do chamado que desperta para a vida, a pessoa, no mesmo instante, seguiria a senda com todas as conseqüências daí decorrentes. Paulo sabia que todo aquele que ainda não se encontra desse modo na vida libertadora é um Saulo, isto é, um especulador cheio de ameaça e morte. Paulo aquietava completamente todo o impulso intelectual e emocional, e espreitava a voz do Espírito eterno. Justamente por isso, ele não tinha o menor interesse pela falsa gnosis do seu tempo, com todas as farsas naturais ocultas, religiosas e filosóficas, e furtos místicos, visto que tudo isso não significa nada.

Simão, o mago, um adepto da falsa gnosis de seu tempo, e os sete filhos de Ceva, o canhoto, imitaram a obra de Cristo, enquanto que, como seres dialéticos, diziam: "Nós expulsamos os demônios em nome do Deus de Paulo". Isto, porém, era uma mentira e é necessário que a reconheçais.

Se em nosso estado de vida natural, comum, escrevemos a respeito de Deus ou de Cristo, e colocamos-vos num campo de irradiação correspondente, nós não vos pomos diante do vivente fulgor da Gnosis, mas simplesmente diante da imagem que temos dela.

Nesse caso, aproximamo-nos de vós com a nossa magia natural, na qual colocamos uma etiqueta gnóstica. Esta, então, é a nossa mentira, embora talvez confessemos que há um Cristo Vivo. Assim, colocamo-vos em nosso campo de radiação pessoal e não no do Espírito!

Estando as coisas assim dispostas, vamos em auxílio do vosso estado natural, adulamo-vos, adormecemos-vos com consolações, e assim contribuimos para a vossa auto-afirmação, reforçando a nossa própria. Então, colocamos as nossas mãos na roda da vossa vida e damos-lhe o impulso, cuidando para que ela continue a girar e que continueis novamente a bater palminhas, na dolorosa e trágica ignorância do drama da vossa vida. Assim, mediante a filosofia e a emoção, cometemos o grande e clássico homicídio de todos os tempos.

Unicamente onde está o Espírito existe a Vida, e a Gnosis e os hierofantes* da Luz nada podem fazer por vós antes que esse Espírito esteja desperto em vosso sistema. Quando esse Espírito estiver desperto, sereis um espírito livre, e não mais encontrareis mestres e adeptos nem escolas e templos, nem iniciações e mistérios, pois *sereis* tudo no Todo.

Todos os que encontrardes na Gnosis serão, no âmago do seu interior, vossos amigos; eles serão *um* convosco no Corpo de Cristo.

* Ver glossário.

III

O ESPÍRITO SANTO E

A GNOSIS

Baseados nos dois capítulos precedentes sobre a verdadeira e a falsa gnosis, podemos afirmar que verdadeiramente a Gnosis é a irradiação de força do reino imutável. A Gnosis é a natureza radiante do outro reino, o qual, em hipótese alguma, pode ser explicado pelas duas esferas desta ordem de natureza. Por essa razão, a Gnosis não é filosofia ou um método oculto natural. Tampouco a Gnosis pode estar contida num livro ou pode ser expressa através da arte ou da palavra falada.

No máximo pode-se escrever ou falar sobre a Gnosis. Com o ser natural pode-se experimentar, sondar intelectualmente a Gnosis ou meditar misticamente sobre ela, mas compreenderéis que não se conseguirá aproximar um milímetro sequer da Gnosis mediante essas duas atividades. A falsa gnosis aparecerá imediatamente tão logo se presuma, pela ilusão dialética, ser possível tal realização, pois é a falsa gnosis que, baseada nessa especulação, erige métodos, sistemas religiosos e mistérios. Contudo, deveis

saber que nada desta natureza, nem mesmo a contemplação por ela apoiada, poderá atrair a outra natureza.

Desse modo, podemos verificar com segurança que a Gnosis é uma atividade absolutamente estranha à nossa natureza, uma radiação divina sobre a qual nos foi permitido escrever. Podemos escrever sobre o objetivo essencial da Gnosis; podemos ponderar com o nosso entendimento sobre as palavras que acerca da Gnosis nos são ditas e delas aproximar-nos com o coração; podemos expressá-las mediante o canto e também formar a nossa dedução intelectual ou mística de maneira musical ou de outro modo artístico qualquer, para assim expressarmos as diversas emoções da nossa cabeça e do nosso coração.

Isso pode ser importante para revelarmos mutuamente o que em nós vive segundo a nossa natureza, mas não devemos ter a pretensão de poder abranger desse modo a natureza da Gnosis. Por exemplo, se disséssemos após uma audição musical: "Isso foi o próprio Espírito Santo!", então a nossa observação seria oriunda da falsa gnosis, pois as melodias do reino imutável não podem ser reproduzidas na presente natureza. Se isso fosse possível, então a total manifestação da natureza desmoronaria-se no mesmo instante.

A única coisa que podemos fazer é conduzirmo-nos mutuamente, com auxílio da arte, da ciência e da religião, até os limites das possibilidades dialéticas. Então, teremos alcançado a terra da fronteira, que na

Bíblia é indicada como Éfeso*. Tão logo quiséssemos, como seres desta natureza, transpor essa fronteira e aproximarmo-nos da Gnosis, ela, com sua tríplice radiação, seja como arte, isto é, como som mantrâmico; seja como ciência, isto é, como sabedoria divina; seja como religião, isto é, como amor divino, agiria imediatamente, de maneira demolidora, sobre a nossa natureza.

A esse respeito a Bíblia fala-nos de um "fogo consumidor", e é justamente a nossa intenção deixar-vos reconhecer a Gnosis, ou o Espírito Santo do reino imutável, como sendo o "fogo consumidor", fogo que irrompe e ataca este mundo de um modo tríplice.

O Evangelho de Mateus finaliza com as seguintes palavras: "E Jesus falou-lhes, dizendo: é-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho ordenado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos".

O Evangelho de Marcos conclui quase da mesma maneira, acrescentando ainda: "Quem crer e for batizado, será bem-aventurado; mas o que não crer, será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome expulsarão os demônios; falarão com novas línguas; eliminarão serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, mal algum lhes fará; colocarão as mãos sobre os enfermos e os curarão".

Sem dúvida conheceis essas duas citações, extraídas do Evangelho de Mateus e de Marcos. Também sabeis os efeitos que essas palavras produziram naqueles que, por diferentes métodos naturais, fizeram mau uso dessas palavras sagradas em igrejas, seitas e trabalhos missionários. Também toda a magia cerimonial e inúmeras práticas ocultistas naturais baseiam-se nessas palavras. Toda a história da Igreja, assim como todo o ocultismo natural da nossa era, são em grande parte derivados desses aspectos evangélicos. Sabe-se muito bem para onde tudo isso levou a humanidade. Por esse motivo, é mais do que necessário confrontar-se a verdadeira Gnosis com a falsa.

Então, quando na Bíblia é dito: "Ide, ensinaí os povos e batizai-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo", poder-se-á compreender esta citação como puramente dialética ou puramente gnóstica. Conseqüentemente, a prática vem demonstrar duas apresentações dessa ordem divina missionária. Em relação a uma das formas de apresentação, vemos desenvolverem-se a religião natural e o ocultismo natural; e, em relação à outra, o mundo e a humanidade serem atacados pelo que denominamos a "Fraternidade* Universal", os arautos da verdadeira Gnosis.

A religião e o ocultismo natural possuem dois aspectos, a saber, o bom e o mau. Podemos fazer uma concepção bem viva de uma pessoa, que nos lábios traz belas e santas palavras, mas interiormente está voltada para coisa bem baixa e ímpia. Temos assim o

lobo com pele de cordeiro. Contudo, existem pessoas que, atraídas pela pureza e pelo lado humano da linguagem sagrada, são assim tocadas nas profundezas de suas almas pelos evangelhos, apesar de só compreenderem o quadro sinóptico em seu significado verbal.

Tais pessoas, em suas condições de sangue, são devotas; por isso, é perfeitamente compreensível que essas pessoas interpretem a ordem missionária como "falada para elas". E assim partem para divulgar o Evangelho, em concordância com a figura verbal externa. Conseqüentemente, esforçam-se para concretizar diversas normas da religião e da filantropia no tempo. E assim se desenvolve o caráter das igrejas e das seitas.

A experiência da vida demonstra suficientemente que, em virtude do emprego de todas as forças, essas pessoas conseguem realizar alguma coisa nesse setor, de maneira organizada e, portanto, prática. E assim morrem. Morrem textualmente, de acordo com as figuras verbais, na esperança de uma vida eterna no Além. Chegando às regiões do Além, elas vêem nas esferas as grandes imagens vivas de pensamentos com as quais sonhavam.

Essas imagens foram formadas, nutridas e fortalecidas por milhares de seres dialéticos. E eles crêem ter conseguido a vida eterna, em perfeita segurança. Pela perfeita e pura verdade, segundo a natureza, são assim criados os reinos dos espíritos de luz. Esses espíritos de luz descobrem que pela força das

orações dos filhos perecíveis da Terra, podem manter-se em suas esferas. Do mesmo modo com que os filhos da Terra sustentam o seu deus natural, assim também o deus natural alimenta os seus companheiros da esfera.

Bem depressa os espíritos de luz descobrem que por diversas maneiras podem obter uma ligação com os irmãos e irmãs da esfera*material. Também essas ligações tornam-se organizadas, e dessa maneira desenvolve-se a hierarquia que conheceis.

Como vedes, a ilusão é assim transformada num grande poder, e aquilo que antes fora realizado em forma de bondade transforma-se agora facilmente no mal. Por que? Porque, em virtude da força da lei da dialética, o ser dessa ilusão é atacado. Em consequência, o hierárquico ídolo do tempo precisa defender-se, e os sacerdotes do deus natural partem para todos os lugares, em obediência à ordem missionária recebida, exportando essa imagem animada de Jesus do Além; e assim o logro se torna perfeito. Por fim, não se pode mais distinguir o que é bom e o que é mau, o que vem provar como as coisas se entrelaçaram profundamente no decorrer dos séculos.

Se contemplarmos agora o ocultismo natural, reconheceremos o mesmo desenvolvimento, segundo a mesma receita! O ocultista natural não é tão devoto, mas é um homem eu-centralizado em alta escala, que pretende conquistar o mundo com bondade. O ocultista natural é o homem eu-centralizado, que se quer unir diretamente com o divino; é o homem que diz:

“Como poderei ser deus? O divino não habita dentro de mim? Não sou chamado para libertar o divino em mim?”

Também esse homem lê o Evangelho, de onde, da imagem das palavras, retira a maneira pela qual pode assegurar o seu “eu” em Deus, quando começa a despertar outras pessoas eu-centralizadas para a mesma vida. Para isso ele depende todo o seu poder e o resultado é realizar no Além as mesmas experiências daqueles com predisposição mística. Ali também ele encontra seus deuses, suas esferas, e aprende como conservá-los em forma.

Quando um homem descobre a dupla ilusão do místico e do ocultista, atacando-a para desmascará-la, toda a legião do misticismo e ocultismo investe contra ele e, em nome do seu Jesus natural, conjura-o a converter-se. Se esse meio, porém, mostra-se totalmente ineficaz, ainda existe a prática do mal, na qual todo o bem se converte, em razão da lei desta natureza. Por acaso, o bem e o mal não são frutos de uma mesma árvore? Todos vós o sabeis e conheceis! Sobre este assunto já escrevemos muitas vezes. Vós sabeis como a roda gira e como quase toda a humanidade é por ela arrastada.

Mas também sabeis como os servidores da verdadeira Gnosis executam a ordem missionária e o que significa tudo isso em relação à palavra da Bíblia? Procuraremos torná-lo bem claro para vós.

Jesus é a manifestação da elevada e grandiosa força gnóstica. Ele é o portador do fogo consumidor.

Jesus possui nesta natureza os seus discípulos. Ser um discípulo de Jesus não significa ter emoção natural, mística ou intelectual como condição de sangue, e nada tem a ver com um impulso egocêntrico ou um impulso religioso natural para o bem. Ser discípulo de Jesus indica possuir um potencial de fogo consumidor liberto no sistema microcósmico; esta é a força que não é desta natureza.

Como podem os discípulos recebê-la? A resposta a encontrareis na maneira pela qual eles executam a ordem missionária, que somente a eles foi destinada: "Ide e ensinai a todos os povos. Batizai-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinai-os a guardar tudo quanto vos tenho ordenado".

Quando os discípulos vão pelo mundo afora, despertam os homens que deles se aproximam. Não despertam nenhuma emoção intelectual ou mística, porém batizam com o fogo consumidor, que antes receberam em seus sistemas como radiação de força. Nessa radiação de força crística, batizam primeiramente em nome do Pai, o que significa: ligam os seus alunos microcosmicamente com o amor divino. Esse aspecto da radiação da Gnosis visa despertar a centelha do Espírito, adormecida no microcosmo, e conduzi-la à atividade.

Esse batizar "em nome do Pai" só poderá ser realizado com sucesso quando o respectivo aluno estiver disposto a abandonar o controle egocêntrico que exerce sobre o microcosmo. Este distanciar-se do "eu" não se realiza por cálculos intelectuais ou dis-

posições emocionais; também não é um simples abrir-se espontaneamente, porém uma consciente anulação do campo de ação do "eu" ao deixar-se o microcosmo nas atividades da Gnosis. Em consequência desse primeiro batismo, não resulta nenhuma elevação do ser-eu, mas sim um fogo que purifica o sistema, a fim de que a centelha do Espírito, isto é, o *outro* no microcosmo, possa começar a sua atividade.

O segundo batismo efetua-se quando o primeiro estiver completamente realizado. O segundo batismo, o do "em nome do Filho", demonstra que a centelha do Espírito despertou e brilha na e pela Gnosis. Pois esse segundo batismo produz uma sabedoria absoluta, não uma sabedoria em palavras, porém a absoluta onisciência, a oniconsciência, e um crescer e desenvolver-se dentro dela. Essa sabedoria existe totalmente fora do sistema dialético e não se revela ao aluno em nenhuma circunstância, de acordo com os métodos da esfera*refletora. A sabedoria do lado de lá da esfera terrestre a reconhecéis pelo fato dela sempre esclarecer e alimentar o "eu", enquanto que a radiação de sabedoria que parte da Gnosis desmascara a natureza; é o conhecimento que desvenda a natureza de Deus e que, como nunca anteriormente, ataca o aluno com um fogo ardente, demolidor da natureza e do eu.

Quando essa flamejante coluna de sabedoria estiver erigida, segue-se o terceiro batismo, o do "em nome do Espírito Santo!" Este batismo possui força gnóstica, mantrâmica e regeneradora. É a força

que desafia tudo o que é desta natureza, rompe tudo o que é dialético e leva todo o ser, o do *outro*, para a manifestação na forma.

No total batismo dos discípulos, não vemos para nós e nossos filhos nenhuma segurança da natureza, mas uma completa aniquilação dela, a fim de que o homem original e verdadeiro possa viver. Esta é a ordem missionária, à qual é ainda acrescentado: "Ensinai-os a guardar tudo o que vos ordenei". O discípulo não pode abandonar o aluno antes que o batismo completo, no seu aspecto tríplice, tenha-se realizado. A fraternidade dos discípulos só considera sua missão realizada quando a *endura** estiver completa.

Quem compreender e abranger tudo isso e com este conhecimento adentrar na Escola Espiritual* para receber um tal batismo, esse será preservado. Aquele que, em qualquer circunstância, quiser reunir a natureza e o Espírito, o eu e a Gnosis, será totalmente queimado pela força que ele mesmo desencadeou.

Como poderemos nós, alunos da Escola Espiritual, saber se somos alunos dignos ou não? Saberemos de acordo com o seguinte fato: o aluno que desperta no verdadeiro processo, em primeiro lugar, expulsará os maus espíritos, isto quer dizer, excluirá, eliminará de todo o seu sistema, radicalmente, todos os pensamentos e sentimentos da ilusão. O verdadeiro aluno reduz a pó todos os seus golens*. Em segundo lugar, ele falará com novas línguas. A nova atitude de vida será de tal modo por ele realizada que, até nas

minúcias mais sutis, não se assemelhará com a antiga, sob nenhum aspecto.

Para demonstrar não ser isto uma cultura da personalidade e portanto um novo engano, o verdadeiro aluno poderá, em terceiro lugar, expulsar serpentes, e se beber alguma coisa mortífera, esta não lhe causará dano. A natureza com o veneno do fogo⁴ serpentino espinal e seus múltiplos e mortais encapsulamentos, seja por engano ou sob outros aspectos, não mais poderá prejudicar o verdadeiro aluno.

Finalmente, em quarto lugar, o verdadeiro aluno poderá colocar suas mãos nos enfermos e eles se restabelecerão, quer dizer, tal aluno tornou-se um discípulo; ele possui a força e a majestade da Gnosis como um poder presente. Ele parte imediatamente para cumprir a ordem missionária, a exemplo de todos os seus antecessores, mas não para minorar todas as possíveis doenças e dores desta natureza, pois para o discípulo, que realiza a ordem missionária, existe somente *uma* doença: a doença da dialética e de sua realidade existencial. E quando ele se dirige aos seus alunos, a colocação de suas mãos será somente o único e absoluto manual gnóstico:

Eu vos batizo em nome do Pai,
e do Filho,
e do Espírito Santo.

IV

O FOGO SERPENTINO E

A GNOSIS

A doutrina da sabedoria transfigurística é um ensinamento universal. Isto quer dizer que acompanha a existência do homem decaído desde o raiar da humanidade dialética; não foi transformada sob aspecto algum e nela não se pode vislumbrar o mínimo traço de alteração. A doutrina da sabedoria transfigurística é a da sabedoria gnóstica, isto é, significa o único toque divino possível no tempo. O ensinamento transfigurístico é o ensinamento moderno da sabedoria, que sempre se verte sobre o mundo e a humanidade no momento propício em que esse ensinamento pode agir, atualizado e diretamente sobre a citada humanidade, a fim de buscar e reencontrar o que se perdera. O ensinamento transfigurístico é a sabedoria das serpentes, o que significa que ela é a radiação da sabedoria do Espírito universal.

É dessa sabedoria das serpentes que nós queremos falar em especial, pois a cada aluno que está verdadeiramente na senda é dito: "Tornai-vos sábios como as serpentes". E se agora realmente quereis compre-

ender esse chamado, a saber, como um supremo e atual chamado para a vida, destinado muito pessoalmente a cada um de vós, então aconselhamos que empregueis toda a vossa receptividade para compreender o que a Escola tem a transmitir-vos.

Na doutrina transfigurística encontramos a serpente representada por dois símbolos principais. Primeiramente, como o santíssimo e absolutamente divino; em segundo lugar, como o mais desprezível e ímpio.

Por um lado, vemos a serpente como o réptil sibilante e asqueroso, expelindo baba e veneno; por outro, como símbolo do Espírito Santo. Descobrimos que a serpente é designada como o Diabo, e observamos que a serpente áurea é usada como adorno de cabeça pelos sacerdotes, como sinal de elevação espiritual.

Essas duas apreciações tão opostas deram ensejo à grande confusão e discórdia entre os que não conseguiam compreendê-las. Repetidas vezes o homem tem sido preso pela idolatria, e isso sempre se repetirá de novo, tão logo ele seja impelido pelos instintos religiosos naturais, e não mais possa compreender o objetivo da pura Gnosis.

Todos vós trazeis uma serpente em vosso ser. Esta serpente enrola-se ao redor da vossa árvore da vida, e sua cabeça é nitidamente reconhecível aos olhos materiais comuns. Tal serpente é simbolicamente indicada na Bíblia como a "serpente de cobre". Ela é o vosso ser-alma, a irradiação da vossa

consciência, o potencial da vossa alma impregnando totalmente o vosso sistema ígneo serpentino, isto é, o vosso sistema cerebrospinal. Essa é a serpente de cobre! E essa serpente é a que, com veneno mortal na cabeça, rasteja sobre a terra.

Por que se fala de uma serpente de cobre? Primeiramente, é necessário compreenderdes que a palavra hebraica "cobre" é também traduzível por "serpente". Além disso, é mister que saibais que a palavra "cobre", portanto "serpente", é um princípio feminino. Em relação a isso, pensai somente no metal de Vênus, o "cobre". Na alma, no potencial do fogo serpentino, repousa o princípio gerador, isto é, o princípio feminino. Nesse mesmo sistema também está presente o princípio criador, isto é, o aspecto masculino da alma.

Em cada sistema da alma, em cada sistema fogo serpentino, encontramos dois aspectos: a serpente de cobre e a assim chamada serpente ígnea, portanto, respectivamente, o princípio feminino e o masculino. Pode-se dizer simbolicamente que na árvore da vida humana habitam duas serpentes. Em algumas pessoas, o princípio masculino é positivo e o princípio feminino é negativo; noutras, dá-se o contrário.

Assim, o bastão de Mercúrio com suas duas serpentes, uma branca e outra preta, é o símbolo de um estado biológico dialético geral, ou seja, o símbolo da árvore da vida com os seus dois aspectos da alma. Nas gravuras dos sacerdotes egípcios, o adorno com as duas serpentes era a expressão externa do íntimo

estado de sua alma e de todos os seus semelhantes.

Esses dois princípios da alma em nós, que também podem ser indicados como Adão e Eva (Adão, a serpente ígnea, e Eva, a de cobre), lutam interminavelmente entre si. Esses dois princípios em nós ponderam e decidem continuamente entre si. Todos vós possuís o poder da ponderação interior. As duas serpentes entrelaçam-se ao redor da árvore da vida. Em dado momento, o princípio masculino fala ao feminino; em seguida, invertem-se os papéis. Ambas as serpentes em nós se atacam mutuamente e mutuamente se acusam. A serpente ígnea quer realização, enquanto que a de cobre quer posse. Os instintos de criação e conservação estão em luta interminável entre si. E, não obstante, na alma existe apenas um interesse: a manutenção, a autoconservação, o impulso pela existência.

Assim, a sibilante serpente rasteja seu corpo através da imundície desta natureza, e que Deus se apiede daquele que dela se aproximar. Todos vós conheceis as considerações anímicas das serpentes que existem em nós. Há momentos em que, por interesses preconcebidos, rastejam para dentro do santuário do coração e noutros, no santuário da cabeça, onde elas fazem seus sacrifícios.

Os venenos preparados nesses santuários são a astúcia, a tática, a artimanha, com base nas quais realizam suas intenções. O órgão por onde são expelidos os venenos é a laringe. Existem diversas espécies de veneno e muitos métodos para dirigir esses venenos

aos lugares onde as serpentes gostariam que estivessem.

Há uma ciência cultivada há eões* que visa intencionalmente aperfeiçoar a atividade das duas serpentes anímicas. Denominamos tal ciência de ocultismo natural. Um homem versado nessa ciência certamente teve em períodos de cultura no passado a idéia de ostentar na cabeça um símbolo de metal em forma de serpente, para assim exhibir seus graus de aperfeiçoamento na cultura da personalidade.

Certos relatos concernentes à criação nos descrevem o nascimento dessa tão complicada alma humana. Esse nascimento abrange sempre duas fases: primeiramente, o nascimento da serpente ígnea, Adão; e, em seguida, o nascimento da serpente de cobre, Eva. A serpente ígnea é o Adamas, o que quer dizer, o pensador, o que recebe as sugestões do Espírito; a serpente de cobre é a Hevah, isto é, a mãe dos vivos, o princípio que realiza as sugestões, a geradora. Conseqüentemente, Adão e Eva são os princípios anímicos em nós.

Mas, tão logo a alma abuse do seu intenso poder, ela será bruscamente separada do Espírito, separada violentamente da oniconsciência, e entrará na existência da casa da morte. Então, os dois primordiais poderes da alma permanecerão ininterruptamente em contínua ignorância e, conseqüentemente, em trevas e discórdias mútuas. Em vista disso, todo o sistema

* Ver glossário

que é conduzido pela alma é condenado a degenerar-se e a cristalizar-se. E não restarão reflexos nem sombras da antiga glória da alma. A alma pecadora deverá morrer e sem cessar deverá viver numa agonia mortal, acorrentada à roda*, que a arrastará através das esferas dialéticas.

A alma decaída que reconhece o seu estado, após numerosas e inimagináveis tentativas para elevar-se, poderá indagar a si mesma: "Como poderá a alma decaída salvar-se?" A esta pergunta fundamental a Gnosis dá uma resposta. Mas é preciso saber se a alma decaída será capaz de compreendê-la... se ainda tiver condições para tanto. Esta é a grande prova psicológica. Poderá a vossa alma compreender ou não a Linguagem da Gnosis?

Nesse momento psicológico a Gnosis fala ao aluno: "Tornai-vos sábios como as serpentes", após o que será esperada uma reação ou não, como resultado. A que serpentes são feitas tais alusões? Não será isto alguma alusão aos dois princípios da alma em nós? De maneira nenhuma! Trata-se, porém, da irradiação da própria Gnosis; trata-se da Serpente de Ouro do verdadeiro Espírito divino... e nenhum sacerdote autêntico ousará reproduzi-la neste ou noutro metal, para com ela ornar-se pomposamente.

Essa irradiação espiritual, essas flamas ígneas do Espírito, aparecem igualmente em duas formas: na primeira, elas despertam o novo Adamas e na segun-

* Ver glossário.

da, a nova Hevah, isto é, os dois aspectos da nova alma, "que está diante de Deus". Esses dois toques também são representados como os serafins e os querubins; como as serpentes de ouro e os grifos, os animais alados dos mistérios.

Na antiga mitologia persa, grifo representava o animal misterioso que guardava a montanha áurea. Se o aluno ainda conseguir entender o chamado da Gnosis, dirigir-se-á para a montanha do Espírito, de onde lhe virá o auxílio. E quando se aproximar da montanha sagrada das bem-aventuranças, clamará em alta voz: "Meu auxílio virá do Senhor, que fez todas as coisas ' "

Logo após ter pronunciado este mantra, os guardas da montanha, os misteriosos grifos, os querubins, pairarão à sua volta. Um deles atirar-se-á contra ele com a rapidez e o fulgor de um raio, rasgando-lhe o peito, e abrasando seu sistema fogo serpentino com poderoso calor. O aluno, assim tocado pelo fogo do Espírito, ouve tremendo trovão, e por entre o estrondo uma voz: "Um filho do homem e um filho das serpentes. Vê, eu te envio como ovelha para o meio dos lobos; sê, pois, sábio como as serpentes ' "

Então, o aluno afasta-se da montanha áurea, uma vez que o tempo de sua ascensão ainda não chegou. Novamente retorna ao vale e segue como ovelha entre os lobos, os braços cruzados sobre a ardente ferida que o grifo lhe fizera. Como servidor, agora ele está sob a nova lei, que lhe diz:

“Não sigais pelo caminho dos gentios” — estes são os indiferentes — “e não entreis nas cidades dos samaritanos” — estes são os que mostram somente aparências, “mas ide às ovelhas perdidas” — isto é, àqueles que, devido à sua natureza essencial poderão ser salvos e ajudados.

“Ide, pregai e dizei: ‘O reino do céu está próximo’. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expeli os demônios”, o que quer dizer: abalai o mundo dialético.

“Não vos proveis de ouro nem de prata, nem cobre em vossas bolsas, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sapatos, nem bordão, pois digno é o trabalhador do seu alimento.” Isto significa: no que concerne ao instinto dialético de posse, dele não vos preocupeis de maneira alguma, mesmo em se tratando da posse do alimento diário. Não ambicioneis posse alguma, pois todo o servidor do reino da Luz recebe o que necessita.

“Se entrardes numa cidade ou aldeia, informai-vos acerca de alguém digno de receber-vos, e ficai com ele até vos retirardes. Ao entrardes em alguma casa, saudai-a, e se esta for digna, descera sobre ela a vossa paz; porém, se for indigna, a vossa paz retornará a vós. E se alguém não vos receber nem ouvir as vossas palavras, saí dessa casa ou da cidade e sacudi o pó de vossos pés.”

“Guardai-vos porém dos homens; eles vos entregarão aos tribunais e vos flagelarão em suas escolas. E se vos perseguirem numa cidade, fugi para outra,

porque em verdade vos digo: não acabareis de percorrer todas as cidades antes que venha o Filho do Homem.”

É assim que ressoa a sagrada lei ao peregrino enobrecido. Se o trabalhador proceder de acordo com essa lei, o velho eu e as duas traidoras serpentes desta natureza morrerão a morte absoluta. O auto-sacrifício endurístico é um sacrifício a serviço da humanidade.

Apesar de o aluno mal iniciar o trabalho, dirigindo-se penosamente de cidade em cidade, de criatura a criatura, levando a nova: *“Hora est!”*, o reino dos céus está próximo, ele percebe ter diante de si um infundável e longo caminho; mas, subitamente, como por milagre, se encontra na montanha áurea entre serafins e querubins, diante da própria onipresença, ouvindo palavras que jamais foram ouvidas por criaturas humanas.

Portanto, tornai-vos sábios como as serpentes! Esta é a chave para a senda. De que maneira deveis receber essa sabedoria? Como deveis utilizar essa chave? A resposta a estas perguntas é-vos dada na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. O fato de poder dar resposta a essas perguntas justifica para a Escola Espiritual a sua razão de ser. Responder a essas perguntas é o dever sagrado da Escola. E se um obreiro olvida esse dever, mesmo por uma única vez, então ele deixa de cumpri-lo.

Do Velho Testamento conheceis a história do povo judeu, que é também a história do aluno no caminho.

Na Escola Espiritual, um grupo de alunos que se apresenta voluntariamente para a viagem é conduzido para fora da terra do Egito, através do deserto, rumo à terra da promessa. Sabeis disso. Durante anos a fio deixamo-vos ver e suportar a vida dialética como um abismo infernal, e convocamo-vos a seguir para a nova vida. É uma viagem pelo deserto, pois abandonastes tudo o que vos ligava ao velho Egito.

É compreensível que tal caminhada pelo deserto vos traga suas próprias dificuldades: tensões e conflitos que não podem ser poupados a nenhum aluno; situações que farão alguns suspirarem: "Mas, que fui eu começar?" E assim, de tempos em tempos, sentirão saudades das agitações simples e normais da vida dialética.

Por isso, é psicologicamente certo quando lemos no quarto livro de Moisés que os peregrinos no deserto, em seu caminho para o Mar de Caniço, começaram a murmurar: "Por que nos tirastes do Egito, para morrermos no deserto? Aqui não há pão nem água e nossa alma está enojada deste alimento magro". Depois está escrito que o Espírito, que conduzia o povo, lançou sobre o mesmo serpentes venenosas e assim eles morreram.

É preciso compreender corretamente essa narrativa. No sentido dos mistérios libertadores, todo o peregrino no deserto encontra-se num estado transitório. Ele não é mais totalmente dialético, e muito pouco ou nada se pode falar do novo vir-a-ser humano. Nesse estado ainda se está exposto a um fortís-

simo e concentrado agarramento de todas as forças providas de baixo, e ao mesmo tempo existe uma certa faculdade receptiva para as forças da Gnosis. Se o aluno reagir às sugestões da Gnosis, será compreensível que as inimizades providas de baixo se acentuem mais.

Se o aluno atender às vozes da velha natureza, então as sugestões da Gnosis tornar-se-ão para ele semelhantes a serpentes venenosas, pois as vibrações do fogo gnóstico vão encontrar um solo bastante desarmonioso, uma vez que esse solo, pela decisão tomada pelo aluno de peregrinar pelo deserto, foi aberto para a Gnosis.

Assim, nessa fase de seu desenvolvimento, o aluno se encontrará como que entre dois fogos. Terá de escolher entre a inimizade da natureza dialética e a morte espiritual. É absolutamente excluída toda a possibilidade de um acordo. Em tal conflito o aluno indaga: "Que devo fazer?" Então, ele é defrontado com a serpente de cobre, que está pregada na cruz. Tão logo no deserto o aluno seja picado pela serpente de ouro do Espírito, e se ele se colocar frente à serpente de cobre, fitando-a, conservará a vida.

Certamente compreenderéis essa linguagem figurada. O colocar-se diante da serpente de cobre e fitá-la, enquanto ela está pendurada na cruz, significa crucificar em si o potencial da alma-eu, até que esse potencial haja morrido. É este o definitivo rompimento das garras da natureza em nós.

Se não vos colocardes deste modo diante da

serpente de cobre, fitando-a resolutamente, ao mesmo tempo em que abris a vossa essência à serpente de ouro do Espírito; e se deste modo preterderdes servir a dois senhores, a Deus e a Mamom, ao Espírito e à Natureza, então sereis desligados do Espírito. Esta morte é infinitamente mais pavorosa do que a morte ocasional da natureza.

Se o aluno resolver o grande conflito no deserto a favor do chamado do Espírito, e se ele puder nessa grande tentação levar avante a verdadeira vitória, então ser-lhe-á entregue o ovo de ouro da serpente. Receber o ovo de ouro da serpente significa obter a prova fundamental e estrutural de haver-se iniciado o segundo nascimento. O ovo de ouro da serpente relaciona-se com o desenvolvimento de uma nova aura, de uma outra aura dentro do campo microcômico. Nessa aura são concentradas todas as forças do novo vir-a-ser humano, sob a direção da centelha do Espírito redespertada. E à medida em que a velha aura, com tudo o que nela se encontre, for submergindo, a nova aura, a aura áurea é vivificada e fortalecida.

Assim, em certo momento, dois seres vivem no microcosmo: o velho homem que segue o caminho da endura, o homem-João; e o novo homem, o homem da Manisola, o homem-Jesus. E lá, onde ambos se encontram, o homem-João fala, apontando para o homem-Jesus: "Ele deve crescer, e eu devo diminuir"

É isso o que o *Casamento Alquímico de Cristão Rosacruz* também quer dizer para nós. O pássaro é aí preparado para o auto-sacrifício, e o novo rei e a

nova rainha, o novo Adamas e a nova Hevah, isto é, a nova alma, nascem desse processo alquímico. O novo rei chama o irmão joanino de "seu pai", pois foi este que o redimiu e o fez surgir, através do seu auto-sacrifício, com pão, água e sal, isto é, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Aqueles que desse modo foram aceitos nesse maravilhoso e duplo processo alquímico, e elevados à dignidade de Cavaleiros da Pedra Aurea, terão de prestar a seguinte promessa: "Vós, senhores cavaleiros, deveis jurar que jamais subordinareis a vossa Ordem a qualquer espécie de demônio ou espírito, porém somente a Deus, vosso Criador, e à Sua serva, a Natureza.

Que toda e qualquer luxúria, libertinagem ou impureza sejam detestadas, e não maculeis com tais vícios a vossa Ordem; que possais, pelas vossas dádivas, auxiliar a todos aqueles que são dignos e que necessitam desse auxílio. Que não almejeis tal honra para empregá-la no esplendor e na alta reputação mundana. Que não desejeis viver mais tempo do que o queira Deus".

V

A GNOSIS DA PISTIS

SOPHIA

Quando Jesus, o Senhor, fala sobre João, o Batista, o grande e elevado anunciador dos Mistérios de Cristo, ele o chama o maior entre os profetas e o maior nascido de mulher, porém, acrescenta que o menor no reino de céu é maior do que ele. Aqui a atenção é conduzida para dois reinos da natureza, onde se realiza o curso da humanidade: o reino da "ira", como Jacob Boehme denomina esta natureza, e o reino da luz original.

Freqüentemente referimo-nos ao reino da "ira" como sendo a dialética, pela qual todos somos envolvidos. Também várias vezes já vos explicamos quais os desenvolvimentos possíveis nesse reino dialético e como eles se desenvolvem ciclicamente. Sem dúvida, eles poderão elevar-se de seu ponto de partida até as nuvens, mas, concluído o prazo determinado, são condenados a retornar à mais extrema profundidade, ao ponto de partida inicial.

Como alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea também podemos imaginar como um ser huma-

no pode entrar no eterno reino da Luz, e como o seu desenvolvimento pode progredir de força em força, de glória em glória. Podemos compreender também que um sereno pesquisador, por força de sua existência no reino dialético, onde nasceu e se criou, comece a interpretar o chamado da Fraternidade do reino da Luz e se empenhe em despertar a atenção de seus companheiros desta natureza para o esforço misericordioso dos Hierofantes da Gnosis, e na medida do possível, salvar muitos deste reino dialético e introduzi-los no eterno reino da Luz.

Testemunharemos amplamente que um tal anunciador é na verdade um grande profeta, possivelmente o "maior nascido de mulher", porém o ser humano que realmente tenha entrado no eterno reino da Luz é maior do que ele. Enquanto *um* ainda dá o testemunho, falando sobre esse reino, o outro nele já entrou.

Como intróito à Gnosis da Pistis Sophia*, antecipamos algumas reflexões, pois o evangelho de Cristo quer nos dizer que ainda temos de dar muitos passos antes que o mistério da Luz possa iniciar-se e tornar-se realidade em nós.

No reino da natureza dialética, onde com certeza vos encontráis, sereis primeiramente atingidos pela palavra do anunciador, mas aí de vós se ficardes parados nisso! A palavra do anunciador, assim como a compreensão da mesma, referem-se apenas à capacidade de compreender tudo aquilo que o mistério da Luz quer de vós. Nem toda a alma desta natureza possui

esta faculdade. Trata-se porém de um determinado estar-se aberto ao eterno reino da Luz, fato esse presente somente em alguns poucos.

Pode acontecer também que uma criatura olhe esta faculdade como um estado de realização e af permaneça. Pode ser que baseados numa tal faculdade faleis sobre os mistérios da Luz, sobre Cristo e sobre toda a sabedoria transfigurística. Além do mais, pode acontecer que a comoção do vosso coração nessa contemplação seja evidente, e a radiação do vosso santuário da cabeça testemunhe compreensão, e justamente por isso estareis em perigo, porque o menor no reino do céu é maior, muitas vezes maior do que vós.

Após a *anunciação* ter sido aceita por vós e conseqüentemente afirmada em vós, seguir-se-á a esse batismo primário com água viva, o batismo pelo fogo, isto é, a renúncia, o desfazer-se, o queimar a natureza da "ira" para que um ser recém-nascido, regenerado, possa entrar no eterno reino da Luz.

É o toque preparatório, o toque do precursor, do anunciador. O toque preparatório geralmente é uma intervenção muito rigorosa. Esta intervenção adapta-se aos hábitos do país, aos seus costumes e modos, ou seja, ao tipo racial da humanidade. Esta intervenção visa abrir o homem ao mistério da Luz e despertar nele a faculdade natural de reação.

Se essa intervenção tiver êxito e se em conseqüência a faculdade natural voltar a manifestar-se, então se deve aguardar se ele apenas se contenta com a ativi-

dade de tal faculdade e nela permanece, ou se nessa base deseja ir ao encontro do batismo de fogo. Se o caso for este último, então um tal aluno "no dia seguinte" vê Jesus, o Senhor, vir ao seu encontro, o que quer dizer que só então um tal aluno se abre verdadeiramente à Gnosis e torna-se uma Pistis Sophia, isto é, um aluno que, em verdadeira união de fé da Pistis, retorna novamente à sabedoria primordial, a Sophia. Um tal aluno iniciou, por conseguinte, o processo de transfiguração para si mesmo e agora se encontra corporalmente diante dos mistérios da Luz. Ele tornou-se um discípulo. A luz do toque primário afasta-se dele e a Luz dos mistérios o acolhe em seu círculo de atividade.

Esta grande e santa transformação é descrita muitas vezes na linguagem sagrada como violento terremoto, como uma grande impetuosidade do mundo, como um grande temor que ataca o discípulo. O que se quer dizer com tais alusões talvez vos seja bem compreensível, pois é concernente à entrada do aluno num campo vibratório completamente diferente, que ultrapassa em muito as vibrações de seu campo natural. Nessa comoção desenrolar-se-á a demolição das mais cristalizadas ligações da natureza, e o temor aqui descrito não significa "medo", mas sim uma ininterrupta e espontânea circunspeção ao toque do Espírito, que surgiu no aluno.

Temer a Deus não é pois nenhuma psicose de medo, porém uma compreensível atenção ao Espírito, que tocou o microcosmo. Na Bíblia é dito que tal

comoção tem a duração da terceira à nona hora. Isto significa que esse toque tem origem no inominável amor de Deus e depois se desenvolve a um dinâmico apogeu. E quando este dinâmico apogeu for atingido, os céus abrir-se-ão e o aluno verá Jesus "descendo do céu".

Essa linguagem figurada indica que a ligação com o reino do fogo, com o eterno reino da Luz, é de tal maneira que por fim surge uma ponte, perceptível pelos sentidos, entre o aluno e o mistério da Luz. Por isso, temos de encarar o espaço entre a terceira e a nona hora como um prova. O aluno será provado se pelo toque descrito permanecerá temente a Deus ou se recai no velho e costumeiro modo de viver. O aluno mesmo constrói a ponte entre si e o reino da Luz. A ponte é um estado de ser que lhe possibilita retornar efetivamente ao reino da Luz. Por isso, é dito na sabedoria gnóstica que o Senhor dos Mistérios da Luz escurece a sua própria luz diante do aluno, para que este possa percebê-Lo.

Isso possivelmente pede ainda um esclarecimento. Se a total Luz do reino imutável, em toda a plenitude, tocasse o aluno dialético, ser-lhe-ia completamente impossível suportá-la e reagir à mesma. Por esta razão, a Luz transforma-se num estado que permite ao aluno iniciar o caminho da redenção.

Essa é a ponte ou o manto que o aluno recebe como veste de penitência para encetar sua peregrinação. Esta veste penitencial não é nenhuma vestimenta de vergonha, nem uma assinatura de pecador, porém é

a veste da regeneração misericordiosa. À medida, pois, que o aluno for seguindo o seu caminho, a luz de sua veste compreensivelmente irá aumentando e tornar-se-á cada vez mais resplandecente.

O toque pela Luz dos mistérios de Cristo — e mais uma vez vos seja dito — diferencia-se clara e distintamente do toque de luz da esfera refletora. Deveis compreender isto muito bem, pois o discernimento certo e a ação em concordância com isso são condições prévias para se resistir à tempestade ocasionada pelo toque da Luz.

Primeiramente, a luz da esfera refletora, quando aparecer, estará em concordância imediata com o vosso estado natural; em segundo lugar, não despertará a menor tempestade, visto que se liga ao vosso nível de existência; e, em terceiro lugar, dirige-se à vossa consciência-eu.

Sem dúvida, a luz da esfera refletora poderá falar-vos belas e elevadas palavras sobre Cristo e Seu reino, porém estas vozes, com todos os discursos e sermões a respeito de Cristo, estão em concordância com este lado do véu. No melhor dos casos, a luz da esfera refletora poderá ir até a fase anunciadora, que acabamos de narrar-vos. Sabeis que “não são os que clamam: Senhor, Senhor, mas sim os que fazem a vontade do meu Pai que entrarão no eterno reino da Luz”.

O toque do eterno reino da Luz é reconhecido imediatamente pelo fato de ser qual golpe de espada, em virtude da nossa natureza comum. É uma vibração

de um outro reino de natureza, que não toma em consideração nem a natureza dialética nem o eu, e de modo algum é amável, belo e maravilhoso como a arte dialética nos quer fazer crer. O toque desperta uma tempestade, uma violenta agitação no vosso sistema de vida, demolindo esta natureza, e o aluno que souber resistir a essa tempestade receberá o manto do tesouro da Luz.

A respeito dessa tempestade ainda haveria muito que dizer, portanto mais algumas palavras sobre esse assunto certamente não serão supérfluas, principalmente porque muitos cometem o erro de se cercarem, intelectual ou emocionalmente, de pensamentos ou sentimentos de ilusão. Em vista disso, precisais estar profundamente compenetrados do fato de que vos tornastes objeto de intensa luta ao vos dirigirdes da fase de anunciação ao batismo pelo fogo!

A hierarquia da luz da esfera refletora é duodécupla. Ela se liga, através das doze forças da *lipika** humana, a cada entidade da esfera material. Deste modo, podemos imaginar que tão logo o aluno se dirija ao eterno reino da Luz e procure o batismo pelo fogo, surge uma grande desarmonia entre ele e a duodécupla hierarquia. Esta é a desarmonia que causa a separação tempestuosa entre as duas naturezas. Esta tempestade toca todo o ser, em relação à consciência, alma e corpo. Desta luta o aluno deve sair como um peregrino, ornado com o manto de Luz.

O eterno reino da Luz possui três aspectos; é por isso que se fala dos três grandes mistérios da

Luz. O primeiro mistério relaciona-se com o renascimento espiritual, com a entrada do Espírito Santo no microcosmo. O segundo relaciona-se com o renascimento da alma, com a nova radiação da consciência, que toma forma no sistema do fogo serpentina. O terceiro, com o renascimento de todo o ser. Essa tríplice transfiguração é um poderoso processo e é um mistério em si mesmo. Esse mistério da realização só será revelado àqueles que forem dignos para tanto e que em automaçonaria souberem abrir as diversas portas. Por isso, não é nossa intenção falar-vos sobre estes assuntos puramente pessoais.

É, porém, nossa tarefa dirigir a vossa atenção para o seguinte: neste mundo há mensageiros que operam com uma, duas, três ou quatro forças gnósticas. Queremos dizer com isso que existem mensageiros operando com o toque preparatório, o toque do anunciador. Pelo fato de esta força igualar-se completamente a esta natureza, e por tratar-se meramente de uma força que tem capacidade de despertar uma reação espontânea e natural, é claro que tal força somente tem uma ação despertadora, porém nunca demolidora. Quando, por conseguinte, os ouvintes no templo da Rosacruz forem colocados sob a influência dessas radiações de força e não forem por ela despertados, também não serão prejudicados.

Se, contudo, um mensageiro penetrou no primeiro mistério, ele não só batizará seus ouvintes com água, mas também com fogo, e já sabemos que o batismo pelo fogo é extremamente demolidor e

consumidor em relação a esta natureza. Quando um tal mensageiro se apresenta, de antemão prevenirá seus alunos que não poderão ser impunemente confrontados com o primeiro mistério, a força do Espírito. E o aluno não poderá, portanto, sem mais nem menos, escutar, aceitar ou recusar emocional ou intelectualmente. Quando uma criatura aproximar-se intencionalmente do primeiro mistério, será atingida pela queima do fogo.

Tudo isso deve ser enfaticamente exposto à vossa atenção. Na Escola da Rosacruz sois influenciados, pelo menos, pelo primeiro mistério. Por isso o templo da Rosacruz está fechado para o trabalho público e somente é acessível a alunos sérios. Eis por que na Escola zela-se ininterruptamente pelos alunos acima mencionados, em seus próprios interesses. Todos os alunos mornos, indiferentes e indignos são afastados das fileiras para não serem atingidos pelas forças destruidoras do primeiro mistério.

Aos restantes é explicado, sem cessar, o que deles é exigido. Ninguém poderá permanecer parado, na contemplação ou na tomada de conhecimento. Na Escola da Rosacruz Aurea trata-se de "tudo ou nada", e por isso terá de ser posta sobre os vossos ombros essa total responsabilidade.

Se uma criatura indigna colocar-se como aluno, sob a influência do primeiro mistério, e resolver afirmar-se na Escola, então, sob a ação do primeiro mistério, a duodécupla *lipika**terrena tornar-se-á mais forte e ativa, com todas as inerentes conseqüências.

Se um aluno se colocar indignamente sob a influência do segundo mistério, o seu sistema nervoso será despedaçado de maneira duodécupla. E se um aluno indigno colocar-se sob a influência do terceiro mistério, então a sua inteira personalidade terá de carregar de maneira duodécupla as conseqüências.

Unicamente nos casos em que as forças dos mistérios se aproximam de criaturas que não as afrontam intencionalmente mediante jactância, incredulidade, hipocrisia ou astúcia, é que a força derramada, sem causar dano, voltará ao mensageiro. Assim, deve estar claro para vós que todos aqueles que, após advertidos, ainda continuam proclamando-se alunos e intimamente não o são, terão elaborado sua sentença de acordo com sua autoconservação.

De todos os alunos da Escola Espiritual se espera que se tornem uma Pistis Sophia. Isto quer dizer: um aluno que, no conhecimento da fé, rompe conscientemente para a eterna sabedoria. Um tal aluno faz aliança com a Gnosis para a ressurreição. Para todos os outros que se delongam na Escola, deve-se falar de uma causa para uma queda. Vede, nós vos temos prevenido!

VI

A GNOSIS E A IGREJA

O aluno da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea certamente tem pleno conhecimento de que os sistemas das igrejas e seitas dos nossos tempos, medidos pelas normas da realidade, sem exceção, estão presos às correntes da religiosidade natural. Este é o destino trágico de todos os que neste mundo se ocupam com religião. Certamente não será supérfluo colocar mais uma vez diante de vossa consciência a essência da religião natural e a sua inevitabilidade, e a seguir tirar conclusões no tocante à Gnosis e à igreja.

Se vos ocupardes com as escrituras santas dos diversos períodos da humanidade, descobrireis que os grandes e santos mensageiros de Deus aludiam continuamente ao *retorno* a uma pátria que foi perdida, ao retorno a uma essência que é denominada Pai ou Deus. Todas as informações das escrituras sagradas de todos os tempos giram em torno deste pensamento central do retorno.

Se Deus é vosso Pai, vós sois seu filho; então, Jesus Cristo e os outros grandes são vossos irmãos. A

diferença entre eles e vós é, pois, a consequência de um deplorável incidente que vos fez cair de vosso estado de esplendor de outrora. E a Escritura Sagrada não é outra coisa senão uma carta dizendo: "Regresse, tudo está esquecido e perdoado na graça do amor". Então, Jesus é uma figura que, descendo da magnificência, vem ao vosso encontro para buscar-vos e ajudar-vos em vossa viagem de retorno.

Se fosse assim — e sabeis que o homem religioso dos nossos dias cultua esse ponto de vista — a total obra do esforço divino seria facílissima, tão simples que não haveria razão de possuir-se, quer filosófica, quer teologicamente, circunvoluções cerebrais especiais para pesquisar e compreender o esforço divino de salvação.

Simplemente desenvolvemos a seqüente reflexão com a sua correspondente ação. Vamos mostrar-vos essa reflexão e essa ação em diversas tonalidades, mas ireis reconhecer imediatamente que todas as diferenças nas atividades religiosas são meramente aparentes.

1. Existe um Deus. Ele é meu Pai; eu sou Seu filho. Sou um filho decaído. A pátria foi por mim esquecida, mas agora quero a ela voltar. E de maneira conveniente peço socorro. O Pai envia Seu Filho. Pela ajuda do filho serei acolhido na aliança da graça. Poderei ficar tranqüilo, pois na clemência desta união finalmente voltarei ao lar. A permanência nesta aliança da graça impõe determinadas exigências em relação à moral, à compreensão, à razão e aos costumes. Se

me colocar sob esta lei, o Senhor da lei se realizará em mim no devido tempo.

2. Existe um Deus. Ele é meu Pai. Eu sou Seu filho. Somos todos filhos de um mesmo Pai. Sou o filho decaído, e o mundo ao meu redor também é decaído. Portanto, se eu me erguer e me ofertar ao mundo em auto-sacrifício e filantropia, para que o mundo seja reerguido, desse modo eu, juntamente com o mundo, colocar-nos-emos novamente em concordância com as leis divinas. Dentro da atividade da marcha do mundo e da humanidade, tudo reunir-se-á novamente ao Pai.

3. Existe um Deus. Ele é meu Pai. Eu sou Seu filho, porém um filho decaído que nada mais sabe do Pai e da pátria. Vivo nas trevas e na miséria, num mundo de tristezas e pecados. Quando desejo o bem, pratico o mal. Em mim e ao redor de mim está o inferno. Não conheço mais nenhuma saída, quase adoço por tédio. Procuo refúgio nos prazeres, na arte, no amor, no esquecimento. Um dia a redenção surgirá desse esquecimento.

4. Existe um Deus. Ele é meu Pai. Eu sou Seu filho decaído. Onde está Deus, e de onde caí eu? Ele está no invisível, onde eu estava. Onde se encontra o invisível? Naturalmente no Além. No entanto, não pretendo esperar até que por meio natural possa chegar ao Além. Quero freqüentá-lo agora, ou o mais depressa possível, conscientemente. Quero ali atuar conscientemente agora, ou o mais depressa possível. Como poderei adquirir esta dupla consciência? Por

meio do desenvolvimento dos poderes latentes em mim. Se tal eu conseguir, caminharei de novo na Luz, igualmente como Ele na Luz está.

5. Existe um Deus. Ele é vosso Pai e todos os seres sublimes são vossos irmãos. Sois Seu filho decaído, porém esta queda de modo algum é um estado efetivo. Podereis imediatamente transformá-la numa ressurreição. De que modo? Amando, assim como o Pai vos ama. Se assim o fizerdes, surgirá uma alteração vibratória. Por intermédio dessa lei fundamental do amor, as vibrações fundamentais do vosso ser serão restabelecidas. Se isso fizerdes, tudo voltará à perfeita ordem. Não disse Ele: "Antes que chames, responderei"? Se isso realizardes, caminhareis sobre o mar, como Ele, e multiplicareis os pães, como Ele, e curareis os enfermos, como Ele.

Em suma, tudo fareis, podereis e possuireis, do mesmo modo que Ele. Não mais morrereis, pois eternidade e tempo tornaram-se uma unidade. O Além será o aqui, e o aqui será o Além, não importando de que lado olhais. Então, sereis um mestre, tanto do longínquo Oriente como do Ocidente próximo, mestre de todo o vosso ser, tornando-vos Deus, pois sendo Deus vosso Pai, certamente sois Seu filho, e cada filho tem parte na herança do pai. Qualquer filho tem conhecimento disso. Mais simples e ingênuo não pode ser. É o "Abre-te Sésamo!" Procurais a fórmula mágica? Ela se chama alteração vibratória.

Se lançardes os vossos olhos nos exemplos das vidas religiosas ou esotérico-religiosas, exemplos esses

que podem estender-se até o infinito, sabereis então que toda a humanidade compreende, interpreta, experimenta de uma forma animista o *retorno* indicado na Bíblia. A linha Deus-homem-imortalidade é na religiosidade natural uma linha que se inflete de cima para baixo e desse nadir eleva-se novamente. Sois, assim se diz, a imagem desfigurada de Deus. Por conseguinte, nesta ordem de idéias, Deus é o protótipo da vossa verdadeira natureza, visto serdes Seu filho. Como consequência, o nosso mundo, conforme este pensamento, é a residência de Deus, como também a dos Seus filhos. Deus habita na parte invisível da nossa natureza, e nós aqui.

Se considerardes que a humanidade desde há alguns milhões de anos vem seguindo essa sucessão de pensamentos, então podereis imaginar que na chamada parte invisível da nossa natureza pululam os protótipos. Se em nossos pensamentos criarmos um determinado tipo que incessantemente animamos com as nossas forças e adorações, chamando-o de Jesus ou de Buda, então poderemos imaginar quais serão as consequências disso até o infinito dos tempos.

Deveis, pois, reconhecer como todos vós cooperais demoradamente na conservação desses tipos-pensamentos. Se nisso colaborardes, conseqüentemente estareis atados a isso. Tereis que derrubar em vós e ao vosso redor todo esse panteão da religiosidade natural. Nesse sentido é preciso que imponhais uma decisiva posição de recusa, ou sereis mais que vergonhosamente enganados.

Assim, chegamos à conclusão de que cada homem, independentemente de suas tendências místicas ou ocultistas, projeta-se a "si mesmo" no futuro, numa forma melhorada, mediante um protótipo religioso, ocultista ou humanitarista. Desse modo, toda a aspiração humana é animista em seu processo natural de autoconservação; é indiferente se idealizais a salvação através da insondável misericórdia ou se a imaginais como um processo evolutivo dirigido. Não importa se direis "preciso retornar à lei fundamental do amor" ou "serei salvo pela graça de Jesus Cristo", pois estas duas afirmações são idênticas; ambas concebem o retorno no sentido desta natureza. É necessário despedir-vos das ilusões religiosas ou ocultistas, pois elas são vossas destruidoras.

Quando falamos de ilusões, não deveis pensar em alucinações, mistificações e ficções; pelo contrário, os nossos protótipos no invisível e tudo o que deles parte, tudo o que por eles é conservado, é muito realístico. Falamos de ilusões se credes que podeis ser libertos dos sofrimentos e dissabores, desembaraçando-vos da roda enquanto continuais servindo aos vossos protótipos. Por isso, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea aconselha-vos a que vos livreis totalmente dos vossos passatempos enganosos e rompais completamente com tudo o que ainda conservais a esse respeito. Deveis arrancar de vós a atitude mística, a total vida religiosa em igrejas, seitas e sociedades esotéricas. É necessário, neste sentido,

impor um categórico basta a todo o impulso de hábitos, e para fortalecer vossa decisão é mister desvendar o animismo onde ele se encontrar.

Há dias, durante a transmissão radiofônica de um culto matinal, um pastor fazia uma oração mais ou menos assim: "Querido Pai que estás no Céu, nós, teus filhos, viemos a Ti neste maravilhoso dia primaveril para agradecer-Te o belíssimo tempo que alegre e nos faz prever como será maravilhoso estar Contigo..."

Quando se ouve tais palavras proferidas por um teólogo que se diz cristão, então a ligação do aludido senhor com o deus natural é certamente muito forte. Nossa objeção não diz respeito ao dia primaveril, pois quem não o acharia agradável? Quem não se sentiria reanimado? Nossa objeção é simplesmente contra a menção feita ao nosso Pai celestial e a Jesus Cristo, relacionando-os a um mero fenômeno natural.

Escrevemo-vos a respeito da Gnosis, sobre a eterna realidade da verdadeira vida. De várias maneiras queremos tornar bem claro para vós o intransponível abismo existente entre aquela vida e a nossa; entre o Cristo da Bíblia e o Cristo das igrejas; entre o Pai celestial e o deus natural do dia primaveril.

Desejamos dar-vos agora uma imagem do chamado e da intenção da Gnosis, para que possais captar a mensagem da salvação da eterna plenitude de Deus. Em algumas pessoas existem duas naturezas: uma proveniente totalmente deste mundo, e outra que não é deste mundo, mas é aprisionada por ele.

Esta natureza elevada e aprisionada terá de ser libertada e redimida do mundo dos sentidos. Somente esta natureza mais elevada é descendente da natureza divina, e ela está como uma realidade quebrada, espalhada em forma de incontáveis germes de vida divina entre a humanidade. Por intermédio de um santo processo esses germes de vida divina poderão ser libertos e reconduzidos à fonte original.

É a meta da Gnosis conscientizar de seu destino todas as criaturas que lhe são aparentadas e de reconduzi-las à plenitude da vida divina. Por esses motivos adverte-se seriamente, em todos os ensinamentos gnósticos, da religiosidade racial e de toda a escritura sagrada racial, como por exemplo, o Velho Testamento. Pois a religião racial abusa do Ensino Universal* para os seus próprios objetivos, os quais sempre estão no âmbito deste mundo. O deus do Velho Testamento é um deus absolutamente natural, um demiurgo, e está diametralmente oposto ao Deus do Novo Testamento.

As criaturas em afinidade com a Gnosis, portanto não a personalidade desta natureza dialética, são indicadas na Bíblia como filhos de Deus, e somente estes filhos poderão ser redimidos em sentido gnóstico. A natureza dialética poderá, em união com o deus natural, o demiurgo, dentro dos limites do tempo e do giro da roda, alterar temporariamente sua posição e ocupar uma certa relação com o centro de sua própria natureza. Por isso, não há sentido algum querer alcançar a plenitude da natureza divin

com a natureza dialética, e sobrecarregar-se e cansar-se com a sabedoria da natureza divina dentro da natureza dialética.

Essa sabedoria da plenitude divina permanece oculta para todo o ser dialético e tampouco poderá ser trazida pelos mestres do longínquo Oriente ou do próximo Ocidente. A sabedoria da Gnosis não se deixa profanar. A sabedoria da natureza superior somente poderá ser acolhida e retida por uma natureza semelhante. Eis por que é dito com razão no Novo Testamento: "Aquele que afirma ser sábio e não executa as obras é um insensato". Por esse motivo é também impossível uma filosofia gnóstica; tudo o mais que denominamos filosofia é supérfluo e enganador. A sabedoria da plenitude divina somente poderá ser experimentada e vivida. Filosofia é especulação.

Por ensinamento da sabedoria compreendemos o desejo da natureza superior pela redenção. Quando a aprisionada centelha do espírito aspira por essa redenção; quando a natureza superior se torna cônica de sua pobreza na prisão, ela herdará neste anseio a bem-aventurança da sabedoria. Portanto, somente é sábio aquele que trilhar a senda.

Abjuramos, portanto, em completa auto-oposição, todas as religiões, todo o ocultismo, todo o humanitarismo, toda a filosofia e qualquer modalidade de ilusão, e aspiramos à unificação do verdadeiro germe de vida divino com a fonte original do Espírito. Esta aspiração é uma luta diária contra a própria

natureza dialética que em autodeclínio terá de desistir de sua soberania sobre a natureza superior. Somente quando esta aspiração for coroada de êxito, é que podereis experimentar a Gnosis.

Portanto, tendes de escolher entre três atitudes de vida: primeiro, servir ininterruptamente ao deus natural, ao demiurgo; segundo, filosofar sobre a Gnosis ou perder-se nas correspondentes especulações místicas; e terceiro, a completa aceitação da senda. As duas primeiras atitudes de vida são completamente idênticas entre si; apenas a terceira é libertadora. Por isso, a Bíblia assegura com razão que a fé deve andar junto com as obras e assim tornar-se-á perfeita pelas obras. Por esta razão Paulo diz em I Coríntios 8: "A ciência envaidece, mas o amor edifica. Se alguém julgar que conhece alguma coisa, absolutamente não a conhece como deveria conhecê-la, mas se alguém ama a Deus, esse é conhecido por Ele".

Todo o saber provém desta natureza. Se alguém se aproximar de Deus, isto é, da Gnosis, dirá como Cristão Rosacruz: "A soma de todo o conhecimento é que nada sabemos". Não somos nós que devemos reconhecer a Deus, porém é Deus que deve reconhecer-nos. O Espírito precisa introduzir-se em nosso microcosmo. Tão logo possuímos esse Espírito, e não antes, possuiremos sabedoria.

Libertai-vos dos vossos ídolos, trilhai a senda e sereis sábios. Então servireis a Deus, não com a vossa sabedoria, mas com as elevadas realidades das vossas obras.

VII

A GNOSIS E OS POETAS

E PENSADORES

Certamente sabeis muito bem que não podemos aproximar-nos da Gnosis, isto é, da unidade, liberdade e amor divinos, quer por intermédio de uma aspiração e vida ocultista natural, quer por meio de emoções místicas ou especulações filosóficas. O homem que isso compreendeu e que, portanto, mediante profundo impulso interior, mantém dirigido o seu olhar "às montanhas, de onde lhe virá o auxílio", liberta-se de todas as tradicionais ilusões místicas, ocultas e humanitárias para dar lugar ao processo da livre-maçonaria transfigurística.

Das múltiplas experiências dos últimos anos resulta que numerosos alunos e pesquisadores interessados tomam conhecimento do chamado libertador que parte da Escola Espiritual da Rosacruz Aurea, mas sentem a maior dificuldade na compreensão da mensagem transfigurística, e mostram uma forte surpresa e confusão sempre que essa jubilosa mensagem é enviada ao mundo.

Sabeis que Nicodemos demonstrou grande e

infantil ignorância ao ouvir Jesus, o Senhor, falar-lhe do renascimento e seus caminhos de redenção. "Tu és um mestre e desconheces estas coisas?", foi-lhe dito em tom de censura. Talvez nos sintamos inclinados a olhar com um sorriso presunçoso esse ignorante. Mas permiti-nos dizer-vos que o mundo inteiro — e também a antecâmara da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea — está repleto de inúmeras naturezas nicodêmicas. Elas dispõem de uma clara compreensão e de um coração amoroso; todavia, somente com a aplicação de intenso esforço, alguns, no melhor dos casos, conseguem receber apenas uma confusa imagem dos caminhos da transfiguração. Esta confusão e esta meia compreensão mostram-se sobretudo na prática, isto é, quando realmente são feitas tentativas para trilhar esses caminhos.

Por isso, devemos perguntar-nos como surgiu este bloqueio de consciência. De fato, em quase toda a existência falta um elo de ligação, de modo que não possam ser vistos os caminhos da salvação. É como se um dos centros cerebrais estivesse danificado, como se algo tivesse sido perdido do nosso poder sensorial comum de percepção, de maneira que, ao chegar o momento, agiríamos puerilmente qual Nicodemos. Não soa de maneira agradável a verificação de que a humanidade toda, nesse ponto, só é responsável de maneira reduzida. Foi, sem dúvida, tomando em consideração essa restrita responsabilidade humana, que Cristo disse estas palavras: "Pai, perdoai-os porque eles não sabem o que fazem".

Num período da existência dialética jamais estarão presentes valores e qualidades estáticos. No mundo dialético tudo está subordinado às intermináveis alterações. O mesmo acontece em relação à receptibilidade para com a Luz, a verdade e a realidade. Quando, após uma revolução cósmica, a parte restante da humanidade dialética é novamente acorrentada à rotação da roda, para desse modo obter uma totalmente nova possibilidade para a libertação, então a receptividade à verdade da vida divina, vista dialeticamente, torna-se ideal. Todavia, à medida que o tempo avança e o homem não aproveita as oportunidades, a receptividade torna-se cada vez menor, até desaparecer por completo.

A criatura que perdeu essa receptividade não somente terá de aguardar uma nova encarnação, mas também uma nova alvorada após uma revolução cósmica, pois a receptividade às impressões da verdadeira vida divina não pode ser obtida pelo nascimento: ou ainda a possuiis ou não. Caso ainda a possuiis, estejais conscientes de que tal posse não é uma posse estática. É fato científico que a possibilidade de se estabelecer uma eventual ligação com a Gnosis encontra-se, em cada homem, em contínuo decréscimo.

Devido a esse fato, soa urgente *uma voz*, advertindo, estimulando. Por esse motivo é divulgada a *hora est*. Este chamado parte para aqueles que ainda a ele podem reagir, e atrás dele está o claro saber de que essa faculdade de reação diminui constantemente.

Portanto, ao soar esse dinâmico chamado, e surpresos perguntardes qual a necessidade de tudo isso, podeis compreender com científica segurança o que está por detrás, isto é, o desejo de ajudar-vos enquanto ainda for possível. Esta é a razão por que numa obra como a nossa está sempre presente uma certa movimentação, uma atmosfera renovadora, onde é realizada uma ação para despertar-vos ao caminho espiritual.

Sabeis talvez que na retina ocular existe um ponto completamente cego, totalmente incapaz de reagir. Fechando-se o olho esquerdo e olhando-se com o outro para a esquerda, a imagem projetada torna-se então invisível para essa parte do olho que está com a visão, pelo fato de ela cair exatamente no ponto cego. Igualmente podereis imaginar que diversos centros na cabeça, no coração e no sistema espinal são simplesmente cegos ou assim se tornam para certas vibrações e sugestões. Quando uma criatura alcançou um tal estado, torna-se simplesmente impossível auxiliá-la. Tal estado de incapacidade orgânica sensorial para absorver impressões da vida libertadora é a fase final de um processo puramente natural. Qualquer criatura pode atingir essa incapacidade sensorial depois de haver-se movimentado de existência em existência na linha horizontal.

Ao mesmo tempo convém considerar que este processo de crescente incapacidade poderá ser apressado por outros. Deve estar claro para vós que a hierarquia desta nossa ordem de natureza tenha

interesse em que vos torneis incapazes tão rapidamente quanto possível. Tão logo esta fase tenha sido alcançada numa vida humana, a hierarquia nada mais terá de recear. A respectiva vida humana em questão não mais poderá escapar-lhe! Assim, surge entre duas revoluções cósmicas o processo natural de uma redução da faculdade de aptidão e ao mesmo tempo uma atividade crescente da hierarquia* para apressar esse processo.

O método que a hierarquia deste mundo aplica poderá ser plenamente percebido. Suponde que possuís autoridade sobre alguém e que mantendes esta autoridade explorando a pessoa em questão. Se descobris que o escravo da vossa autoridade é receptível a impressões pelas quais é capaz de subtrair-se de vossa dominação, então idealizais medidas para imunizar o vosso escravo do impulso despertador da libertação.

Como o conseguireis? De dois modos: externa e internamente. Existem impulsos transfigurísticos que por todas as maneiras possíveis chegam à humanidade com o propósito de libertar escravos. Então, ireis apoderar-vos desses impulsos e dareis aos mesmos a vossa própria interpretação. Caso esses impulsos estivessem contidos em livros, proibiríeis ou queimáreis tais livros. E se não vos fosse possível fazê-lo, então desfiguráreis o conteúdo desses livros por todas as formas imagináveis. Além do mais, criáreis uma organização que escolheria esses livros como base de vida. Deles poderíeis falar e extrair o

que vos agradasse, e com isso, criar uma ciência a fim de que o perigo pudesse esgotar-se na linha horizontal. O escravo sempre pensaria que estava percebendo a palavra da vida, mas vós, contudo, ainda puxaríeis os fios.

Se este método não mais corresponder às exigências, o escravo então será atacado na sede de sua consciência, isto é, em seu sangue. Pelo nascimento e magia, o sangue será mantido entenebrecido e este estado de trevas será conservado. Assim, o escravo não mais conseguirá escapar a essa dupla prisão. Reconhecereis com isso que, além do processo natural ao qual estamos todos sujeitos, o nosso sangue é também envenenado por uma forma causada por terceiros, e os objetos de vosso interesse são intencionalmente desfigurados.

Ninguém deve julgar que no tocante a isso ficará incólume. Através de ininterruptas misturas sanguíneas, estais ligados com os vossos semelhantes, de modo que a massa humana que ainda continua exposta diretamente à depravação do sangue pela magia da Igreja também influencia a vossa vida.

Se a isso ainda aliarmos o fato de que através de numerosos séculos o pensamento humano continua sendo conscientemente dirigido para a dialética, e que nos apoderamos de quase todos os apelos transfigurísticos para, segundo o método descrito, desnaturá-los, então podeis imaginar porque dispensais tanto esforço para compreender o chamado da salvação e porque as vossas reações à palavra da vida

são interpretadas tão à moda nicodêmica. Além do processo natural de declínio, o homem ainda está mutilado e propositalmente corrompido. Por isso, o tempo urge. Entre os verdadeiros alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea ainda existe uma certa faculdade de reação. Contudo, a receptividade para a Gnosis decresce continuamente. É esta a razão por que a Escola Espiritual não cessará, enquanto ainda houver tempo, de abrir-vos à verdade e impelir-vos para a regeneração.

Continuamente, ano após ano, explicamo-vos que o chamado para a transfiguração não é invenção dos servidores da Escola, porém, o chamado que soa desde o princípio. E sempre de novo dirigimos a vossa atenção para as escrituras sagradas de todos os tempos, a fim de provar e confirmar as nossas informações.

Justamente pelo fato de a Bíblia ser o objeto de interesse e deturpação por parte da magia da Igreja, pode acontecer que, ao explicar-vos o nosso ponto de vista em relação à Bíblia, possais dizer: "Sim, esta é a vossa interpretação, mas outros têm outro ponto de vista". Desse modo, começais a ponderar reciprocamente sobre as diversas interpretações, perdendo-vos em toda a sorte de apreciações e comparações, e assim também a pista. Também a desconcertante multiplicidade de idéias é um método da hierarquia do mundo para conservar-vos escravos.

Não renunciaremos aos nossos esforços para despertar-vos. Por esse motivo, com ênfase em nossa

argumentação, não queremos permanecer na contemplação da Bíblia, mas desejamos dirigir a vossa atenção para os poetas e pensadores que falaram e testemunharam da irrefutável verdade e da necessidade da transfiguração. Naturalmente que neste assunto não poderemos ser completos. Fizemos simplesmente uma escolha de grandes testemunhas, a fim de vos ocupar-des mais de perto com elas, quando vos sentirdes impelidos para tal.

É nossa intenção indicar-vos novamente a meta sagrada que está oculta aos espertos e aos sábios *deste* mundo. Se ao menos pudésseis reencontrar o fio perdido, se ao menos pudésseis recolocar o elo que está faltando na corrente, então o chamado para vós não teria soado em vão. Não se espera de vós que abarqueis de um só relance a total plenitude da vida divina. Trata-se da ligação restabelecida para um novo nascimento. Mesmo que ainda estejais envolvidos pelas primeiras fraldas do nascimento da nova filiação, tendes mais valor do que se estivésseis equipados com o maior poder de consciência desta natureza, pois conheceis as palavras: "O que está oculto aos espertos e sábios desta natureza é revelado aos filhos de Deus".

Assim, em primeiro lugar dirigimos vossa atenção para Dante, o grande poeta da Idade Média. Talvez tenhais sua obra-prima, *A Divina Comédia*, em vossa estante, e provavelmente já tenhais lido. Nunca percebestes que a *Divina Comédia* é uma genuína e verdadeira obra gnóstica? Compreendestes que ela indica um real caminho de santificação?

As descrições de Dante sobre o inferno, o monte da purificação e o paraíso não são sonhos poéticos, fantásticos ou arbitrários, porém a viva personificação de toda a senda da transfiguração. Com o *inferno*, Dante descreve o inferno da vida dialética e suas conseqüências; com o *purgatório*, o monte da purificação, ele demonstra de que maneira pode ser liberto o núcleo espiritual, que é a base para a nova vida, através do autoperecimento. E, com o *paraíso*, ele representa o reino de Deus.

Quem ainda, com existente aptidão interna, estudar estas três obras, reconhecerá uma perfeita e clara imagem do Ensino Universal. Se realmente sois uma pessoa erudita e se a luz espiritual ainda conseguir penetrar-vos é quase impossível que não tenhais compreendido a mensagem da *Divina Comédia* e divisado os tesouros nela contidos.

Existem na *Divina Comédia* três figuras centrais: Virgílio, Dante e Beatriz. Dante é o microcosmo anelante, o sistema total que em dado momento se descobre a si próprio no exílio da dialética e é tocado pelo chamado da Gnosis; Virgílio é o seu ser dialético, o verdadeiro eu da natureza, a consciência dialética. Guiado por Virgílio, Dante atravessa o inferno e descobre este mundo em seu estado infernal e em sua realidade despedaçada. Sob a direção de Virgílio, Dante penetra no purgatório, no mundo do autoperecimento. Após subir este monte da purificação até o pináculo, após ter sofrido e investigado, Virgílio o deixa só. O ser terreno, o eu da natureza deve morrer,

pois não pode penetrar no novo país. João terá de submergir quando Jesus aparecer.

Mal Virgílio desaparece, eis que surge diante de Dante a outra, Beatriz. Beatriz significa a proporcionadora da felicidade, a verdadeira outra celeste, a nova figura que aparecerá quando o eu terreno desaparecer, a própria alegria eternal! Beatriz é a Gnosis, a eterna mensageira da felicidade.

Gostaríamos de escrever-vos mais minuciosamente sobre a maravilhosa *Divina Comédia*, porém urge o tempo e sois vós mesmos que tereis de penetrar na Luz. Por isso, ainda vos indicamos Bacon, a grande figura por detrás de Shakespeare, Jacob Boehme e Walt Whitman, três escolhidos ao acaso na grande lista das testemunhas transfigurísticas, que confirmam a verdade e a irrefutabilidade da *Divina Comédia*.

O homem que uma vez se encontrar com o *outro* será, como diz Bacon, o rico que com o auxílio da chave dispõe permanentemente de suas eternas riquezas. A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea procura incessantemente colocar em vossas mãos a chave, o fio perdido, pois sois vós mesmos que tereis de usá-la. Por isso, diz Boehme: "O conhecimento espiritual não pode ser transmitido de um intelecto para outro, mas é necessário procurá-lo no Espírito de Deus, isto é, a Gnosis".

E Whitman a reforça com sua sentença: "A sabedoria não pode ser transmitida por aquele que a possui para um outro que não a possua". Disso se demonstra que toda a filosofia é especulação. Quem

não irrompeu para a Luz nada possui e nada pode. O aluno deve emergir de todo o saber dialético para chegar à intimidade oculta com Deus. Somente quando tiver encontrado Beatriz, adentrará no Paraíso e tornar-se-á uno com a Gnosis.

Por isso, o aluno deixa tudo atrás de si, rompe com toda a sua vida de ilusão e fala do imo, como o antigo clássico e iluminado espanhol, João da Cruz:

“Se quereis ouvir.

a mais elevada sabedoria

encontra-se no próprio ser de Deus.

É sinal de Sua graça

ser-se liberto de toda a compreensão

e de todo o conhecimento segundo a natureza”.

VIII

A GNOSIS COMO PRANA ORIGINAL

Como é do vosso conhecimento, todo o ser vivente neste campo de existência consome forças, ao mesmo tempo que produz forças. Nós consumimos e produzimos força vital. O nosso microcosmo é uma estação receptora para diversas forças cósmicas que transformamos, parte para consumo próprio, em nossa economia doméstica, e parte para doá-la a outrem. Além disso, sabemos que nessa grande economia de vida diária reina a anarquia, um equilíbrio conturbado, e a vida, por conseguinte, não desabrocha em crescente beleza, mas no mais das vezes *afirma-se* em comoções convulsivas e alterações dramáticas.

Aqui vivemos apesar de saber que somos parte de um microcosmo. Toda a nossa existência, dia após dia, ano após ano, é uma justaposição de incidentes como consequência de perturbações na própria economia doméstica, bem como por dificuldades existenciais de outros, nas quais somos comprometidos e das quais não nos podemos subtrair. Temos de

lutar pela existência; a nossa vida é uma vida de auto-afirmação.

Chamais a isso "vida", porém se investigásseis o seu sentido, o susto ou a comoção estremeceria vosso coração. Tão logo aparecemos nesta vida, tudo já é predisposto para nos armar "contra ela"; e, enquanto aqui permanecemos, muitos se preparam para a vida no Além por meios religiosos naturais ou ocultos naturais.

Não viveis, apenas existis. E para este existir tereis de lutar, segundo após segundo. Pensais ver um plano neste existir, uma meta, um sentido, uma ordem divina. Mas como é possível ver algo que não pode ser visto? Como é possível especular sobre um futuro que jamais virá? Como é possível permanecer neste auto-engano sem perceber a ilusão?

Nossa existência é sofrimento, labuta e dissabor. Assim aconteceu com as gerações antecedentes, está acontecendo agora e acontecerá com as gerações vindouras. A história do mundo, desde o raiar dos primórdios tempos até o presente, vem demonstrando que a existência jamais poderá desfazer-se do sofrimento, da labuta e do dissabor, nem das ilusões, da automanutenção e da dialética, tanto aqui como no Além. Se não admitirdes esta realidade dura como pedra, se ainda não podeis admiti-la, então a Gnosis nada terá a dizer-vos.

Mas se reconheceis algo desta realidade, então sereis espontaneamente impelidos, desde o vosso imo, a procurar o sentido da vida. E então ficareis

sabendo que *vida* não pode ser o mesmo que *existir*. O *existir* jamais se converterá em *vida*, e tampouco a *vida* em *existir*. Contemplando o vosso microcosmo do ponto de vista do *existir*, podereis dizer: "Não vivo, minha existência é uma ilusão de *vida*". E se pudésseis observar o vosso microcosmo do ponto de vista do *viver*, descobriríeis que morrestes, que estais absolutamente mortos para a *vida*.

Alguma coisa morreu em vosso microcosmo e, em conseqüência disso, outra coisa veio à existência. Se aquilo que morreu pudesse despertar, o *existir* e o *existente* desapareceriam, e a *vida* propriamente dita ressurgiria. Não podeis transformar o *existir* e o *existente* em *vida*. E se o tentásseis, a *vida* permaneceria em seu túmulo. Quando o *existir* e o *existente* forem levados à sepultura, não em virtude da morte natural, mas estrutural e fundamentalmente, a *vida* então ressurgirá do túmulo. É esse o único sentido da Páscoa segundo o Evangelho.

É impossível haver qualquer compromisso entre o *existir* e a *vida*. O *existir* jamais poderá ter parte na *vida*. Os esforços milenares da existência para alcançar a *vida* poderão ser explicados nos próprios sinônimos da existência: sofrimento, labuta e dissabor. Sem dúvida, o *existir* poderá tentar escapar a esses sinônimos da existência pela religião, ocultismo, materialismo e humanitarismo, mas não terá sucesso. Se não concordardes com isso, não será preciso discutirmos nem entrarmos em violentos debates, porque mutuamente separar-nos-emos em completa paz, seguindo

cada um o seu caminho, e em seu devido tempo descobriremos os resultados.

Escrevemo-vos estas coisas porque descobrimos o sentido da vida e desejamos cooperar convosco na libertação total do vosso microcosmo do sofrimento, da labuta e do dissabor. Se desse modo podemos ajudar-vos, ficai certos de que nos empenharemos convosco em levar à sepultura o existir e o existente, visto ser este sepultamento condição indispensável à ressurreição da vida.

Já vos escrevemos que cada microcosmo consome força vital e produz força vital. Esta força necessária à existência é o *prana*, assim chamado pelos antigos. Esta palavra podeis traduzi-la como substância da vida, como pão da vida. Existem diversas espécies de prana. Queremos dizer com isso ser possível um número ilimitado de estados dessa substância primordial. Queremos dividir em dois títulos esses estados da substância primordial e falarmos de força de existência e força vital; ou de prana e de prana primordial; ou ainda, segundo a Bíblia, de alimento transitório e pão da vida.

Quando a Gnosis se dirige a vós e vos fala, é ao vosso microcosmo que ela se dirige. Cada microcosmo possui três estados de consciência. Primeiramente, o microcosmo é consciente de si mesmo como totalidade, como sistema. Em vista disso, podemos falar de uma consciência cósmica. Em segundo lugar, o microcosmo possui uma consciência na figura da personalidade que nela surgiu. Em terceiro lugar o micro-

cosmo possui um subconsciente, no qual estão registradas todas as experiências da consciência cósmica, como também as da consciência da personalidade.

Quando falamos da consciência cósmica, não nos referimos a algo como consciência espiritual, pois todo o estado de consciência é um estado substancial puramente natural. A consciência reage ao Espírito, porém não é o Espírito. As coisas devem ser vistas da seguinte maneira: a vossa consciência cósmica corresponde a toda a vossa esfera de existência. Por meio dessa consciência é atraída e transmutada a substância primordial, o prana. Nesta esfera de existência desenvolve-se um resultado, a figura da personalidade com uma consciência que lhe é própria. Os resultados desses dois processos e condições se fixam finalmente no subconsciente.

Se possuíis uma personalidade pecadora, ímpia, isso é a prova da existência de uma consciência cósmica pecadora, ímpia, uma vez que a personalidade foi criada dessa consciência cósmica. Conseqüentemente, a morte fundamental da natureza, que designamos como endurecimento, o extinguir fundamental da existência e do existente, não consiste em primeiro lugar na extinção da personalidade e de sua consciência, mas sim na extinção fundamental da existente consciência cósmica. Por isso, a Bíblia chama este extinguir da consciência cósmica e microcósmica de primeira morte.

E quando a consciência cósmica tiver morrido segundo a natureza dialética e novamente se encon-

trar em perfeita harmonia com Deus, com o Espírito, então a figura da personalidade, que foi criada por essa consciência cósmica pecaminosa e agora morta, é igualmente extinta, e uma outra personalidade completamente nova será levada ao desenvolvimento.

Esse declínio da velha personalidade é denominado na Bíblia como a segunda morte, e deve-se acrescentar que ninguém será prejudicado pela segunda morte por ocasião de uma revolução cósmica. Quando um microcosmo é liberto de sua consciência pecaminosa e, por conseguinte, morrendo a primeira morte, a supressão do corpo material não prejudicará absolutamente o processo do renascimento. Quando há séculos milhares de cátaros* foram presos, torturados e mortos pela Inquisição, o processo de regeneração de há muito vinha-se desenvolvendo neles e, assim sendo, não mais eram prejudicados pela morte.

Se lançarmos um olhar sobre a total estrutura do sistema microcósmico, descobriremos várias possibilidades para mistificação e ilusão. Um grupo dessas ilusões encontra-se no plano do subconsciente; outro, no plano da consciência comum, e mais outro ainda no plano da consciência cósmica.

Há pessoas que submergem totalmente na esfera do subconsciente. Isso significa que elas se entregam inteiramente, com a personalidade existente, às suas aspirações, inspirações, inclinações e instintos, com todos os possíveis aspectos de genialidade, idealidade, animalidade, bondade e maldade. Tudo isso é regalar-se, escavar e remexer no passado. É um passatempo

que contribui para um imenso sofrimento e desgosto.

Existem criaturas que mergulham totalmente na esfera do consciente. Elas negam qualquer sugestão do subconsciente e se colocam, com toda a sua necessidade existencial e seus impulsos existenciais, no presente atual, numa total auto-afirmação, com o emprego de todas as possibilidades de sua consciência. Sabeis para onde tudo isso conduz.

Também existem seres que mergulham completamente na esfera da consciência cósmica. O que isso significa é mais difícil de ser compreendido. As pessoas que possuem a consciência cósmica desta natureza tentam subtrair-se a si mesmas das conseqüências do pecado e da morte, pondo, tanto quanto possível, ordem no intercâmbio entre o nosso domínio de existência e o do multiforme prana. Os cosmicamente conscientes são os fundadores da lei, são os eões* da natureza dialética. Enquanto vão colocando e segurando tudo sob sua lei, vão prolongando esta nossa ordem de existência e conservando o sofrimento, a labuta e o dissabor.

Os cosmicamente conscientes formam o governo hierárquico da natureza. Os só conscientes são os rebanhos que vivem sob a lei e em vez de leite fornecem prana transmutado, do qual vivem os cosmicamente conscientes. Os subconscientes presenteiam os rebanhos com um mar de ilusões religiosas, artísticas e científicas e deste modo a existência inaceitável aparenta ser a "vida"; em conseqüência, a humanidade inteira põe sua esperança no futuro, um futuro em

que crê fugir ao seu doloroso existir.

Certamente em vossas reflexões sobre esta exposição encontrar-vos-eis perante uma dificuldade. Interrogareis a vós mesmos por que o cosmicamente consciente necessita dessa exploração, com a qual manterá sua existência e a existência de seu mundo. Procuraremos esclarecer-vos isso. A compreensão desse fato poderá mostrar-se bastante misericordiosa, pois se reconhecerdes como e para que sois explorados, vereis diante de vós mais claramente o caminho da libertação.

Um microcosmo é uma consciência de forma esferoidal, no qual uma determinada idéia abstrata chega a desenvolver-se com a ajuda do prana, isto é, da substância primordial. A idéia na qual está baseado esse desenvolvimento não provém do prana nem do microcosmo, ou daquele que se encontra no microcosmo, porém de um domínio extracósmico, supra-prânico. O microcosmo é o meio para uma finalidade e jamais é a própria finalidade. É por essa razão que dizemos que a consciência não é a meta, mas apenas um meio para chegar-se a ela. Consciência é alma e deverá ser animada por algo diferente.

A meta do Todo repousa em Deus, que é Espírito, isto é, um domínio situado acima e fora do domínio prânico. Tão logo a consciência, presente no microcosmo, encontre-se em sintonia com a meta, "caminhando nas mãos de Deus", será irradiada para dentro do sistema uma substância prânica completamente pura e correspondente com a referida meta.

Então, todo o sistema se tornará num campo de irradiação de grande esplendor, e por meio de transmutação é devolvida uma substância prânica ao domínio, a qual confere ao domínio prânico maiores possibilidades. Em conseqüência, o desenvolvimento pode realizar-se melhor, mais rapidamente, de maneira mais grandiosa.

É um axioma divino que a substância divina pode tornar-se mais divina, mas gloriosa e poderosa por meio dos filhos de Deus. Desta maneira, portanto, pode desenvolver-se uma evolução no domínio prânico.

Quando, porém, uma consciência separa-se do Espírito diretor e segue seu próprio caminho, desenvolve-se uma necessidade por prana que não pode ser subtraído do prana primordial. Como conseqüência disso, um tal microcosmo já não pode mais manter-se no domínio prânico original e naufraga num domínio inferior. Também neste domínio inferior reinam normas que não podem ser ultrapassadas. As conseqüências disso forçosamente seriam o total desnaturamento do microcosmo por falta de subsistência ou, então, o voltar a reconciliar-se renovadamente com o domínio prânico original.

Ainda existe uma outra possibilidade. Quando uma quantidade de microcosmos cai do domínio prânico original, chega ao domínio prânico inferior num estado de neutralidade prânica. Isto significa que o prana neste domínio poderá dar-lhes a oportunidade de uma ressurreição, como também de uma

queda mais profunda. Este estado é necessário para possibilitar o retorno.

Todas as vezes que nós, como sistema, absorvemos prana como pão de existência, devolvemos prana. Se este prana transmutado estiver em equilíbrio com a região prânica na qual vivemos como microcosmos, então receberemos novamente prana macrocósmico para assegurar a nossa ulterior subsistência. Se aquilo que restituímos não possuir esse equilíbrio, então nossas obras, nossos produtos retornarão a nós, e assim criamos ao nosso redor uma região prânica particular, da qual devemos existir. A ligação entre nós e o domínio prânico rompeu-se. Dessa situação desenvolve-se uma grande miséria, terrível necessidade de existência, dando motivo a uma queda cada vez mais profunda.

As entidades que são da mesma espécie e ainda dispõem de sua supraconsciência reconhecem esses perigos e reúnem ao seu redor todos os seus semelhantes. Desta maneira, muitos microcosmos formam, no domínio prânico, um grande esferóide diversificado. A substância prânica procedente dessa multiplicidade será igual ao esterco que o lavrador armazena para fertilizar sua terra, concentrada e guardada num deserto prânico, como provisão para a subsistência. E, assim, o fim da existência mortal é prolongado ao máximo.

Os supraconscientes encontram-se no centro dessa rede e obrigam todos os conscientes e subconscientes, sob o rigor de uma lei, a entregar todos os

seus produtos prânicos à coletividade, na esperança vã de um dia conseguirem retirar da substância primordial, outra vez, por meio da cultura, o prana original, ou, pelo menos, o prana inferior. É dessa maneira que existe a nuvem ímpia da natureza pervertida no grande domínio cósmico. Esta nuvem ímpia gira, como um esferóide, no espaço do prana inferior. Por essa razão, as nossas próprias ações nos acompanham e o nosso domínio de existência é a nossa prisão microcósmica.

Mas a Gnosis não nos deixa nesta região de medo sem nos oferecer a oportunidade para a salvação. Cada microcosmo recebe a ilimitada possibilidade de abandonar a qualquer momento o seu domínio de existência e retornar ao domínio da vida. Cada microcosmo pode, por si mesmo, como um esferóide, e como um *minutum mundum*, desprender-se diretamente dessa nuvem ímpia e, em razão desse afastamento, ser novamente acolhido no domínio prânico primordial.

Receber o prana original significa renunciar à supraconsciência, a consciência cósmica da natureza, e acolher de novo no sistema o pão da vida. Quem receber o pão da vida, quem puder recebê-lo, dará provas inconfundíveis em todo o seu sistema e jamais será prejudicado pela segunda morte.

Possivelmente agora compreenderéis as palavras do Evangelho de João: "Em verdade vos digo: se não comerdes da carne do Filho do Homem, se não beberdes do seu sangue, não tereis a vida em vós.

Eu sou o pão da vida. Quem comer deste pão viverá eternamente”.

Quem com esse pão encetar a viagem, coloca o pé no caminho da libertação.

IX

A GNOSIS E A REGENERAÇÃO DA

TOTAL NATUREZA

Depois de tudo o que já foi dito sobre a Gnosis, será compreensível para vós que o total sistema microcómico* pode ser subdividido em três aspectos da consciência:

- I - a consciência cósmica, assim chamada porque se relaciona com o total sistema microcómico;
- II - a consciência da personalidade, que se relaciona exclusivamente com a personalidade; e
- III - o subconsciente, que, primeiramente, representa a síntese dos outros dois estados de consciência, visto que nele fica retida a soma total das experiências tidas pelas outras duas consciências. O subconsciente, em segundo lugar, serve de espelho, com cujo auxílio a consciência cósmica se dá a conhecer à consciência da personalidade. Além disso, o subconsciente controla alguns pontos importantes nos santuários da cabeça, do coração e da pélvis, além de outros centros, como o dos pés e o das mãos.

O aluno terá de saber tudo isso para poder compreender o que se passa quando a Gnosis começa a regenerar a total natureza dele. Quem quer compreender algo do Casamento Alquímico de Cristão Rosacruz deverá pesquisar a presença e a atividade dos três estados de consciência, ou das três almas.

A Fraternidade Universal deseja esclarecer, aos que puderem compreender e sejam capazes de trilhar a senda, as bases elementares para o processo de transmutação, pois a hora chegou. A senda é desvendada para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, o que quer dizer que a Gnosis, em elevada atividade, revela-se a todos os que possuam a possibilidade microcós mica de recebê-la.

Os grandes focos da Escola Espiritual estão preparados e prestam seus serviços neste trabalho revelador. Por isso, novamente precisamos aconselhar com ênfase os alunos para que, de maneira adequada, façam uso desses focos. Nossa Escola possui diversos focos. Se os alunos se esforçarem suficientemente e se entregarem à obra da única maneira possível, surgirão mais outros focos. Esse esforço não vos será exigido; ele deverá surgir interna e espontaneamente.

Referimo-nos aos esforços em muitos setores, pois, à proporção que isso reconhecerdes e neles vos fordes revelando, a grande obra irá-se expandindo de maneira imprevisível, a tal ponto que, no decorrer do tempo, será possível trabalhar com muitos focos. Se vos preparardes cada vez mais e melhor,

para penetrardes nos ensinamentos de lições como estas, ireis compreendendo, cada vez melhor o conjunto, e sereis capazes de utilizar a ajuda cheia de graça da Gnosis, a fim de receberdes em vosso sistema microcósmino a santa luz sétupla.

Como é do vosso conhecimento, a atividade salvadora do prana original universal é designada como santa luz sétupla. No início do Apocalipse de João — que é o homem que se dirige de novo para o espírito universal do amor, isto é, ao prana original — observais como esse irmão é defrontado com um mistério sétuplo. Ele vê sete candelabros de ouro e, entre eles, a forma humana original, com sete estrelas na destra. Ele recebe a incumbência de dirigir-se às sete comunidades que se encontram na Ásia e de transmitir a cada uma delas uma mensagem do Espírito sétuplo.

Este mistério dirige, entre outros, a atenção sobre o fato de que o total microcosmo possui sete aspectos e cada um desses aspectos, novamente, se distingue de maneira sétupla. Falamos, na verdade, das sete esferas ou princípios do macrocosmo*, mas o microcosmo também possui sete esferas.

Eis por que o candidato aos mistérios transfigurísticos, quando de novo se defronta com o prana original em sua consciência cósmica, deve, igualmente, acender um candelabro de ouro, com sete braços, pois, no processo transfigurístico, os sete princípios do microcosmo e seus sete aspectos devem ser inteiramente regenerados. A luz sétupla precisa penetrar, de

modo purificador e demolidor, até as mais escuras profundidades da constelação sétupla microcós mica, e na radiação dessa luz sétupla deverá realizar-se a regeneração da total natureza microcós mica.

Cada aluno da Escola precisa conhecer como, onde e quando poderá tomar o fio do sétuplo processo de libertação. E só quando esse fio houver sido retomado, poderá o microcosmo transviado reencontrar sua luminosa saída. Seguir essa pista no labirinto dialético só é possível quando a santa luz sétupla ainda se reflete, ou novamente se refletir no subconsciente e, dessa maneira, penetrar na consciência da personalidade e na consciência cósmica.

Essa possibilidade refletora depende de dois fatores. O primeiro fator é a possibilidade que ainda deverá estar crescente no microcosmo como sistema sétuplo. O segundo fator é a atitude de vida do candidato, que oferece oportunidade para isso. Unicamente quando aptidão e solicitude estiverem presentes é que o prana original, como força radiante, poderá penetrar no sistema.

Se vos volverdes, em pensamento, à entidade dos mistérios que João viu, então vos lembrareis que da boca desse ser saía uma afiada espada de dois gumes. São os golpes dessa espada que irão promover a elementar aptidão e solicitude. Na medida em que os golpes são desferidos, a força de radiação do prana original poderá agir de forma melhor no sistema. Pode acontecer que, há bastante tempo, um ser humano já venha sendo atingido várias vezes por essa

espada, sem que disso tenha consciência. O prana original terá de abrir uma passagem até o subconsciente. Uma vida de auto-sacrifício pelo esquecimento do eu nesta natureza, onde a mão direita não saiba o que a outra faz, poderá aumentar muito essa abertura. Num dado momento, um raio áureo da luz prânica original poderá penetrar até o fundo do poço.

O fundo do poço descrito no *Casamento Alquímico de Cristão Rosacruz* corresponde ao espelho do subconsciente, cuja sede se encontra no plexo sacro, na parte inferior do sistema espinal do fogo do Espírito. O raio áureo da luz prânica original deverá penetrar até o plexo sacro. Esse raio é comparado a uma corda descida num poço. Para que esse raio, essa corda, possa descer ao referido poço, é necessário remover o tampo desse poço. Esse tampo, ou cobertura, tem correspondência com o santuário da cabeça. Nesse santuário encontram-se sete rosas e cada uma delas representa uma abertura para o poço, isto é, para o subconsciente. Só quando sete cordas ou sete raios do prana original áureo tiverem descido ao poço, a atividade refletora do subconsciente poderá funcionar completamente e, então, Cristão Rosacruz, com a sexta corda, poderá ser retirado do poço.

Essa informação dirige a atenção do aluno para o seguinte fato: no momento em que o sexto raio da luz prânica original penetra no poço pela sexta rosa, a consciência cósmica torna-se consciente de sua vocação, de sua missão e da presença da luz prânica original. O sétimo raio é necessário para completar o

processo total. A consciência cósmica esteve até este momento ainda totalmente unida com o cosmo dialético e executava o trabalho que lhe tinha sido imposto pela hierarquia dialética, ou para o qual se submetia voluntariamente. Todavia, com o sétimo impulso da luz dirigido ao subconsciente, produz-se forte e penetrante som, ressoando qual trombeta, cujas vibrações se propagam pelo total sistema micro-cósmico.

Com o sexto toque, a consciência cósmica percebe o Espírito Santo exteriormente. Com o sétimo toque, o Espírito Santo penetra definitivamente no sistema e inicia-se a regeneração da total natureza.

Assim, torna-se claro o fato de podermos falar de uma primeira ressurreição. Pela atividade da santa luz sétupla, pelos sete raios dirigidos ao plexo sacro, a única e verdadeira vida penetra no sistema micro-cósmico do aluno que executou corretamente a sétupla obra preparatória. Com isso, a vida é despertada dentro do reino da morte, e sob a direção dessa vida, a morte é tragada pela vitória, como diz a Bíblia. No momento em que o prana original da vida surge no sistema microcósmico, inicia-se a morte progressiva da natureza antividina.

Pelo *consolamentum* da vida, a endura pode ser realizada. Quando um aluno está equipado com esse selo da vida, nada e ninguém poderá jamais prejudicá-lo. Nem as alturas nem as profundidades, nenhum terror poderão separá-lo de Cristo, o novo homem

divino em formação nele. Talvez compreendais agora as palavras da Carta aos Colossenses, Capítulo 3:

“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Afeiçoai-vos às coisas que são de cima e não às que são da Terra. Porque já morrestes e a vossa vida está oculta com Cristo em Deus”.

Nessa Carta aos Colossenses, carta eminentemente gnóstica, apesar de muito desfigurada, o iniciado Paulo distingue a ressurreição da manifestação, da revelação. Por esse motivo, ele continua:

“Quando Cristo se manifestar à vossa vida, então vós também vos revelareis com Ele em glória. Fazei, pois, morrer os vossos membros que estão sobre a Terra”.

Ser morador de Colossas (do grego Kolossai, cidade da Ásia menor, na Pérsia, possessão dos reis selêucidas, depois de Pérgamo, que foi convertido ao cristianismo por Paulo) quer dizer ser admitido no processo de regeneração. O que Paulo diz aos colossenses é destinado a vós se estiverdes ressurretos em Cristo.

Quando ouvis um teólogo falar sobre a “ressurreição por Cristo”, reconheceis que ele pensa ser possível uma participação no ser crístico por uma fé mística e intelectual, numa ressurreição como fato histórico. Todavia, deveis compreender que “ser ressuscitado por Cristo” relaciona-se com o nascimento da luz prânica original no sistema microcômico. E

esse nascimento somente poderá consumir-se quando, num determinado momento, soar a trombeta do sétimo raio e, por esse motivo, o microcosmo transformar-se.

Entre essa ressurreição, esse nascimento após o toque da trombeta e a manifestação do Cristo, existe um processo, um processo de morte e vida, de total transmutação. Por essa razão, todos os membros que estão na Terra e são da Terra devem ser mortos; por essa razão, o habitante de Colossas deve colaborar inteligentemente nesse processo e não considerar as coisas que estão na Terra e são da Terra, mas sim as coisas que estão em cima.

Quando a consciência cósmica de um aluno, após a preparação sétupla, estiver inflamada na luz prânica original, então essa consciência cósmica tem pleno acesso ao subconsciente. Desse modo, a força, o poder do plexo sacro funcionará como um espelho finamente polido e influenciará de baixo para cima de maneira absolutamente regeneradora, a consciência da personalidade, que ainda é totalmente da natureza. Dessa forma, será absolutamente possível que a personalidade desta natureza se submeta às sugestões da consciência cósmica, que lhe é inerente. Através do espelho do subconsciente, a personalidade pode, caso admita, deixar-se guiar pelo homem divino ressuscitado dentro do sistema e desse modo ler e compreender, incontestavelmente, o que o Espírito Santo quer-lhe dizer.

Quando o iniciado Paulo fala aos seus alunos colossenses sobre estas coisas, não os aconselha a

lutar contra o ser inferior, caindo e reerguendo-se, passando por sofrimentos e decepções contínuas, porém, indica-lhes, de modo científico, o referido processo. Então ele lhes diz que todos estão perfeitamente aptos a fazer morrer, mediante o que neles ressuscitou, os membros da natureza dialética, desde que se dirijam às coisas que estão em cima.

Não existe ninguém dentre vós que não queira dirigir-se às coisas que são de cima. Isso podemos assegurar com toda a certeza, pois, em caso contrário, não iríeis certamente consagrar algumas horas a um estudo como este. Todos vós quereis dirigir-vos às coisas que estão em cima, mas não o podeis sem antes serdes ressuscitados pelo Cristo, sem antes serdes, microcosmicamente, ligados ao prana original da vida. A ausência dessa ligação é a causa de todas as vossas dificuldades, de todos os vossos sofrimentos, de todas as vossas aflições. Sois moralmente prejudicados pelas numerosas oposições em vossa vida, porque ainda sois obrigados a comer da árvore do bem e do mal.

Todavia, quando fordes ressuscitados por Cristo, então o hierofante poderá falar-vos e podereis realizá-lo: "Buscai as coisas que são de cima". Deixai-vos guiar pela consciência cósmica — a supraconsciência, onde Cristo está à direita de Deus —, onde está o prana original da vida, o qual está perfeitamente ligado ao Logos* universal. Então, pode ser dito para vós:

"Irmãos e irmãs, vede, vós morrestes. Fostes desprendidos da dialética, mas a vida perfeita

ainda está oculta com Cristo em Deus. Fazei agora morrer progressivamente os vossos membros, que são da Terra. Então, progredireis de força em força. O que está oculto será cada vez mais revelado por Ele, que é a nossa vida. Após realizar esta transmutação, sereis revelados em glória”.

Possivelmente sentis que, entre vós e essa poderosa revelação, existe um obstáculo intransponível em vossa vida. Esse obstáculo provém do fato de que os sete raios da luz prânica original ainda não penetraram até o subconsciente, ou que ainda não reagistes convenientemente a eles, de modo que a trombeta ainda não pôde soar. Eis por que, posteriormente, vos elucidaremos o mistério dos sete raios, chamado poço da morte.

X

O AFLUIR DOS SETE RAIOS DA LUZ PRÂNICA ORIGINAL

Quando a luz prânica original, una e indivisível, toca o microcosmo do aluno, ela será absorvida pelos sete aspectos do sistema microcósmico.

No capítulo precedente, dissemos-vos que o microcosmo todo possui sete aspectos e que cada um desses sete aspectos se diferencia novamente de modo sétuplo. Quando se fala da sagrada luz sétupla, isso significa que a luz prânica original una e indivisível age no sistema microcósmico sétuplo. Quando o trabalho desse Espírito Santo já estiver concluído no microcosmo, o referido ser humano renascido segurará em sua destra as sete estrelas, o que significa que todas as estruturas do microcosmo se sintonizam de novo e totalmente com a natureza da luz prânica original, e todo o sistema revela esta vitória.

Em toda a transfiguração, a condição prévia absoluta é que o livre-maçom, com o auxílio da luz prânica original, rompa e construa. Essa luz é o pão da vida e esse pão presenteia novamente a verdadeira vida ao microcosmo. Quem puder comer esse pão,

possuirá a vida eterna, Tao. Quem puder comer esse pão universal, descobrirá que a luz prânica original atravessará rapidamente, como uma corrente de força pura, como o vinho do Espírito, todas as articulações do sistema. É a torrente universal, na qual deve ser construída a cidade divina, ou seja, o microcosmo regenerado. Este é o significado da Santa Ceia: tomar para si do pão e do vinho. É o pleno acolhimento na luz prânica original e em suas atividades.

Celebrar a santa ceia segundo os costumes dos meios religiosos naturais tem um sentido muito escasso; além disso, possui um sentido extremamente perigoso. Quando o ser natural, que está completamente dirigido para a linha horizontal desta existência, celebra esta ceia por hábito místico ou adoração, então não afluí o vinho do Espírito, mas resulta uma ligação renovada com a hierarquia da esfera refletora, um renovado encadeamento à roda, por muitas vezes.

Há anos, quando começamos o nosso trabalho na Escola da Rosacruz, manifestou-se-nos a idéia de restabelecer a verdadeira celebração da Santa Ceia. Estávamos à procura da porta, rememorando as palavras: "Vede, estou diante da porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, aí entrarei e celebrarei com ele a ceia, e ele comigo". Essa foi a razão por que iniciamos com uma atividade moderada, puramente simbólica, para despertar a pré-memória e conservá-la viva, até que o tempo tivesse chegado.

É um procedimento inteligente de cada aluno

perguntar a si mesmo como a luz prânica original pode ligar-se a ele, a fim de que ela possa exercer uma atividade criadora e reveladora em seu microcosmo. É uma questão de procedimento inteligente ponderar de que maneira pode um aluno tornar-se efetivamente um livre-maçom.

O conceito original "livre-maçonaria", e especialmente o conceito "livre" não indica o individualismo aguçado, a eu-centralização burguesa, mas significa trabalhar com e numa força verdadeiramente libertadora. Eis por que todo o esforço desligado da Gnosis é negativo em seus resultados e contribui para o aumento do sofrimento e do desgosto. Essa força da liberdade, a luz prânica original, o pão e o vinho batem à porta.

Como podemos abri-la? "Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, aí entrarei e celebrarei com ele a ceia, e ele comigo." Como poderemos abrir essa porta? É justamente isso que a Escola da Rosacruz Áurea quer ensinar-vos, ou seja, como pode ser aberta a porta para a liberdade eterna. Por esta razão, queremos falar-vos sobre o afluir dos sete raios da luz prânica original.

Ao contemplardes o céu estelar vereis diversas esferas chamadas escuras. Todas elas giram num grande campo de luz. No entanto, elas em si são escuras e só podemos percebê-las porque refletem algo da luz cósmica. Isso acontece com todos os objetos escuros. Nós só os percebemos porque a luz está presente.

Assim, podeis imaginar que a luz prânica original

também está presente, é onipresente. Ela forma um campo de luz, no qual giramos como esferas escuras. Às vezes, temos mais ou menos consciência de que nos encontramos nesta luz e existimos pela clemência deste amor universal, porém esta consciência por si mesma possui pouco valor.

Os mensageiros da Luz universal, por vezes, penetram nos pálidos lugares de nossa existência para dizer-nos: "A Luz existe. Vede, estou diante da porta e bato". Este chamado vem a nós a fim de dirigir a nossa consciência à Luz. A isto não podemos responder: "Que a Luz possa tocar-nos como um auxílio nas trevas!", exatamente como fazemos surgir, por meio mecânico, uma suposta luz. A escuridão que foi mecanicamente iluminada permanece trevas, do mesmo modo que uma entidade da esfera refletora, embora envolvida em seu manto de éter luminoso, não nos dá por este fato nenhuma prova da divina luz prânica original.

A total realidade dialética, a total ordem de existência, tudo que existe, é indicado na Bíblia como trevas. As trevas e a luz prânica original não se podem conciliar. Desse modo, a porta permanecerá fechada, até que ouseis aceitar o sagrado combate em vossa vida. Logo que imagineis que a Luz vem até vós para iluminar-vos em vosso atual estado de existência, logo que disto testemunheis, com alegria, então uma tal ligação é o resultado da falsa gnosis, com a qual vos encontrais em equilíbrio natural. O aluno deve chegar a descobrir que sua total existência, não

importa de que maneira seja iluminada, mesmo mecanicamente, sempre será de absoluta treva e não oferece nenhuma saída. Ele a descobrirá quando tiver experimentado todas as supostas possibilidades para a libertação, e quando deste modo se tornou um homem purificado e ao mesmo tempo uma criatura dialética desiludida.

Quando uma criatura, cansada e alquebrada, chega a essa descoberta, poderá adotar duas atitudes. Ela poderá negar o reconhecimento da descoberta e extrair as conseqüências disso, disfarçando o seu estado lamentável e aparentando um comportamento de paz e equilíbrio. Mas também poderá aceitar o sagrado combate. Assim, ela abrirá a porta e permitirá a entrada à santa luz sétupla. Nesse caso, ela não receberá a paz nem o toque amoroso e consolador de um sol primaveril, mas, ao contrário, atrairá em sua vida uma nova série de conflitos. Contudo, destes conflitos poder-se-á dizer: "Esta doença não é para a morte, mas para a vida".

A realidade das trevas é que deverá ser demolida e morta, pois trata-se de varrer uma ilusão de vida. Por isso, a Santa Ceia é uma ceia de morte. Depois da ceia, a ilusão e seus inumeráveis conflitos submergirão no caminho da cruz e na manhã da ressurreição. Antes que possais partilhar do ser de Cristo, antes que possais carregar a cruz da transmutação, e antes que possais fixar a rosa da manhã da ressurreição à cruz, deveis celebrar a vossa ceia. Esta ceia é uma ceia de morte. Ela relaciona-se com o afluir dos sete raios

da luz prânica original.

Na Escola do Espírito fala-se da ceia da noite, por tratar-se de uma despedida. O dia da antiga e costumeira vida dialética esvaiu-se. Na noite deste dia o aluno encaminha-se para o novo e eterno dia, esperando em breve ver o esplendor de sua aurora. A Escola da Rosacruz Áurea é um esforço da Fraternidade Universal para conduzir-vos a essa ceia. Não chegareis a ela automaticamente. É preciso que vós mesmos tomeis a decisão, porque sois vós mesmos que deveis terminar o dia da vossa natureza mediante uma orientação pessoal e inteligente. Por isso, o *Casamento Alquímico de Cristão Rosacruz* tem início com a incisiva comunicação de que Cristão Rosacruz, na véspera da Páscoa, se achava ocupado em preparar o seu querido cordeiro pascal.

Podemos constatar quatro fases principais do caminho. Em primeiro lugar, a preparação; depois, a celebração da ceia; em seguida, o caminho da cruz e, finalmente, a ressurreição. Sabemos que muitos alunos da Escola da Rosacruz Áurea possuem disposição para romperem à segunda fase. Por essa razão, a Escola quer esclarecer-vos a respeito de tudo aquilo para o que a vossa atenção deve estar dirigida e para o que deveis estar preparados.

Na segunda fase, a Gnosis, a luz prânica original, inicia convosco um processo para o qual vós mesmos vos decidistes. Este processo é uma luta, isto é, um ataque ao total ser dialético com forças que não são deste mundo. O aluno deverá ser retirado do poço.

Para tanto, como já se disse, sete cordas são descidas para dentro do poço do feneçimento. De todas as descrições da literatura de boa fé, conclui-se que isto representa o início de uma intensa luta.

Johann Valentin Andreae a descreve como uma sensação de estar retido por pesadas correntes, juntamente com inúmeros outros, que formigam desordenadamente como abelhas. Ninguém pode ver ou ouvir qualquer coisa. Predomina uma luta feroz, porque cada qual quer passar sobre o outro. Cada qual se ocupa em censurar a cegueira e a prisão do outro. E quando a luz prânica original começa o processo, mais a luta é atçada. Cada um bate e empurra ao seu redor. Falando de si próprio, Cristão Rosacruz diz que se defendia com mãos e pés de muitos ataques. A violência e o caos aumentam à medida que as cordas vão sendo descidas no poço e Cristão Rosacruz não está em condições de descrever esta confusão.

Temos de procurar uma explicação sobre esse enorme tumulto. Num dos capítulos anteriores, lestes que a luz prânica original se esforça para levar o subconsciente, sediado no plexo sacro, a um estado completamente novo. Um plexo sacro assim mudado é que forma a porta para a renovação, para a transmutação total do microcosmo. Quando o plexo sacro puder efetuar corretamente o seu trabalho refletor, o pão e o vinho da Gnosis poderão realizar a sua tarefa. O ponto capital do trabalho da livremaçonaria, na segunda fase de santificação, reside no

fato de que o aluno se esforça ao máximo para polir de maneira correta o espelho do seu subconsciente. Sobre este necessário trabalho, que o aluno terá de executar em reação espontânea ao toque da Gnosis, podemos comunicar-vos o seguinte:

Na Doutrina Universal é comum o conhecimento de que em nosso corpo se encontram quarenta e nove plexos; sete vezes sete, repartidos em sete grupos, com sete plexos cada um. A maioria destes quarenta e nove nós nervinos, ou gânglios, não pode ser constatada com o microscópio, e por isso não os encontrareis mencionados nos manuais de anatomia. Estes sete grupos, com sete plexos cada um, estão distribuídos pelo corpo inteiro.

O primeiro grupo é encontrado na cabeça, com o plexo faríngeo como centro. O segundo encontra-se no pescoço, em volta da laringe, qual uma coroa, tendo o plexo laríngeo como centro. O terceiro, nos pulmões, com o cavernoso como centro. O quarto é encontrado no coração, tendo como centro um plexo à saída do tronco braquicefálico.

O quintô grupo encontramos-lo no estômago e à sua volta, tendo como foco o epigastro. O sexto está no santuário da bacia, ligado com os órgãos sexuais. E o sétimo grupo localiza-se no sistema do fogo serpentina, tendo o plexo sacro como centro. O sétimo tem a direção do inteiro sistema plexial, o que nos leva a dizer que o plexo sacro é o núcleo dos quarenta e nove gânglios.

Para compreenderdes bem tudo isso, é mister

saberdes que o sistema dos plexos está em íntima colaboração com o sistema das glândulas endócrinas. Há, pois, quarenta e nove órgãos de secreção interna distribuídos em sete grupos, divididos em sete cada um. Precisais ver na mesma relação os quarenta e nove aspectos do sangue.

A situação da vossa existência, portanto, é a seguinte: o estado do vosso sangue forma a base para a vossa existência, enquanto que a secreção interna, conjuntamente com o sistema dos plexos, determina a vossa vida de consciência e a vossa vida de ação. Estes três aspectos encontram-se em contínuo intercâmbio. Uma alteração na atividade dos plexos traz necessariamente uma modificação na secreção interna, enquanto que a secreção interna, por sua vez, pode alterar diretamente a base sanguínea.

Se, através de uma atividade longamente sustentada, um aluno conseguir transformar sua base sanguínea, então a atividade pela qual se decidira não lhe custará, por fim, o mínimo esforço. Assim, ele consegue a vitória, que foi gravada no sangue. Uma nova posse surgiu.

Atentai agora no seguinte: se, fatigados com a luta neste mundo, chegais a descobrir que as trevas jamais poderão tornar-se luz, e que mediante processos mecânicos só podemos obter um substituto da luz, então as atividades da vossa vida, o vosso comportamento geral neste mundo, darão testemunho desse fato. Se compreendestes o que se acaba de dizer, então se torna claro que a vossa base sanguínea

modificou-se por esse meio.

É sobre essa nova base sanguínea que a Escola da Rosacruz Áurea poderá introduzir-vos na primeira fase do processo de santificação. Quer dizer que a Escola poderá dirigir a vossa atenção para o outro reino, à Gnosis, ao Prana original, à realidade da verdadeira vida.

Então, pode ser que depois de haverdes permanecido um tempo mais ou menos longo na radiação reveladora do amor, resolvais romper com a fase atual da vossa existência e seguir viagem para a única e verdadeira vida. Quando esta resolução não é tomada com emoção ou especulação intelectual, mas sob uma real necessidade de vida, tal resolução é uma verdadeira ação que ataca a secreção interna e o sangue. E através desta ação vós mesmos abrireis a porta.

E que acontece então? Por esta decisão vigorosa abrir-se-á mais ou menos uma das rosas da cabeça, pois mediante semelhante ação influenciaremos a secreção interna. Tão logo a rosa se abra, o primeiro raio da luz prânica original pode, como uma corda, descer através do fogo serpentino e procurar despertar o sistema do plexo sacro, adormecido para a vida superior.

Se essa experiência da Gnosis der bons resultados, a consequência será uma nova vida de ação, em virtude da qual se abrirá a segunda rosa, permitindo a descida de uma segunda corda. E assim, sucessivamente, até que o Espírito sétuplo tenha realizado a

sua missão e o aluno haja correspondido de maneira séptupla. A ceia foi celebrada e o aluno parte para o caminho da cruz.

Nos capítulos seguintes descreveremos minuciosamente as sete ações libertadoras realizadas durante a ceia.

XI

AS SETE AÇÕES LIBERTADORAS (I)

“Quando descobrires, após cansativa luta neste mundo, que as trevas jamais poderão tornar-se Luz e que somente por meios mecânicos poderão produzir-se um substituto para a Luz, então toda a vossa vida de ação e a vossa geral conduta neste mundo darão testemunho disto.”

Essas palavras do capítulo anterior relacionam-se com a assinatura de um ser humano que, cheio de esperança, dirige-se à escola dos mistérios. Quem ainda espera algo de substancial desta vida dialética e nela ainda não chegou a um beco sem saída, eventualmente possui grande interesse pela doutrina e problemas da transfiguração, mas a Gnosis não poderá de modo algum penetrá-lo com um aspecto libertador. Um tal interesse é meramente do intelecto ou do sentimento.

Assim, detêm-se na antecâmara da Escola duas espécies de interessados: os meramente interessados e os participantes por íntima necessidade. Somente aos últimos poder-se-á prestar auxílio imediato.

Não queremos dizer que os meramente interessados melhor fariam retirando-se, pois seria possível que tal aluno, mais tarde, se recordasse de alguns ensinamentos e os compreendesse melhor, reagindo positivamente aos mesmos. Todavia, esse grupo de interessados deve compreender que o pão da vida somente pode ser recebido por aqueles que se aproximarem da Gnosis por necessidade interior.

Possivelmente perguntareis a vós mesmos, algo preocupados e duvidosos, se de vez em quando a Escola da Rosacruz Áurea incorreria em enganos motivados por erro de apreciação, negando a um aluno o alimento da libertação ao qual ele tem direito. Uma tal decisão errônea está absolutamente excluída, pois o aluno é quem determina sua aptidão e maturidade. Ele mesmo determina os momentos de assimilação, por ações puras. Quando, por intermédio de uma ação correta, se desenvolve um momento propício de assimilação, então a Gnosis, a luz prânica original, está sempre presente para ingressar por esta porta aberta.

Se ainda vos perguntardes: "Não serei esquecido ou reconhecido?", então a velha atitude continua a pregar-vos mais uma peça e colocar-vos sob a lei.

Todavia, vós mesmos é que deveis cumprir a lei, tornar-vos a lei. Cumprir a lei da nova vida não quer dizer estudar uma quantidade de artigos, decorá-los e seguí-los exteriormente, porém conduzir-se por um novo modo de agir, de tal maneira que a separação entre vós e a Gnosis seja abolida. Enquanto esta

porta conservar-se fechada, pouco resta a fazer por vós. Sois vós mesmos que deveis abrir a porta mediante um novo modo de agir, que é a consequência da vossa necessidade íntima. Não podemos alertar-vos suficientemente sobre isso. Não deveis imitar um novo modo de agir e nem pô-lo em prática, pois certamente não tereis bom êxito. A nova ação deve ser espontânea, nascida de uma necessidade interior.

Quando tal ação, quando tal conduta se concretizar, então a primeira fase do processo de santificação poderá ser realizada. Um aluno nessa condição é um estranho, um extraviado. Ele só tem um anseio: "regressar ao lar". No começo ele não sabe para onde se orientar; não sabe em que direção se encontra o "lar". E assim se desenvolve algo que podemos chamar de desespero, uma busca como necessidade vital. No momento preciso, essa busca será respondida por uma bem compreendida sugestão da Rosacruz. Os ensinamentos, alocações e outras atividades da fraternidade mostrar-se-ão numa luz totalmente diferente.

Tão logo termine esta fase de orientação e o aluno saiba qual a direção onde deve ajustar sua bússola para encontrar o caminho do lar, ele terá de decidir se realmente quer trilhar esse caminho. Esta decisão é novamente uma verdadeira ação. Na noite de sua existência, o extraviado procura por "luz". Repentinamente ele é atingido por um raio da Luz e agora, guiado por esse raio, dirige-se para a meta distante. Através dessa ação o aluno mesmo abre a porta.

Quando o aluno, assim preparado, decide pôr-se a caminho em direção à verdadeira vida, então esta decisão é a consequência da atividade de um plexo. Poderíamos falar numa certa tensão dos nervos, à qual a secreção interna e o sangue devem adaptar-se. Nesta situação, nascida de uma ação autolibertadora, abre-se no santuário da cabeça uma das rosas. Por esta abertura o primeiro raio da luz prânica original poderá penetrar no fogo serpentino com o objetivo de influenciar o espelho do subconsciente, que se encontra no plexo sacro.

É do vosso conhecimento que desse modo todos os sete raios atravessam o sistema, despertando sete reações. Estas sete reações são denominadas as sete ações libertadoras, ou as sete atividades libertadoras durante a Santa Ceia. É nossa intenção descrever-vos estas sete atividades. Esperamos e oramos para que o vosso estado interior seja tal que esta descrição não aumente o vosso fardo intelectual, mas que aja de forma extraordinariamente libertadora no desenvolvimento da vossa peregrinação.

A intenção dos sete empenhos da luz prânica original é de retirar-vos do poço da morte e libertar-vos da torre da ilusão dialética. Trata-se aqui de sete ações. É mister tornar-se cada vez mais claro para vós que o aprofundar-se em reflexões e meditações em nada vos poderá ajudar, e que somente a vossa conduta nascida da fé — o estado do aluno em viagem para o lar — é que poderá ser libertadora para vós. Eis por que no Casamento Alquímico de Cristão

Rosacruz é dito que devemos agarrar as sete cordas que são descidas no poço, e que a isto estão ligadas grandes lutas internas que, em todos os aspectos, também se manifestam exteriormente.

Quem parte em viagem para a nova vida terá de vencer a resistência da lei natural dialética. Mesmo que a orientação, a boa vontade e a aptidão do aluno pudessem ser perfeitas, deve ser levado em conta o fato de que a nossa total personalidade provém da natureza deste mundo.

Eis por que o primeiro raio da luz prânica original está voltado à tarefa de manter tão diminuta quanto possível a influência biológica da regularidade dialética e retrocedê-la a um mínimo necessário. Esse trabalho deve ser realizado com o auxílio dos sete plexos, que possuem seu centro na faringe. O plexo faríngeo tem assim uma importância decisiva. É do vosso conhecimento que através da respiração e da percepção dos órgãos sensoriais estamos ligados ao mundo que nos rodeia. As funções mais importantes e as secundárias da respiração e das percepções sensoriais são controladas pelo grupo de plexos que acabamos de mencionar. Todas as forças, substâncias e vibrações na atmosfera, todas as vibrações de luz, som e cor são captadas e mais ou menos transmutadas por esse primeiro grupo de plexos e em seguida transmitidas ao sistema.

Quem é um estrangeiro neste mundo e aspira ardentemente pela verdadeira pátria, sabe que de todas as forças, substâncias e vibrações de luz, cor e som

desta natureza emana uma influência venenosa que o liga a esta natureza. Já que a total personalidade é um produto desta natureza, ela é obrigada a retirar todas as suas forças vitais deste mundo circunjacente. E visto que esta personalidade, por força da sua origem e nascimento, existe ou sucumbe pelas vibrações luminosas e sonoras deste mundo, muita coisa ainda terá de acontecer antes que esta personalidade possa colaborar num processo de regeneração, que se desenvolve totalmente pela vibração de uma ordem mundial plenamente diferente. Assim, compreendeis que se trata aqui de um aprisionamento.

Agora desejamos refletir como pode concretizar-se a nossa libertação. Primeiramente, a vossa atenção deverá ser dirigida para o fato de que um combate deverá ser travado. Terá de ser adotada uma atitude de vida que permita ao círculo do plexo faríngeo receber a oportunidade de experimentar uma intensa transformação. Com isso poderá proteger-se, por um lado, de numerosas influências naturais e, por outro, reduzir fortemente o efeito de outras influências, restringindo-as a um mínimo, abrindo-se assim completamente ao raio da luz prânica original, que é refletida pelo plexo sacro. Se o aluno conseguir a execução dessa tarefa, então a primeira corda foi descida com sucesso no poço da morte.

Agora talvez tenha-se tornado claro para vós que nesta primeira fase do processo da Santa Ceia são criadas, por meio da ação, condições prévias para a transmutação da total natureza. Essa transmutação

só terá bom êxito quando a atividade da natureza comum tiver sido reconduzida a um mínimo para que a nova natureza, sem ser molestada, possa fazer prevalecer suas forças.

O momento em que se inicia este trabalho — a saber, a reflexão do primeiro raio da luz prânica original pelo plexo sacro — é denominado na linguagem sagrada como “o dia dos pães ázimos”. O momento em que o círculo do plexo faríngeo começa a transformação é indicado como o envio de Pedro e João para preparar a Páscoa. Encontrareis essas indicações, por exemplo, no Evangelho de Lucas, capítulo 22:

“Chegou, porém, o dia dos pães ázimos, no qual deveria ser santificado o cordeiro pascal. E Jesus mandou a Pedro e a João, dizendo: ‘Ide, preparai-nos o cordeiro pascal para que o comamos’. Mas eles lhes falaram: ‘Onde queres que o preparemos?’ E Ele lhes disse: ‘Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro d’água; segui-o até a casa em que ele entrar, e direis ao dono da casa: o Mestre manda te dizer: onde está a hospedaria em que hei de comer o cordeiro pascal com os meus discípulos?. Então, ele vos mostrará um grande aposento pavimentado; aí o preparai.’”

O dia dos pães ázimos é o momento em que o aluno está em condições de poder assimilar a luz prânica original como pão da vida, puro, ázimo, isento das fermentações das influências da natureza dialética. Todo o aluno é chamado para essa tarefa e

poderá executá-la ao encontrar-se com aquele que carrega o cântaro d'água. Trata-se aqui do primeiro raio da luz divina, que inicialmente desce pelo sistema espinal até o plexo sacro, para em seguida subir pelo simpático até o círculo do plexo faríngeo, onde se encontra a porta para o santuário da cabeça, o aposento superior. E o mandado ressoa: "Aí o preparai".

É a tarefa da qual Pedro e João são encarregados de realizar. Quando o aluno nessa fase de sua peregrinação seguir aquele que carrega o cântaro d'água, e se nesse seguir se manifestarem com nitidez as assinaturas de Pedro e de João, ele levará o sistema nervoso a um estado de tensão peculiar e a uma vibração especial. As assinaturas de Pedro e de João são a "dinâmica" e o "amor completamente devotado a esta única meta". Quando o aluno estiver assim orientado e em condições de testemunhá-lo, essa vibração especial dos nervos desenvolver-se-á seguramente. Desejamos designar essa vibração pelo conceito "urânica", e esse conceito como "explosivo-renovador". Para as entidades desta natureza, em todas as circunstâncias, uma tal vibração é demolidora e caótica, incendiária e fragmentadora.

Para o aluno que aqui vos apresentamos, trata-se todavia de preparar o cordeiro pascal para celebrar a Santa Ceia. Por isso, ele está perfeitamente preparado para todas as conseqüências provenientes das vibrações nervosas desse modo despertadas. Ele bem sabe que imediatamente a isso a tempestade se desenca-

deará. Pensai somente no início do Casamento Alquímico de Cristão Rosacruz: numa noite antes da Páscoa, Cristão Rosacruz estava ocupado em preparar o seu querido cordeiro pascal... quando se desencadeou uma tempestade ameaçando destruir toda a sua cabana. Cada aluno terá de atravessar esta primeira tempestade, cuja causa é facilíssima de explicar. Ela resulta do encontro com as forças da verdadeira vida no círculo do plexo faríngeo. Ambos os grupos disputam o domínio do sistema da personalidade: um grupo para a conservação da velha vida e o outro para conduzi-la à nova vida.

Essa tempestade, essa luta, tem aspectos tão numerosos que nos tomariam muitas e longas horas para se poder abranger de algum modo a totalidade do campo dessa luta. Contentemo-nos, pois, com algumas indicações elementares. A luta, a tempestade a ser travada tem por meta, como bem o compreendeis agora, isolar biológica, moral e espiritualmente o círculo do plexo faríngeo ou torná-lo apto a uma absorção mínima natural. Ulteriormente esse círculo de plexos deve ser posto a serviço do processo transfigurístico.

Em virtude disso, três informações distintas são de suma importância para o aluno principiante. Primeiro: para isso, não exclua forças auxiliadoras da natureza. Segundo: restrinja outras influências a um mínimo. Terceiro: permaneça constantemente aberto e preparado para a nova luz, a luz do prana original. Aqui se desenvolve a repetição de um com-

bate que, visto superficialmente, poderíamos pensar tê-lo deixado para trás. Dirigi, pois, mais uma vez, a vossa atenção às palavras iniciais deste capítulo. Nele é dito que unicamente por necessidade interior, isto é, quando estiver cansado da luta deste mundo, é que o aluno poderá aproximar-se da Gnosis. A luta, pois, que deverá ser travada na véspera da Páscoa, se relaciona perfeitamente com o que se acaba de dizer. Com todo o seu poder, as forças desta natureza dedicam-se no sentido de dirigir os nossos interesses para este mundo, como reação à nova atividade nervosa prânica original. Neste selvagem turbilhão de todas as possíveis influências é que deverá demonstrar-se se o aluno realmente está em condições de atender ao convite para as bodas.

Quem poderá descrever a violência como consequência desse conflito? Não temos todos nós as nossas ambições, as nossas tendências próprias, os nossos interesses, pelos quais estamos ligados a este mundo, seja aberta ou ocultamente, mesmo que já os tenhamos neutralizado? Quantos dos nossos alunos não estão totalmente abertos aos acontecimentos mundiais, aos quais darão a sua adesão no momento preciso? Quantas aspirações científicas e artísticas não há que envolvem o aluno? Quantas armadilhas não há que, com extrema astúcia, o aprisionam completamente, quando a nova vida o chama? Como pode ele embelezar as incontáveis situações, nas quais havia falhado, recorrendo a motivos de força maior? E quão assustadoramente esquecido é ele quando se trata de ver os

seus próprios defeitos sob uma clara luz?

Se não quereis fazer das puras diretrizes da Luz universal um emaranhado inextrincável, no qual ninguém compreenderá nada, então tereis de olhar o vosso próprio ser com austera coragem, ousando ver a vossa própria vida tal como ela é.

O aluno que foi admitido nessa luta, a luta da preparação para a Páscoa, está em todos os momentos da vida diante de dois caminhos que pode seguir, diante de duas soluções entre as quais pode escolher. Um dos caminhos é o desta natureza, o outro é o da nova vida. Se examinardes, reconhecereis que sempre o verdadeiro caminho está delineado diante de vós, até nas nuances mais sutis.

O aluno conhece o seu dever. O homem com o cântaro d'água indicou-lhe o salão superior. Trata-se agora de cumprir o seu dever. Se ele assim cumprir a sua tarefa, então, num certo momento, a tempestade será acalmada, e o círculo do plexo faríngeo será anatômica e biologicamente colocado num estado, no qual o velho caminho e o velho método de vida pertençam ao passado. Então, o aluno entrará no silêncio do salão superior. A luta foi vencida. O veneno da natureza não mais poderá prejudicá-lo. Com o auxílio da primeira corda ele se içou do poço da morte. Estando *no* mundo, não é mais *do* mundo.

XII

AS SETE AÇÕES LIBERTADORAS (II)

Sabemos, então, que a primeira ação libertadora, como resultado a uma reação verdadeira ao primeiro raio da luz prânica original, que atingiu o fogo serpentino, faz nascer uma atividade completamente alterada no círculo do plexo faríngeo. Quando a primeira corda foi descida no poço da morte e o aluno agarrou-a de modo correto, as influências da natureza dialética, assim como os efeitos da luz, do som e da atmosfera serão reduzidos a um mínimo biológico. Assim, o aluno poderá realizar o seu trabalho de livre-maçonaria de maneira correta, tanto interior como exteriormente, sem ser impedido demasiadamente pela força de sucção da Terra. A primeira luta foi travada, e o aluno pode entrar na silenciosa sala superior para aí preparar a sua Páscoa.

Agora temos de refletir sobre os três aspectos subseqüentes do processo da Santa Ceia, uma vez que estes três aspectos devem ser vistos em conjunto. Se a primeira ação libertadora se relaciona com os preparativos para a Páscoa, as três ações seguintes colocam o

aluno diante da preparação mesma da Páscoa. Elas resultam das alterações que de agora em diante devem realizar-se nos círculos plexiais da laringe, pulmões e coração.

Essas três novas fases no processo da santificação só se manifestarão quando o aluno corresponder plenamente às exigências e tiver reagido ao primeiro raio da luz prânica original, e desse modo o círculo do plexo faríngeo tenha recebido uma atividade modificada. Quando essa transformação elementar se realizou e o aluno conseguiu de maneira correta dar continuidade à execução de sua incumbência no salão superior, então desenvolver-se-ão em rápida sucessão três novos toques da luz prânica original, em virtude dos quais ele se tornará apto a preparar realmente o seu cordeiro pascal.

Esses três novos toques da luz divina seguem o mesmo caminho do primeiro. Eles penetram no santuário da cabeça, descem ao longo do fogo serpentino, são refletidos pelo plexo sacro e se deslocam de novo para cima, pelo simpático, para os objetivos que lhes foram designados. Tais objetivos estão situados principalmente no santuário do coração e encontram-se em íntima relação com tudo o que o aluno já tenha realizado no santuário da cabeça.

O aluno alquimista crístico passa agora para a preparação, no sentido mais amplo, do seu querido cordeiro pascal. A taça do Graal deve ser erigida no santuário do coração. No tocante a isto não deveis pensar num processo místico-emocional. Uma grande

obra deve elevar-se como que de um fogo. A primitiva noção de "páscoa" significa: "transpor um limiar". Por uma reação correta ao primeiro raio da luz prânica original, esse limiar tornou-se a nova possibilidade. E, por esse limiar, o aluno penetra num mundo totalmente novo, numa esfera de vida com aspectos, atividades e problemas totalmente diferentes. É a esfera de vida da libertação. Nesta esfera de vida, o cordeiro de Deus, a força crística, a luz divina e redentora participa plenamente no trabalho; doando-se com indizível amor, inicia a edificação de uma base para capacitar o aluno a reencontrar a casa do Pai.

É da maior importância que compreendais o que acontece no sistema da personalidade e de que maneira extremamente inteligente poderá ser feito uso das possibilidades que se encontram no microcosmo. Também aqui deveis compreender as palavras da Bíblia, que a força divina, o plano divino se realiza na fraqueza. O que quer dizer que tudo o que se realizou no decorrer do processo da Santa Ceia e foi consolidado na personalidade, não teve o sentido de preservá-la, mas sim de torná-la apta a trilhar o caminho da cruz em completa harmonia e intensa alegria. Apesar de não querermos adiantar nada sobre o que a Gnosis ainda tem a dizer-vos, é bom que reconheçais agora com clareza que o trilhar o caminho da cruz não tem a mínima relação com tudo o que a religião natural diz, pensa e escreve sobre isso.

A obra, perante a qual o aluno agora se vê colo-

cado, é o restabelecimento da unidade cabeça-coração. Sabeis talvez que muitas aspirações ocultistas são também dirigidas à realização da mesma obra. Pensai apenas no axioma que alguns grupos ocultistas apresentam: "uma inteligência clara e um coração amoroso".

Existe, porém, grande diferença se subordinardes esse axioma a uma aspiração oculta natural da personalidade, ou se o admitirdes em pleno sentido transfigurístico. No primeiro caso, procurareis na ilusão do eu imitar o homem original, o ser crístico, mas jamais alcançareis a vossa meta, perdendo-vos nas ilusões da esfera refletora. No segundo caso, trilhareis o caminho de Cristão Rosacruz, a senda da transfiguração, onde o eu se perde para *O* encontrar.

A obra com a qual o aluno agora é defrontado diz respeito com a glória que mais tarde daí resultará, mas que de antemão projeta a sua sombra, do mesmo modo que a Santa Ceia é sempre a sombra projetada de uma realização futura. Quando Paulo fala dessas coisas — e ele fala por experiência, pois já preparara completamente a sua Páscoa — ele designa os resultados dessa preparação pela expressão "a posse de um penhor do Espírito em nosso coração" ou "uma carta escrita em nosso coração". Ele diz, referindo-se a si mesmo, "nosso coração é amplo", e falando aos outros, "mas apertado é o vosso coração" e "ampliai-o". Deveis transpor o limiar que leva a essa renovação do coração, a qual, por ora, é como um mero penhor do Espírito. Possuir esse penhor do

Espírito no coração é uma graça intensa e repleta de alegria, não obstante realizar-se com grande abalo e dor, pois, como diz o sábio pregador, "abrigada está, como que no coração, toda a futura nova era".

Deveis compreender, para nunca mais esquecer, que a transformação do coração, da qual a Bíblia fala milhares de vezes, nada tem a ver com a modificação dos vossos sentimentos e atitudes emocionais. Sabeis como isso acontece. O eu espreita e pondera o modo pelo qual poderá atingir os seus objetivos; não sendo possível de uma maneira, tentará por outra. Sabeis que cada palavra nasce no santuário do coração? E sabeis que toda a palavra possui uma vibração? Sabeis que por isso a palavra pode ser examinada sensorialmente em sua qualidade e em consequência disso poderá ser constatado o estado íntimo do coração?

Compreendeis porque nessa continuidade se poderá falar de uma fragrância delicada ou de um terrível fedor, e poderá ser comprovado perfeitamente se o despedaçamento do coração, as tensões e o desgosto que dele se elevam são causados pelos impulsos do eu ou pelas lutas no caminho? Não podeis ter a pretensão de ensinar a fraternidade e seus servos.

Quando é dito: "Elevai os vossos corações", não se quer dizer com isso que deveis, em êxtase místico, orientar-vos nas coisas elevadas e divinas, pois o significado dessas palavras é completamente diverso. A Bíblia diz que "Deus vê o coração", Deus examina

os nossos corações, Deus, o Espírito, a luz prânica original, flui assim até nós! Quando o aluno tiver transposto o limiar, indiferente à dor que se possa manifestar em seu coração, ser-lhe-á dito: "Eleva teu coração!"

Este elevar, este alçar o coração tem relação com o restabelecimento do equilíbrio entre os santuários do coração e cabeça, a unidade cabeça-corção, tão necessária para o aluno. Todo o aluno que tenha transposto o limiar, e tenha sido alçado do poço da morte com a primeira corda, e portanto tenha terminado os seus preparativos, será confrontado com esta nova obra. Evidentemente isto é uma coisa bem diferente de um êxtase místico-emocional, de um delírio de palavras e orações.

"Se orares, entra na tua câmara e fecha a porta, e ora a teu Pai em oculto, e teu Pai que vê no oculto te retribuirá publicamente." No Sermão do Monte, com orar quer-se dizer trabalhar no preparo da Páscoa, trabalhar na unidade do sistema cabeça-corção. Que nos seja permitido orientar-vos melhor nesse sentido.

O sistema cabeça-corção deve ser visto como uma completa unidade. Se com o auxílio da Doutrina Universal aproximarmos-nos desse sistema, descobriremos que o coração e a cabeça, vistos anatômica e organicamente, são o perfeito reflexo um do outro. A cabeça e o coração formam juntos *um* esferóide. Compete à corrente sanguínea cefálica assegurar o processo da circulação de forças nesse esferóide

uniforme. No ser humano dialético esta unidade está totalmente destruída. Nesse ser existe uma contínua luta entre cabeça e coração. Desse modo, nem a cabeça nem o coração conseguem uma situação dominante. É por isso que falamos do tipo racional e do tipo sentimental. Tal desorganização é hereditária, e demonstra-se organicamente. Eis por que o atual gênero humano dialético é extremamente antinatural.

Para ver bem isso, deveis pensar na constelação de um planeta ideal. Num planeta, o pólo Norte é o pólo assimilador e o pólo Sul é o revelador. Pela orientação do pólo revelador, o pólo assimilador atrairá as forças necessárias para a conservação do conjunto. Existe um equilíbrio perfeito entre as forças astrais e as espinais, e esse equilíbrio deve demonstrar-se em todo o campo da revelação.

Nos seres humanos esse equilíbrio está totalmente perturbado e organicamente danificado. Com isso, a consciência deixa governar arbitrariamente, num momento, a cabeça; e em outro, o coração. Um equilíbrio dirigido pela consciência divina significa sabedoria e eterno vir-a-ser. Contudo, um equilíbrio perturbado ocasiona na cabeça o intelectualismo e no coração, a emoção e a sensibilidade. Ambas as exteriorizações são responsáveis pela cristalização e densificação da personalidade.

Ambos os aspectos desse sistema são com efeito muito dinâmicos. Se em razão da perturbação fundamental funcionam isoladamente, os dois aspectos

incitam a personalidade para a ação. Visto que nessas ações não existe nenhuma base de sabedoria, porém as reações motoras são atribuídas aos impulsos dinâmicos do coração ou da cabeça, tais ações ocasionarão sempre mais encapsulamentos e contínuas e crescentes perturbações no total sistema.

Entre a cabeça e o coração encontra-se a laringe, situada no início da traquéia. É uma formação cartilaginosa sobre a qual estão esticadas as cordas vocais. Por intermédio da corrente de ar comprimida para cima pelo estreitamento da cavidade torácica, resultante do movimento de expiração, as cordas vocais são postas a vibrar e assim surge o som. Este som é modulado pelos órgãos vocais, que são a cavidade bucal, o nariz, a língua e as bochechas; é assim que se forma a fala. Por intermédio da fala exteriorizamos os nossos pensamentos e sentimentos, e com esse órgão cantamos.

Falar e cantar formam uma grande magia que revela o estado total do ser. Se esse "falar" ou esse "cantar" fosse emitido por um ser humano ocupado em preparar o seu querido cordeiro pascal, a vibração assim despertada seria um odor agradável ante a face de Deus. A luz prânica original poderia assim ser atraída em todo o sistema com poderosas possibilidades. O sistema total já estaria completamente amadurecido para o toque divino.

Suponhamos, porém, que o falar e o cantar se manifestassem numa criatura completamente orientada para esta natureza; nesse caso, seria despertada

uma vibração que apareceria ante a face de Deus como um mau cheiro, e conseqüentemente teria um efeito extremamente separador e encapsulador. Nessa hipótese, despertaríamos algo para o qual não estamos enobrecidos e sofreríamos por isso grande dano, e dano da consunção⁽¹⁾. Deveis tomar esta eventualidade seriamente em consideração.

Fala-se de uma voz cultivada ou não cultivada. A voz não cultivada é comumente a voz normal, a voz que traduz o estado de ser da criatura. A verdadeira voz é uma incontestável reprodução do estado do sistema cabeça-coração. Visto que um tal estado nem sempre é considerado agradável e útil, e para diversos propósitos é julgado impróprio tem-se experimentado desde outrora cultivar a voz ou por meio dela imitar um outro estado de ser. Que uma tal cultura produza um efeito encapsulador deve ser claro para vós.

Pensai apenas na voz untuosa de alguns teólogos, nos rituais cantados em latim pelos sacerdotes, na música gregoriana, na cultura de sonoridades vocais afetadas. Pensai igualmente nos esforços feitos em certos círculos para se falar de modo grosseiro e afetado. E pensai na cultura da arte sonora. Todas essas imitações contribuem a cada instante para transformar este mundo num antro infernal. É necessário abrangerdes todo este campo de atividade a fim de

(1) Consunção: ato ou efeito de consumir-se; detinhamento progressivo e lento.

que possais formar em vós uma base sólida para a compreensão correta no preparo da Santa Ceia.

XIII

AS SETE AÇÕES LIBERTADORAS (III)

“Elevai o vosso coração!” É assim que soa o chamado para o aluno que deve preparar o seu querido cordeiro pascal. Esta elevação do coração, conforme já ponderamos, nada tem em comum com este ou aquele êxtase religioso-emocional, mas dirige a atenção para uma transformação total do santuário do coração. A elevação do coração orienta a inteligência para o estabelecimento da unidade cabeça-coração como base do processo de santificação, processo esse que deve preceder a transfiguração.

Se quereis aprofundar-vos no que se passa na vida de um aluno, quando colocado diante desta tarefa, então mais uma vez devemos explicar-vos com ênfase o seguinte: quando a Bíblia fala sobre o coração e a necessidade de prepará-lo para poder receber a luz divina, jamais cogita de vivências místicas. A vivência mística e o êxtase religioso-emocional são as conseqüências da nossa vida sentimental, que possui na ordem natural dialética uma extensa cultura, tanto para cima como para baixo.

Quando os nossos sentimentos, os nossos desejos e anseios se dirigem a objetivos religiosos ou filosóficos, surge então um estado emocional, que sempre é negativo e de natureza puramente terrestre. Quando uma pessoa manifesta tais emoções, demonstra sempre a sua orientação negativa através das suas ações. A uma radiação magnética-negativa surge sempre uma resposta, porém esta resposta se demonstra positiva em relação à vida sentimental negativa do ser humano.

Essa resposta jamais poderá ser uma resposta divina, mas, em quaisquer circunstâncias, ela é um toque terreno procedente da esfera etérica refletora. No mundo dialético o negativo e o positivo atuam constantemente juntos. Apesar de se neutralizarem reciprocamente, ambos são incapazes de libertar da roda do nascimento uma única criatura sequer. Deveis ver claramente que a grande mistificação da massa religiosa é querer conseguir ligação com o divino através da vivência mística.

Precisais também estar cõscios de que a vossa disposição racional em nada vos poderá ajudar. A luz divina, a luz prânica original unicamente poderá irradiar para um coração inteiramente preparado para recebê-la. Quando uma casa estiver concluída, seu morador poderá habitá-la. Porém, se a casa existir somente em sua fantasia, habitá-la, então, seria imensa ilusão.

Ao chegarem à conclusão de que a orientação intelectual não possui aspecto libertador, muitos

alunos da Escola da Rosacruz inclinam-se a refugiar-se na cultura da vida sentimental, onde pensam encontrar uma porta para a libertação. Tal suposição demonstra-se sem fundamento. Ambos os meios são completamente desta natureza, e agem sob todas as circunstâncias como aprisionadores a esta natureza. Em geral o intelecto serve ao que comumente denominamos ciência, e a vida sentimental serve à religião natural. A clara compreensão e o coração amoroso são aspectos e exteriorizações do mesmo cativo.

Alguns autores esotéricos compreenderam isso perfeitamente. Por essa razão falam de um "ficar frio", referindo-se à razão e ao sentimento. Este "ficar frio" deve ser entendido no sentido da insensibilidade orgânica e não em sentido de frio como o oposto do calor. Na concepção geral uma pessoa fria é um criatura dura tal qual uma pedra, igual ao carrasco que é insensível diante do sofrimento de sua vítima. O aluno gnóstico, contudo, que se tornou completamente "frio" para os movimentos intelectuais e sentimentais desta natureza, e que liquidou essas funções em sua própria natureza, já contribuiu de modo substancial para o preparo de seu querido cordeiro pascal. Ele está empenhado em erigir o Santo Graal no santuário do coração.

É possível que conheçais a lenda do Santo Graal. Esta antiqüíssima lenda conta que o Graal é a taça utilizada por Jesus, o Senhor, na Santa Ceia. Diz a lenda que nessa taça José de Arimatéia recolheu o sangue do crucificado e em seguida tomou o Graal

sob sua proteção. Mais tarde, os seus sucessores transportaram o Graal para o Ocidente, onde se encontra guardado em local oculto até o presente. Esta lenda, que é profanada de todas as maneiras possíveis pelos místicos para especulações emocionais, e que serviu de tema na Idade Média para diversas obras poéticas pelos imitadores místicos, em sua simplicidade dá-nos plenamente os valores gnósticos de que necessitamos para compreender o que é o Graal e como deverá ser edificado ou onde poderemos encontrá-lo.

Para penetrar neste mistério, admoestamo-vos em primeiro lugar para tudo o que já foi considerado na narrativa do Evangelho sobre o envio de Pedro e João para preparar a ceia. O próprio aluno é que terá de preparar o Graal para que, em seguida, ele possa ser utilizado por Jesus, o Senhor. Anatomicamente, a taça do Graal é indicada pelos três círculos plexiais já mencionados: o da laringe, o dos pulmões e o do coração.

A parte superior da taça sagrada corresponde com o sistema da laringe; a haste da taça de cristal está erigida nos pulmões e a base fica na cavidade cardíaca. A possibilidade para a confecção dessa taça nupcial encontra-se, portanto, presente em todo o ser humano. Se o aluno quiser realmente utilizar essas possibilidades de acordo com as diretrizes da ciência sagrada, indubitavelmente ele conseguirá o seu objetivo.

Como já dissemos, a primeira ação libertadora

isola completamente o aluno das influências da natureza dialética, em se tratando dos efeitos da luz, do som e da atmosfera. Ela reduz essas atividades a um mínimo biológico. Essa primeira ação libertadora conduz o aluno sobre o limiar, e agora ele pode preparar a Páscoa.

A seguir vêm três novas ações libertadoras. O aluno terá de reagir às forças etéricas do reino imutável, aos três alimentos santos que, como três cordas, são descidas para auxiliá-lo no poço da morte. Em seguida, ele deverá tornar o santuário do seu coração apto para conservar essas forças. É assim que, pela utilização das possibilidades presentes, o Graal é erigido.

Quando o aluno tornar-se receptivo aos novos éteres, ele assimilá-los-á através do etmóide. Pela primeira ação libertadora, a transposição do limiar, o etmóide fica preparado para essa assimilação e ao mesmo tempo é fechado às influências das forças dialéticas. Os novos éteres penetram então ao longo da traquéia, preenchendo todas as cavidades pulmonares, e desse modo atingem a cavidade cardíaca; e, após terem executado sua tarefa, retornam em parte para o exterior pela expiração. Na inspiração, o lóbulo esquerdo da glândula tireóide é influenciado e, na expiração, o lóbulo direito. Desse modo, os contornos, as linhas de força da taça do Graal são gravadas no santuário do coração. Se possuíis um pouco de conhecimento anatômico, ser-vos-á claro que esta estrutura de linhas de força efetivamente

possui a forma de um cálice. O imprimir dessa estrutura, a preparação anatômica pelos novos éteres é denominada por Paulo como a "circuncisão do coração". Isto é realmente certo.

Essa preparação anatômica se realiza por meio do novo éter químico, do novo éter de vida e do novo éter luz. O éter químico produz a forma do cálice do Graal, ele funde o vaso; o éter de vida torna o cálice apto para acolher o pão da vida; e o novo éter luz prepara-o para acolher o vinho do Espírito. O éter químico manifesta-se principalmente no círculo do plexo da laringe; o éter de vida, no círculo do plexo dos pulmões; e o éter luz, no círculo do plexo da cavidade do coração.

Quando soar o chamado "levantai o vosso coração!", trata-se então de levantar a taça do Graal recém-terminada. E à pergunta "estais preparados?", emergirão do coração e das cavidades pulmonares, para cima, na cavidade torácica, a luz e a força do novo reino. E lá onde a cavidade torácica se estreita e se liga à laringe, desenvolver-se-á um novo som, que se exterioriza em nova e jubilosa linguagem: "Senhor, estou pronto!" O cordeiro pascal está preparado. O cordeiro pascal foi preparado no precioso vaso denominado o Graal pela antiqüíssima linguagem gnóstica. Esta taça sagrada está agora preparada para receber o santo fogo, ou a kundalini, assim chamada pelos irmãos do Oriente.

Chegou o momento para José de Arimatéia aparecer, pois é ele quem deve erguer o Graal para

acolher o sangue do crucificado. Para compreender isso, mais uma vez rememoremos o início do *Casamento Alquímico de Cristão Rosacruz*. Lemos que ele também estava ocupado no preparo do seu querido cordeiro pascal. Repentinamente sobreveio terrível tempestade, ameaçando destruir sua "cabana" edificada sobre uma "colina". Nesta clássica narrativa encontramos novamente o significado de "José de Arimatéia".

Este personagem, com efeito, não foi um personagem histórico portador desse nome de família, porém é a imagem de todo o ser que inicia e concretiza a grande obra da livre-maçonaria. Com a designação de "José" vamos reencontrar a idéia de "cabana", "oficina". Uma oficina é local de trabalho no sentido do ensinamento universal gnóstico. Em tal local de trabalho ou oficina, a *grande obra* deverá realizar-se. É nesse lugar de trabalho que o querido cordeiro pascal e portanto o Graal deverá ser preparado.

Contudo, antes que essa santa obra possa realizar-se, o local de trabalho deverá ser erigido numa "colina". Esta obra poderá ser executada somente quando a ação preparatória for concluída e o aluno houver transposto "o limiar". A mágica assinatura "colina" vamos encontrá-la novamente na palavra "Arimatéia". Por isso, José de Arimatéia ergue o Graal para acolher o sangue do crucificado.

O sangue do crucificado é a Gnosis, o fogo divino, a kundalini. Tal como gotas cor de ouro, essa verdadeira substância doadora de vida cairá sobre as rosas no san-

tuário da cabeça para, como foi descrito, descer até o plexo sacro e depois de lá subir novamente. E deste modo irá caindo gota após gota no Graal erigido.

Em seguida, deverá ficar provado se o santo cálice foi corretamente talhado no santuário do coração. Assim, demonstrar-se-á se o construtor foi realmente um mestre-construtor. A prova do fogo terá de ser feita. O Graal, ou o vaso do mestre-construtor, não deverá despedaçar-se pelo toque do fogo sagrado. A obra deverá ser capaz de suportar o fogo sagrado. Esta é a tempestade que Cristão Rosacruz, teve de enfrentar após o seu encontro com a virgem ígnea.

O fogo — a kundalini — ofertado a Cristão Rosacruz é por esse motivo trazido por uma virgem para expressar que o fogo divino não é deste mundo e não pode ser afetado por nenhuma influência dialética. Quem puder suportar o fogo no Graal erigido e em sua qualidade de José de Arimatéia puder conservá-lo, esse levará o cálice sagrado assim preenchido para o Ocidente, para o país do poente. Este é o ponto onde o Sol da natureza comum se põe para que o Sol da nova vida possa erguer-se no horizonte.

É assim que Pedro e João, após terem penetrado no salão superior, preparam o cordeiro pascal. O cálice do Graal foi fundido com o mais puro cristal dos novos éteres e preenchido com o fogo sagrado. Agora o Senhor poderá vir Ele mesmo distribuir a Santa Ceia. O pão e o vinho estão preparados.

Será claro para vós que desta mesa do Senhor,

assim preparada, emanará um agradável aroma. Se compreendestes a estrutura anatômica da taça do Graal, então sabeis que essa agradável fragrância se manifestará numa nova linguagem, numa nova palavra emergida do coração renovado. Esta nova palavra é o fulgor da kundalini divina; é a palavra do coração nascido de Deus, que já esfriou e se tornou insensível para esta natureza, e que encontrou sua unidade com o santuário da cabeça. Permita Deus que um dia possais falar a nova linguagem do coração como testemunho do fato de que claramente vedes assinalado diante de vós a senda do Espírito Santo.

Compreendereis que a fundição da taça do Graal com o mais nobre cristal etérico não é um trabalho que possa ser executado numa hora vaga e após a execução dos compromissos sociais ou no pacato viver quotidiano. O fundir a taça do Graal, o fundir o mar de cristal, é uma obra que somente poderá realizar-se depois de muitos fracassos e de uma intensa luta. É a tempestade mencionada no *Casamento Alquímico*.

Mas quem souber vencer a tempestade, o grande incêndio, para ele abrir-se-á a sala nupcial. E a nova linguagem soará de seus lábios como eterna canção.

XIV

AS SETE AÇÕES LIBERTADORAS

Falamos já convosco sobre as quatro ações libertadoras, mas deverão seguir mais três outras no processo mágico da Santa Ceia.

Para se estar seguro de que o significado dessas sete ações durante a Santa Ceia foi plenamente fixado em vossa consciência, esboçaremos novamente, com toda a clareza, a natureza e a essência desse processo. Para esse propósito damos-vos alguns extratos do que já vos foi descrito explicitamente, esperando que este curto resumo das sete ações libertadoras seja uma base suficiente para verdes em claros contornos a porta da transfiguração.

Todo o nosso microcosmo está aprisionado na dialética por uma personalidade que é essencialmente una com esta natureza dialética. Esta prisão é a causa que arrasta o microcosmo, qual giro ininterrupto de uma roda, através de todos os domínios dialéticos da existência, na regularidade monótona de um contínuo desabrochar, florescer e submergir. A situação, que é a consequência disso, mostra-nos um

incessante e desagradável quadro de sofrimentos, dissabores e dores, atrás do qual não existe sequer um único sentido de libertação.

Quando, à custa de suas experiências, um aluno começa a compreender isso, e se essa compreensão for um acontecimento nascido da aflição e da morte, então se desenvolverá uma procura. Não a procura oriunda de uma tendência intelectual ou sentimental, mas uma procura como necessidade de vida. Uma tal busca é respondida como que por uma sugestão, por um raio da Rosacruz. Nesta radiação os ensinamentos, alocações e outras atividades da fraternidade são compreendidas e apreendidas no verdadeiro sentido. Nesta radiação a atenção do aluno é plenamente dirigida ao lar original de seu microcosmo e lhe é esclarecido de que maneira a pátria perdida pode ser reencontrada.

O aluno descobre que sua personalidade é a âncora que mantém seu microcosmo aprisionado, e vê como que na luz do alvorecer a possibilidade de construir um novo templo. Na noite de sua existência o extraviado procura por *luz*. Repentinamente é tocado pelo raio da luz, e ele se dirige então para a meta distante, guiado pela Luz em sua senda. É através desta ação que ele abre a porta dos mistérios libertadores.

Quando a porta estiver aberta, desenvolver-se-á um novo processo. O primeiro processo serviu meramente para a orientação; o segundo tem como meta tornar a personalidade da natureza — que, como

dissemos, é a causa do nosso aprisionamento – apta à desnaturação, à transfiguração, ao renascimento. A demolição do ego e da personalidade não é uma autodestruição, pois se o eu comum devesse ser aniquilado de maneira violenta, o microcosmo não possuiria um outro eu que pudesse assumir a obra. A demolição e a transmutação da natureza só poderão ser realmente realizadas e completadas na realidade quando existir uma nova natureza, um novo eu.

E como o novo eu não pode nascer sem que o velho eu seja desnaturado, surgiria aqui uma dificuldade intransponível. Essa dificuldade é afastada através de um mediador: o Espírito Santo, a luz prânica original. Através de um toque dessa luz, a personalidade dialética do aluno é conduzida a um estado onde o processo de transmutação no microcosmo poderá iniciar-se, e uma nova personalidade poderá ser erigida, a qual no devido tempo assumirá a tarefa da velha personalidade. Esse processo, dirigido pelo mediador, nunca será uma cultura da personalidade nem algo que nos prenda ainda mais solidamente à roda, porém é de fato o preparo para o declínio, o preparo para a morte fundamental. Dessa maneira, a personalidade da natureza se tornará a base para a transfiguração, sem contudo elevar-se, e é por essa razão que dizemos que a nova vida terá de iniciar-se de baixo para cima.

Esse segundo processo designamos como a Santa Ceia e é caracterizado por sete aspectos, sete ações libertadoras. Na primeira ação libertadora trata-se de

isolar a personalidade dialética das onibarcantes influências envolventes das forças naturais. Essas influências são reduzidas ao seu mínimo para que o funcionamento biológico da personalidade possa ficar garantido. As outras três subseqüentes ações libertadoras têm a tarefa de formar o Santo Graal. Esse Graal dirige a atenção para a concretização da unidade cabeça-corção, pela qual a luz prânica original poderá firmar-se no sistema da personalidade, permitindo à mesma agir com uma força que não é deste mundo.

Na primeira ação libertadora o aluno parte para preparar a Páscoa; as três ações seguintes relacionam-se com o preparo da ceia. A luz prânica original é acolhida no erigido cálice e uma fragrância suave eleva-se, expressando-se em uma nova linguagem, em uma nova palavra. O pão e o vinho estão prontos. Agora o Senhor poderá vir distribuir a ceia.

A nossa tarefa agora é dirigir a vossa atenção para as últimas três ações libertadoras, enquanto o Senhor, entrando no salão superior e cercado por todos os seus discípulos, diz: "Tomai e comei, pois este é o meu corpo, que é dado a vós" e "agi perfeitamente de acordo". "Este cálice é a nova aliança com o meu sangue, que é derramado para vós."

Observastes o critério contido em tais palavras. Quando o Graal estiver preenchido pela luz áurea prânica original, então essa luz será presenteada ao aluno para que a empregue em total concordância com o sentido acima descrito. Por essa razão, Paulo

diz que todo o aluno que comer e beber dessa substância áurea, come e bebe uma sentença. Portanto, será rigorosamente observado o que o aluno faz com o Graal que lhe foi oferecido. Se o aluno empregasse esta santa *matéria mágica* para fins dialéticos e autoconservadores, imediatamente o Graal se romperia. Por isso, Paulo adverte seus alunos: "Todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste vinho, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha". O que quer dizer: todas as vezes que usardes a santa matéria mágica do Graal, lembrai-vos sempre de que unicamente deveis usá-la a serviço do processo de transfiguração, até que a grande obra esteja concluída.

Esse critério proporcionado pela Santa Ceia dirige a nossa atenção para os três círculos dos plexos que ainda não foram descritos. O primeiro se situa na região do estômago; o segundo, no abdome, correspondendo com os órgãos reprodutores; e o terceiro, que novamente nos reconduz ao nosso ponto de partida, ao plexo sacro, que se encontra no final do sistema fogo-serpentino.

Possivelmente admirados perguntareis por que no processo das sete ações libertadoras a atenção é dirigida com tanto empenho aos círculos de plexos. A essa provável pergunta, responderemos minuciosamente, mais uma vez.

Sabeis que a rede extremamente delicada dos filamentos nervosos está estendida por todo o corpo. Os plexos são pontos de nós nesse sistema de nervos, são pontos de transformação, subestações da força

nervina. Deveis ver o fluido nervoso como o fluido da consciência. Por meio do fluido da consciência a secreção interna é influenciada e, através dessa secreção, é influenciada também a base sanguínea. Se a consciência estiver dirigida para esta natureza, para a própria vida pessoal, para o eu e seu círculo de existência, então a base sanguínea dará testemunho disso. Se a consciência mudar fundamentalmente, o sangue também é obrigado a fazê-lo. Conseqüentemente, uma mudança de vida não se desenvolverá primeiramente no sangue e pelo sangue, mas pelo fluido nervoso.

Muitas pessoas, inclusive os ocultistas naturais, tentam mudar a base sanguínea através de dieta ou de exercícios. Com isso provocam uma mudança na secreção interna; porém, como a consciência se conserva igual ao seu respectivo estado normal originário, o assim chamado alargamento de consciência estará sempre sujeito à esfera refletora.

Eis por que a Grande Obra deve começar pela consciência. Como foi minuciosamente exposto, a consciência terá de abrir-se ao mediador de Cristo. No processo da Santa Ceia trata-se com efeito de distribuir e de pôr em uníssonos as atividades da luz prânica original em todo o sistema nervoso, pois somente deste modo poderá nascer a atividade libertadora. A essência do trabalho que é exigido de vós é, pois, a libertação do vosso sistema nervoso pelo efeito do toque do Espírito Santo. Enquanto ainda derdes sinais de uma freqüente e desfigurada nervosidade, é

sinal de que ainda nem de longe estais livres, mas estais ainda ligados a este mundo com seus temores, preconceitos e ilusões.

O núcleo do sistema nervoso é o fogo serpentino, cuja base se encontra no plexo sacro. Quando essa base estiver aberta, e a serpente puder levantar-se em vosso deserto, a luz redentora poderá irradiar-se sobre todo o sistema. A cabeça da serpente abrir-se-á ao fogo do Espírito Santo e permanecerá completamente envolvida pelas chamas. Resplandecente, esse fogo precipita-se para baixo e, refletido pelo plexo sacro, o novo fluido áureo estender-se-á sobre todo o sistema nervoso, influenciando um após outro todos os círculos plexiais. Isso sucede primeiramente como proteção da personalidade contra as ondas de forças dialéticas; depois, para fundir o Graal e finalmente para acolher a Santa Ceia.

Após a primeira ação libertadora, a transposição do limiar, a taça sagrada pode ser confeccionada do mais puro cristal etérico, e então virá o Senhor de toda a vida, a Luz mesma, para distribuir a Santa Ceia. Em sua volta agrupam-se doze discípulos, os doze nervos cranianos que dominam todo o sistema corpóreo, dirigindo todos os órgãos e possibilitando todas as ações. A esses doze discípulos é dito: "Tomai e comei, este é o meu corpo" e "bebei deste cálice"

Compreendemos o significado dessas palavras. A substância preparada na taça do Graal é levada como uma força interna através de todo o sistema nervoso, pela qual o aluno pode viver real e perfeitamente em,

no e mediante Cristo, no sentido do processo da Santa Ceia.

O círculo do plexo do estômago capacita o aluno a transladar os novos elementos nutritivos dos alimentos santos e do fogo da consciência para a corrente sanguínea. Por essa cooperação e sua influência sobre os rins serão segregados e eliminados do sangue, através de nova atividade desses círculos plexiais, os detritos e forças cristalizadoras que nos seres dialéticos comuns indubitavelmente seriam absorvidas no sangue e que são responsáveis pela formação do temível glúten.

Muitos dos que se ocupam com o estudo da ciência sagrada têm perguntado inutilmente qual o papel dos rins no processo de santificação. Mas agora já podeis compreender por que o salmista diz: "Examina-me, Senhor, e experimenta-me; purifica meus rins e meu coração. Pois que tua bondade está ante meus olhos e eu caminho na tua vontade". Estas são as palavras do aluno que se encontra ocupado com a quinta ação libertadora. Um perfeito equilíbrio deve reinar no sistema estômago-rins. Quando o mantra soar no aposento superior — "Tomai e comei, este é o meu corpo" — esse sistema deverá funcionar de acordo com a exigência acima indicada, pois o aluno que recebe esta incumbência encontra-se no país da inimizade, e sua personalidade é dialética. Os perigos que o rodeiam não são imaginários.

Se o círculo do plexo do estômago estiver ativo da maneira correta, a energia vital será ao mesmo tempo

distribuída e aplicada convenientemente. Esgotamentos e dispêndios excessivos de energia poderão ser prevenidos. Os dois rins encontram-se à esquerda e à direita da coluna vertebral do fogo serpentino, na altura das três primeiras e muito importantes vértebras lombares, e junto a cada um dos rins encontramos uma excrescência conhecida como glândula supra-renal. As glândulas supra-renais são órgãos de secreção interna, cujos hormônios fornecem a energia. Quando o total sistema estômago-rins, as glândulas supra-renais e o seu correspondente transformador de força nervina não estiverem devidamente estruturados, resultará a cada toque da força supranatural uma falsa ação, aumentando o glúten no sangue.

Em virtude desse sistema encontrar-se intimamente ligado ao sistema cabeça-corção, poderá surgir, por esforço excessivo da vida sentimental dialética, o reumatismo ou a diabete. Contudo, o aluno que no processo das ações libertadoras reagir de modo correto ao quinto raio, poderá falar como no Salmo 26, "Senhor, eu me dirijo ao vosso altar", e sinceramente exclamará: "Prova-me e examina-me Senhor e purifica os meus rins e o meu coração". Assim, o fluido da consciência, a secreção interna e o sangue serão levados ao perfeito equilíbrio, de onde resultará uma nova ação libertadora.

Vem agora o último critério manifestado pelas seguintes palavras do Senhor: "Este cálice é a nova aliança com o meu sangue, que é derramado para vós. Vinde todos e bebei dele". Este mantra do Graal

dirige a atenção sobre o círculo do plexo do abdome e sobre a transformação da força criadora. Se as cinco ações libertadoras precedentes forem executadas realmente de acordo com as exigências da luz prânica original, então a sexta fase não trará nenhuma dificuldade, e o aluno poderá, com a sexta corda, ser retirado completamente do poço da morte.

Assim, obtemos a seguinte representação esquemática do processo da Santa Ceia:

- 1- a imunização contra as forças dialéticas até a um mínimo biológico; o transpor do limiar;
- 2- a fundição do cálice do Graal com o auxílio dos novos éteres;
- 3- a transformação do sangue, o equilíbrio da energia e a garantia da eliminação dos detritos dialéticos do sangue;
- 4- a transformação da força criadora, de modo que o aluno tenha o comando sobre toda a sua atividade.

Mais uma vez a corda descera ao poço da morte, e vede, a resistência foi vencida. A ligação entre a luz prânica original e o microcosmo foi definitivamente realizada. Agora a endura poderá começar. Agora o aluno poderá anunciar "a morte do Senhor até que Ele venha". A Santa Ceia foi distribuída, e todos se levantam para se dirigirem ao Jardim de Getsêmani.

XV

O MARAVILHOSO JARDIM DE GETSÊMANI

Se considerardes tudo o que já dissemos sobre a Gnosis, então sabereis que o Evangelho deve ser compreendido como um mistério de iniciação. Não vemos na Bíblia relatos históricos, porém a assinatura atual dos seres que aspiram à senda da elevação.

O Evangelho, visto como uma das manifestações do Ensino Universal, é sempre novo e coloca o aluno diretamente ante a exigência extremamente atual. Se considerarmos o Evangelho dessa maneira, poderemos libertar-nos das algemas do passado, nas quais nós e nossos próximos estamos presos, por estarmos voltados de maneira retrospectiva a uma presumível história, expressando-a sentimentalmente através de sermões, música e cantos, sem nada disso compreender. Eis por que nos ocupamos com estas coisas de uma maneira gnóstica nova, e mutuamente nos conduzimos no caminho do Jardim das Oliveiras, o Jardim de Getsêmani. Esperamos e oramos que possamos compreender-nos uns aos outros no Espírito e na verdade.

O mistério da iniciação cristã é um acontecimento singular. É uma sucessiva série de processos impossíveis de serem compreendidos pelos leigos, por exigirem um profundo conhecimento da santa ciência universal. Compreender esses processos é a graça que caberá àqueles que com a sétupla corda das sete ações libertadoras forem retirados do poço. Antes que a rosa cor de laranja possa desabrochar na luz do Sol, é necessário que as raízes da planta rompam a crosta escura da terra para conseguir o alimento necessário. Para compreender as coisas da vida nova, verdadeira e original, é necessário possuir uma equivalente consciência. Aquele a quem faltar uma tal consciência será surdo apesar de ouvir, e cego apesar de ver. Nada e ninguém poderá ajudá-lo, pois lhe falta simplesmente o órgão sensorial.

Eis por que existe uma consciência dialética e uma consciência gnóstica, e igualmente dois tipos humanos totalmente diferentes, que demonstram não somente diferenças de ordem espiritual e moral, mas também corporalmente. As diferenças entre ambos os tipos são em um determinado momento tão fundamentais que finalmente não mais poderão viver no mesmo mundo. Ambos necessitam de outro campo de vida, de outro campo respiratório, de outro campo vibratório. Por isso, a História nos mostra como de tempos em tempos consuma-se uma separação entre o tipo humano terrestre e o tipo humano do novo campo de vida; uma separação entre bodes e ovelhas, entre injustos e justos, segundo a citação da Bíblia.

Num novo dia de manifestação no reino humano decaído, a Hierarquia de Cristo inicia acolhendo e acometendo num processo de regeneração as criaturas humanas de tipo quase homogêneo desse período. A hierarquia atua através desse processo, entre outros, sobre os elementos da lembrança que em alguns seres humanos estão presentes. Com a progressão desse processo, maior número de pessoas começará a reagir de maneira positiva, enquanto que outras, ao contrário, reagirão de modo negativo. Estacionar é impossível. Por isso, é lógico que esse processo vá conduzir finalmente a uma crise espiritual e científico-natural, a uma separação histórica e definitiva entre os dois tipos humanos que se distanciam cada vez mais um do outro.

Se podemos falar com otimismo sobre duas metades da humanidade, então uma delas deveria permanecer na costumeira ordem da natureza com todas as conseqüências daí decorrentes, enquanto a outra entraria no novo campo de vida que, cósmica-atmosférica-espiritualmente, fora preparado pela Hierarquia de Cristo. Das conseqüências históricas e científicas naturais de tal separação, que muitas vezes já se efetuou, sempre se comprovam que a metade da humanidade agarrada à parte terrena do mundo tomou uma direção errada.

Atualmente a humanidade aproxima-se de tal separação histórica, e assim mostram-se dois estados de consciência claramente reconhecíveis, que conduzem a uma inevitável confusão de línguas. Uma tal

confusão de línguas é deplorável, pois seria desejável que a humanidade falasse somente uma língua, pela qual pudesse ser elevada ao novo campo de vida. Por outro lado, esta confusão prova que a Hierarquia de Cristo não tem trabalhado inutilmente. Os dois tipos humanos que reciprocamente se defrontam não mais se entendem.

A linha divisória parece estar traçada indiscriminadamente. Algumas vezes ela atravessa famílias, parentes e grupos, separando irresistivelmente as duas metades. Atualmente encontramos-nos diante de semelhante desunião, o que até certo ponto é deplorável, lamentável e dramático; todavia, é a assinatura da grande transformação. Reconhecemo-la em todos os domínios da vida.

Imaginemos, como exemplo, que pertençamos ao tipo humano dos segregados, e vós não. Nesse caso, todo o falar, todo o diálogo e todo o filosofar seriam plenamente supérfluos, visto a divisão haver progredido em demasia. Então, cada um seguiria seu próprio rumo, em atitude decente e amigável, dizendo: "Não nos contrariemos um ao outro, deixai-me em paz". Assim, teria chegado ao fim o trabalho executado pela Escola da Rosacruz.

Contudo, nesse espaço temporal existe um terceiro tipo humano, que vai escasseando cada vez mais e do qual se pode dizer: "Ele não é nem peixe nem carne; não é positivo nem negativo; não é quente nem frio". O ser humano assim constituído possui uma lembrança intelectualmente cultivada, um cor-

respondente interesse, e até certo limite pode compreender e sentir as coisas do novo campo de vida. Todavia, um tal ser ainda não fez a sua escolha definitiva, ainda não tirou nenhuma conclusão e consequentemente ainda não colocou o seu pé na senda.

Os seres desse tipo são neste mundo influenciados de dois lados: pela Hierarquia de Cristo, a fim de conduzi-los fundamental e estruturalmente à nova vida; e do lado do adversário, para impedir um tal caminho e acorrentá-los à natureza terrestre. O terceiro tipo humano é formado por um grupo de transitória existência, o qual ainda não está definido se pertencerá à nova ou à velha natureza. Que este grupo seja relativamente pequeno, pode servir de prova o quanto a grande e histórica transformação se aproximou.

Devemos prevenir-vos contra a vossa vida sentimental e intelectual. Esses dois estados de ser não oferecem valores reais no sentido da libertação. São como enganosas e ilusórias cortiças nas quais a nossa vida biológica navega; são as antenas com as quais, como os insetos, sondamos os nossos arredores. Quando sentirmos ou compreendermos as coisas da nova vida, isto de forma alguma significará que estamos dentro desta nova vida! Se vos agarrardes à mística biológica e ao entendimento biológico e aí permanecerdes, isso significará que estais em total autocegueira. Se concordais conosco nesse sentido, então estaremos suficientemente preparados para nos aproximar do maravilhoso Jardim de Getsémani.

Se lermos superficialmente a história de Getsêmani, receberemos a impressão de que a divisão da consciência está ali claramente demonstrada: por um lado, pelo sofredor Jesus; e por outro, pelos discípulos, que não compreendem e em parte ainda estão adormecidos. Todavia, esta interpretação é totalmente errônea. O drama de Getsêmani é um estado dentro de uma certa fase do mistério iniciático descrito no Evangelho. Esse mistério iniciático tem sete fases.

Na santa ciência do renascimento, em primeiro lugar conhecemos o processo da ruptura, ou da consciência do pecado, indicado no mistério de João, o Batista. Em segundo, conhecemos o processo da descida da luz prânica original, isto é, a ligação da radiação celeste com o homem da natureza terrestre. Este processo é simbolizado pelo "nascimento de Jesus no estábulo".

Em terceiro lugar, o mistério cristão conhece o intercâmbio místico e filosófico entre o Espírito Santo e a personalidade, e é representado como o peregrinar de Jesus por sobre a Terra.

Para coroar com definitivo e perfeito êxito este processo, poderemos indicar a quarta fase como a escolha dos doze discípulos. O homem-Jesus convoca, para delas tomar posse, as doze forças do homem dialético, ou os doze raios da alma dialética, também denominados os doze pães da proposição do templo terrestre. São os doze pares de nervos cranianos com os sete vezes sete plexos. Tão logo o homem-Jesus no

microcosmo tenha tomado posse das doze forças do sistema nervoso da personalidade, e assim que estas forças estejam sob o seu controle, o destino da natureza terrestre foi selado.

Esse mesmo processo é também ilustrado pela lenda do rei Artur e seus doze cavaleiros da Távola Redonda. O celestial, isto é, aquilo que não é desta natureza, estabelece uma ligação, forma uma Távola Redonda com o terrestre, com aquilo que é desta natureza. Eis por que numa tal Távola Redonda está presente um conflito fundamental, um Judas. Eis por que necessariamente se desenvolve uma demolição. O divino, o celestial não aceita conciliação com o dialético, o terreno.

O que é terrestre quer atrair o celestial à sua esfera de ação, procura servir o celestial, enquanto que o celestial visa liquidar totalmente o que é dialético. Os métodos empregados pelos dois opositores, com o fim de conseguirem o seu objetivo, entrosam-se perfeitamente. O terrestre pretende atrair o que é celestial à sua esfera de ação. O celestial entrega-se prisioneiro, tendo antecipadamente feito a seguinte advertência: "Meu reino não é deste mundo". Através desse sacrifício da natureza celestial, o declínio da natureza terrestre terá de tornar-se uma realidade.

Eis por que, após o processo da ligação-Jesus com os doze aspectos do campo de vida dialético, seguir-se-á a quinta fase do drama cósmico: a fase do sacrifício. A quinta fase, a oferenda-Jesus, só se efetuará no aluno que em seu caminho no processo da santificação

haja passado por todas as quatro fases anteriores. Ela se concretiza unicamente no aluno que segue a senda da ação libertadora.

A idéia de que Jesus, o Senhor, há dois mil anos, em um local qualquer da Palestina, haja expiado o erro da humanidade inteira, cabeça por cabeça, coração por coração, pelo sacrifício único na cruz; que Jesus, o Senhor, por este modo haja redimido e pago os nossos pecados — segundo o catecismo de Heidelberg — é um engano terrível. É uma monstruosidade ortodoxa, é uma heresia introduzida pela velha Igreja. Em virtude dessa doutrina a Igreja declinou para sua atual impotência, tornando-se uma caricatura.

Esse sacrifício único deve realizar-se em vós, e o madeiro da maldição é a vossa própria corporalidade dialética. O Gólgota é o lugar do crânio onde o processo da crucificação, a sexta fase do mistério da iniciação, inicia e finaliza, para que a sétima fase, o mistério da ressurreição, possa ser cumprido.

Se o Evangelho diz que “todo o espírito que confessar que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo o espírito que não confessar que Jesus veio na carne não é de Deus”, então se torna necessário entender muito bem tais palavras. É incompreensível que palavras de tal modo neutras, despertadoras e objetivas, tenham sido por tão poucos penetradas.

Quando o aluno experimenta a ligação com Jesus, a oferenda-Jesus, a quinta fase, quando a experimenta na própria carne, ele é de Deus e está em

Deus. E quando ele puder experimentar essas coisas e testemunhá-las na carne, está na Gnosis. Deste sacrifício na carne é que se desenvolve a ressurreição. Aquele que ainda não puder confessar isto, que ainda não puder vivenciá-lo, não é de Deus. Ele conhece Deus apenas como palavra, como som, como vaga noção.

“Da nossa parte confessamos” — isto é, experimentamos — “que Jesus veio na carne.” Por estas palavras de Paulo podereis reconhecer o seu estado de ser. O total grupo ortodoxo imagina-se capaz de repetir essas palavras ao referir-se ao nascimento histórico de Jesus. Sentis como isso é tolo e primitivo? Todo o grupo infernal sabe que Jesus veio na carne. Compreendeis agora as palavras de Silésius: “Se Cristo nascer mil vezes em Belém e não em ti, continuarás extraviado”? Já percebestes como é horrenda e profunda a decadência da vida mística atual? Sentis como é urgentemente necessária uma separação dentro da humanidade, e quão necessária é uma outra consciência?

O processo de sacrifício do homem celeste para o terrestre, a quinta fase do drama crístico, inicia-se com a Santa Ceia — como já o descrevemos minuciosamente. Durante a Santa Ceia desenvolver-se-á também um aprisionamento. Com isso, as doze forças ou as doze qualidades dos doze pares de nervos cranianos dialéticos serão definitivamente aprisionadas pelo homem-Jesus. A Figueira é erigida. Então, Judas é obrigado a partir: “O que pretendes

fazer, faze-o logo". O conflito inicia.

Depois, Jesus conduz o aluno a Getsêmani. Leva três dos seus discípulos: Pedro, Tiago e João. Pedro representa o elemento vontade; Tiago, o elemento intelectual; e João, o elemento sentimento; a unidade cabeça-coração em sua totalidade. Jesus eleva esses três fatores dirigentes da natureza humana inteiramente para a solidão, ao jardim da alma. Ele os coloca ante a nova vida.

Em toda a sabedoria antiga, Getsêmani é o Jardim da Alma, o jardim das rosas, no qual a clara imagem do caminho da libertação se desdobra diante do aluno, nele gravando-se. A assinatura desse acontecimento é a solidão, o profundo e grande silêncio. Ele é elevado a um domínio onde o dialético é irrevogavelmente submerso em sono, e onde a consciência dialética não poderá segui-lo. Originalmente não fora redigido como se Jesus estivesse consternado ou receoso, mas que estava preocupado pelas massas, pela concretização desse maravilhoso processo. Essa é a preocupação do amor.

Temos de afastar mais uma mistificação. Com as palavras de Jesus "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia não seja como eu quero, mas como tu queres" e "Meu Pai, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade", os místicos eclesiásticos exibem um salvador transpirando sangue e padecendo e implorando por salvação até o último instante para, finalmente render-se. É assim que Ele foi reproduzido pela arte

através dos séculos. Através dos séculos fez-se dele um sofredor dialético.

Mas o aluno atingido pela luz prânica original experimenta algo completamente diferente. O cálice é aqui o Graal preparado no novo santuário cabeçacoração. É pelo uso diário do conteúdo do Santo Graal que o aluno deve consumir o grande milagre da transfiguração. A maravilhosa experiência no Jardim de Getsêmani tem por objetivo dar a conhecer perfeitamente ao aluno o conteúdo mágico do Santo Graal.

Esse processo realiza-se em três fases, depois que o aluno — por efeito de suas sete ações libertadoras — foi elevado ao novo campo de vida e tudo o que é dialético nele adormeceu. O caminho que se estende à sua frente passa agora por ele como se fora um conto, uma canção. As rosas florescem, e recendem as amendoeiras em flor. O aluno ouve, vê e entende de primeira mão o que a Gnosis quer dele. E então ele diz: "Meu Pai, se for possível não deixes passar esse cálice por mim, como eu quero, porém como tu o queres".

As palavras "como eu quero" contêm a possibilidade de as influências dialéticas corromperem tudo de novo. Com este mantra mágico, consegue-se uma absoluta pureza de visão e, como nos tempos pré-históricos, o aluno liga-se em livre obediência com Deus.

Quando isso tiver acontecido, segue o segundo mantra. O cálice aparece pela segunda vez e o aluno

gnóstico dele beberá. O novo homem despertado passa à nova ação para restabelecer definitivamente a união que fora quebrada na pré-história: "Pai, não deixe que esse cálice passe por mim, mas que eu o beba; seja feita a Tua vontade".

Imediatamente a isso a nova unidade cabeçacoração é despertada no vácuo sublime de Getsêmani para um positivo trabalho de livre-maçonaria. O Graal é erguido para ser tomado; o toque entre Deus e o ser humano realizou-se finalmente; a aliança foi renovada.

De agora em diante o aluno entregar-se-á prisioneiro ao grande processo do milagre do renascimento, ao processo da endura, na realidade da vida. A grande transmutação, a fabricação do ouro extraído dos metais impuros iniciar-se-á.

No microcosmo, a chama eterna arde sobre o santuário.

XVI

O MISTÉRIO DA ENDURA

Quando uma criatura do mundo ocidental — educada neste meio e que traz no sangue inúmeras ascendências ocidentais — toma conhecimento pela primeira vez em sua vida dos ensinamentos dos maniqueus*, dos cátaros* ou dos rosacruzes*, que historicamente lhe estão mais próximos, rosacruzes esses da natureza de Johan Valentim Andreae, ela fica extremamente admirada e completamente estranha às suas interpretações sobre o cristianismo.

As linhas de discernimento e desenvolvimento entre o cristianismo das igrejas e o das fraternidades acima mencionadas seguem direções de tal modo divergentes que já não mais se pode falar de uma diferença de pontos de vista, mas de duas coisas essencialmente estranhas uma à outra. Conseqüentemente, um pesquisador imparcial deve formular a si próprio esta pergunta: "De que lado da linha divisória resplandece o verdadeiro cristianismo?" Quando uma criatura se faz esta pergunta com real objetividade, e se o espírito pesquisador da verdadeira

vida já se apoderou dela, então é evidente que sua pergunta sem dúvida será respondida, e uma resposta clara ela encontrará na Bíblia, desde que permita que esta lhe fale livre das exegeses teológicas seculares.

Tomeis como exemplo a endura dos Cátaros, tão veementemente criticada e tão mal compreendida. Grossos volumes surgiram sobre este "ímpio método suicida" praticado pela antiga fraternidade do Sul da França. E, todavia, este método denominado "ímpio" encontra-se descrito minuciosamente nos quatro evangelhos que serviram de base para a vossa própria educação e a de numerosas gerações que vos antecederam.

Para isso reconhecerdes e para que a vossa consciência tenha uma imagem perfeitamente límpida desse processo, conservai diante dos olhos uma vez mais tudo o que a endura encerra em si mesma. *Ela representa a morte conscientemente causada e metódicamente conduzida da ímpia natureza dialética no microcosmo.*

O aluno que quer realizar a endura, parte do conhecimento de que uma parte de seu sistema microcósmico não se encontra de acordo com as leis divinas da construção, e que esta parte degenerada impede o sistema restante de participar da vida divina, resultando daí que o microcosmo inteiro jaz literalmente como num sono de morte. O aluno que chegou a tal descoberta passa a desnaturar pela endura a parte ímpia de todo o seu ser. Pois o afastamento do

ímpio é o início para a ressanctificação de todo o sistema.

Sobre o pilar da endura repousa o reiniciar da vida divina. Nesse pilar repousa a total transfiguração ou renascimento evangélico. O método desse renascimento evangélico, da ressurreição eterna e total da natureza original, deve portanto resplandecer em sua integridade na linguagem sagrada dos evangelhos. Por essa razão podemos e devemos dizer que os evangelhos encerram métodos endurísticos. Se realizarmos fielmente tudo o que nos propõem esses métodos evangélicos, no fim só haverá um resultado: o encontro com o Senhor de toda a vida na nova senda etérica.

É conveniente citar resumidamente como a mística das igrejas vê o renascimento evangélico. Sob a influência do deus deste mundo, ela reprimiu a meta da endura e subordinou a parte ímpia do microcosmo a todo um sistema de cultura mística da bondade, fazendo-o até hoje. Já discorreremos tanto sobre este assunto que não é necessário entrar em pormenores sobre isso. É evidente que o misticismo das igrejas e toda a teologia que dele parte não tem o mínimo direito de se denominar pelo nome de Jesus Cristo.

Na Escola da Rosacruz vemos a endura como a base da mensagem evangélica, e para poder compreendê-la não necessitamos pesquisar e procurar anos e fio os autênticos documentos das antigas fraternidades de boa fé, mas possuímos tudo o que precisamos

saber na Bíblia. Em seguida, é preciso que estejamos profundamente compenetrados do fato de que o chamado para o renascimento não nos é transmitido unicamente pelos evangelhos cristãos, porém esse chamado ressoa em todo o Ensino Universal. É o apelo para o retorno; é o apelo da Gnosis.

Por isso estamos jubilosos com o encargo recebido de, por meio de uma série de artigos, defrontar-vos com o primordial e clássico caminho do retorno, pois esse caminho unir-vos-á à mensagem divina de todos os tempos. Eis por que outra vez apanhamos o fio da nossa exposição no lugar onde o havíamos deixado cair em nossa carta precedente e, segundo a ordem adotada no desenvolvimento das nossas considerações, colocamo-vos ante a endura, não como este ou aquele a confessa e executa, mas como a Bíblia no-la apresenta como nossa missão atual: "Sede meus seguidores".

Assim compreendemos que a endura dirige a nossa atenção para a extinção da parte ímpia do microcosmo. É nesta parte que a personalidade, o eu, o ser inferior tem sua sede. Muitos, no esforço de aplicar a endura e obedecer às exigências sagradas, empregaram com fervor todos os métodos possíveis na demolição do eu, e no fim chegaram à conclusão de que todos os seus esforços, apesar de bem intencionados, não produziram um só efeito. E isto é perfeitamente lógico, pois o eu que pretende liquidar-se a si mesmo, com isso se conserva intato. O eu que se submete a um ou outro método, deste modo se

fortalece. Eis por que a Gnosis, a luz prânica original vem à humanidade para que o impossível possa ser realizado através dessa força divina, se tal for desejado. O eu não realizará a endura, mas sim a Gnosis ou, na expressão da mística cristã, "o Cristo em mim".

Explicamo-vos como esta força divina, em primeiro lugar, começa a agir "sugestivamente" no sistema e, como em seguida, a luz divina estabelece uma ligação sétupla com o sistema ímpio, para nele penetrar. Este processo avança passo a passo. Neste processo não age o eu da natureza, mas sim o Espírito Santo, a Gnosis, o Cristo em nós. Quando a Santa Ceia sétupla puder desse modo ser abençoada, então, após esta ceia, quando o último dia de vida segundo a natureza houver atingido o seu nadir, o aluno dirigirse-á ao Jardim de Getsêmani. E, como já dissemos, nesse jardim começa o novo dia, o dia da transmutação.

Num afastamento dos sentidos, numa total ascensão à nova senda etérica, o aluno recaberá uma clara imagem do total processo vindouro da transmutação, o qual é designado nos evangelhos como a crucificação. Neste completo processo da crucificação ou da transmutação existem doze momentos principais a serem distinguidos, que começam com a prisão e terminam com a morte do homem-Jesus.

Tentaremos explicar-vos o que significa tudo isso. Se quiserdes compreender o sentido profundo da epopéia da crucificação, teremos de vos aconselhar com ênfase, mais uma vez, a abandonar todos os

aspectos evangélicos e culturais transmitidos. Estes aspectos estão ancorados tão fortemente em vosso sangue e por incontáveis antepassados foram tão enraizados em vós, que deveis ver nisso a essência do vosso acorrentamento à roda.

A epopéia da crucificação nada tem a ver com o sangue, as lágrimas, as flagelações e um corpo agonizante pregado a uma cruz. Nessa epopéia não se utilizará o menor pedacinho de madeira. Embora os relatórios evangélicos tenham sido deturpados de maneira bastante sacrílega, não se pode dizer que eles se refiram aqui a atos puramente simbólicos. Na epopéia da crucificação, trata-se de um profundo e penetrante processo duodécuplo de doze cânticos. É a fase final do santo processo gnóstico da salvação, à medida que se realiza dentro da via dialética de existência. Se disto conseguirdes discernir algo, então reconheceréis simultaneamente o insondável abismo existente entre o cristianismo dos mistérios e o cristianismo das igrejas.

Porventura alguma vez já vos interrogastes por que as autoridades eclesiásticas teimam obstinadamente em conservar nas igrejas os seus culminantes, repetitivos e rotineiros festejos anuais? É uma narcose cientificamente cultivada para evitar que as massas jamais possam suspeitar de algo da verdade.

É o nosso dever mostrar-vos o que há entre vós e a realidade. É a vossa igreja ou a vossa arte; é o caos de uma traição eônica, que se encontra em vosso sangue. É na corrente vermelha quase totalmente aniquilada

que se procura por alguns elementos com a original capacidade de reação. Esta seqüência de capítulos é, da parte da fraternidade, um estímulo para a reação. Se tais elementos ainda estiverem presentes, então podereis compreender o que a Gnosis tem a dizer-vos.

O cristianismo puro, imaculado, a Doutrina Universal, a religião original, são conservados exclusivamente para nós nos Mistérios. Os hierofantes dos Mistérios jamais fundaram igrejas ou instituições mágico-místicas. Tudo o que se tem dito sobre isto é uma grande ilusão. Apresentaram-se-vos as coisas como se as igrejas fossem destinadas à massa, ao povo comum, e os Mistérios para os iniciados, para os especialmente predispostos. Quem seriam essas pessoas especialmente predispostas, onde encontrá-las, em que consistiria essa predisposição, ninguém vos poderá dizer. Não é possível comprovar se a ela pertenceis. Somos apenas massa, tomamo-nos massa, degeneramos para massa. Encontrai-vos no campo desta natureza.

Por que pertenceis a este rebanho? Achais que isto vos é agradável? Qual é a causa do vosso estado de degradação? Naturalmente que deteriorastes em vós mesmos muitas coisas, mas o fizestes intencionalmente? A maior parte do que fizestes não deve ser imputada à vossa ignorância? Ou aconteceu pelo fato de terdes seguido caminhos errados, que premeditadamente foram projetados em vossa consciência? Porventura ainda não reconhecestes que nesta natureza estava e ainda está presente um poder, um

inimigo absoluto, que desde o começo vos levou a esta impotência, a esta completa limitação da consciência no decorrer dos incontáveis giros da roda? Não reconhecestes que este inimigo, numa sucessão infundável de imitações, lança mão de tudo para vos prender para sempre?

Aqueles que servem a uma dessas imitações geralmente fazem-no em absoluta boa fé, o que torna as coisas ainda mais complicadas e desesperadas. A verdade, o mistério divino é uno e indivisível, e nada existe entre vós e a Gnosis, nenhum intermediário, a não ser que criéis ídolos para vós.

Ireis objetar-nos que também Jesus, o Senhor, contava com a diferença existente entre as massas e os iniciados, pois não falava Ele ao povo por parábolas e aos discípulos de maneira completamente diversa?

Falar-se a alguém por parábolas não significa admiti-lo numa ou noutra espécie de imitação. O mistério total se oferece a todos igualmente de modo desvelado. Ele quer aproximar-se de nós, quer salvar-nos e por isso nos fala de modo compreensível. E se o compreendermos, não receberemos nenhum consolo em nosso estado de ser, porém um chamado para aproximarmos-nos do mais santo dos Mistérios: "Vinde a Mim vós todos que estais fatigados e oprimidos e vos refrigerareis". Os que vierem trilharão o caminho que já descrevemos e encontrar-se-ão na fase final dialética da grande viagem, diante da epopéia da crucificação.

Esclarecemo-vos minuciosamente como todos os

círculos plexiais, durante a Santa Ceia, são tomados pela luz prânica original no intuito de um novo início. O total sistema dialético da personalidade deste modo será processualmente subordinado ao controle da Gnosis. Os plexos são nós situados no sistema nervoso, que envolvem a árvore da vida e que devem ser diferenciados de maneira duodécupla.

Quando a total figueira dos Mistérios vibrar na luz prânica original, a secreção interna, a atividade dos hormônios, com o auxílio dos quais o sangue e o total sistema restante funciona e é mantido, tornar-se-ão num estado todo especial. A natureza inteira foi apanhada pela nova natureza divina e deste modo finalmente a base para a transmutação tornou-se perfeita.

Em consequência desse estado, desenvolvem-se dois novos processos: o declínio fundamental da antiga natureza e a subida fundamental da nova natureza, um morrer e uma ressurreição. Sob a influência dos doze alimentos santos, uma nova personalidade será construída de maneira duodécupla, "de água e de espírito", ao redor da rede sutilmente distribuída da figueira, enquanto que sob a mesma influência a velha personalidade submergirá. Assim, a epopéia da crucificação é a epopéia de um novo nascimento. A parte maldita extingue-se e o que é santificado se eleva!

Sobre esse processo Paulo fala aos seus alunos na segunda epístola aos Coríntios. Considerai, contudo, que Paulo se dirige unicamente aos alunos que se

encontram ocupados com esse processo. Ai daquele que pretender imitar esse processo. "Sabemos que se a nossa casa terrestre em que vivemos for demolida, temos um edifício, como casa eterna, no Céu."

Possivelmente aspirais ser revestidos com a santa habitação, mas cuidai em não serdes achados desnudos. Talvez suspirais sob a labuta de ter de permanecer na cabana terrestre, mas atentai que o mortal será tragado pela verdadeira vida, se agir e aspirar. É a Gnosis que vos capacita para isso, e vos deu como penhor o Espírito Santo.

XVII

A GLORIOSA RESSURREIÇÃO

Com os doze cânticos da epopéia da crucificação, o aluno a caminho para o lar paterno termina a sua viagem através do valè existencial. A manhã da ressurreição desponta e agora queremos ver o que significa em sentido gnóstico essa grande vitória. Para que se possa compreender bem o que acontece durante a ressurreição, é preciso levar em consideração o que e quem irá ressurgir do túmulo, e de qual túmulo se trata.

Na geográfica Jerusalém existe uma igreja do Santo Sepulcro. Quando Jerusalém foi devastada por Tito, e mais tarde, quando reconstruída, encontrou-se dentro da cidade um monte artificial, que denominou-se Gólgota. No ano 326, esse monte foi demolido e em seu lugar levantaram uma capela. Posteriormente essa capela também foi destruída por diversas vezes, e presentemente no mesmo local ergue-se uma grande igreja. Na igreja encontra-se, entre outras coisas, uma cama mortuária e uma laje para embalsamar, assim como a prisão de Cristo.

Também pequenos pedaços de madeira da cruz estão guardados debaixo de vidro. Eles foram montados em ouro e repousam sobre um veludo azul. Ali também há panos com o sangue e o suor do Redentor sofredor.

Mas deveis penetrar completamente nessa grande *mistificação histórica premeditada*, pois o túmulo de Cristo se encontra em qualquer lugar onde um aluno trilha a senda da Gnosis. Não deveis procurar o Santo Sepulcro em dunas ou em fendas de rochas, porém o encontrareis unicamente num microcosmo vivo e vibrante. O túmulo é a parte ímpia do microcosmo, onde o sistema da personalidade estranha à natureza divina será rompido; e o Santo Sepulcro encontra-se lá onde uma nova personalidade glorificada eleva-se no novo dia num microcosmo reconciliado com Deus.

O Santo Sepulcro, como sabeis, encontra-se no Jardim de José de Arimatéia, isto é, no microcosmo do mestre-construtor que, após percorrer a senda gnóstica, alcançou essa vitória. Se quisermos compreender algo da realidade redentora da ressurreição, temos de dirigir o nosso olhar para a realidade atual. Assim como Cristo, o Iluminado, é hoje o mesmo de ontem, assim também é a ressurreição. A participação na ressurreição de Cristo significa a realização da salvadora realidade na própria vida e no próprio ser. Se firmemente puderdes ancorar esta compreensão no vosso próprio ser, na vossa própria consciência, de modo que as ancestrais tendências do sangue não mais

possam turvá-la, então é possível recordar com êxito a transformação poderosa e aparentemente maravilhosa que se realiza durante o processo da ressurreição.

Conforme estais lembrados, a epopéia da crucificação corresponde à intervenção duodécupla da Gnosis no sistema nervoso, que corresponde e está ligado ao fogo serpentino, e que é designado como a figueira. Em virtude da duodécupla intervenção do divino mestre, a personalidade da natureza é rompida.

Sob a personalidade da natureza compreendemos a total quádrupla corporeidade: o corpo denso, o corpo etérico, o corpo da desejo e o poder do pensamento; e a tríplice consciência terrestre. Pela intervenção do divino mestre, todo esse sistema é desligado, não de maneira aproximada, porém processualmente.

Talvez saibais que a figueira sagrada possui vinte e quatro ramos, ou seja, os doze pares de nervos cranianos que controlam todo o sistema da personalidade. Há doze pólos positivos e doze negativos, e por conseguinte também vinte e quatro funções diferentes. Cada uma dessas funções poderá ser comprovada, e o aluno da Escola Espiritual da Fraternidade Universal é incumbido de ver essas vinte e quatro funções como vinte e quatro tarefas, nas quais ele, como livre-maçom, pode e deve colaborar completamente. Pois à intervenção divina duodécupla o candidato deverá responder de igual maneira.

A cada ramo da figueira sagrada correspondem

alguns dos quarenta e nove plexos e alguns dos órgãos de secreção interna. Podeis imaginar que cada um destes aspectos se assemelha a um local de trabalho, onde ardorosamente se labuta na grande obra. Se observarmos o trabalho de um destes doze locais, reconheceremos então nitidamente que o trabalho é duplo, a saber, o acumular de elementos básicos e sua aplicação. Os elementos básicos gnósticos são trazidos pelo pólo negativo e pelo positivo, o pólo irradiante; esses elementos são dirigidos para os lugares de trabalho — os gânglios nervosos, os órgãos de secreção interna e os órgãos produtores de sangue.

Nesses locais de trabalho da personalidade, a total meta da grande obra deverá realizar-se. Esta realização, de acordo com o entendimento dialético, poderá ser interpretada da melhor maneira como a construção de uma forma aparente. O candidato possui, então, uma personalidade que embora exista e possa ser notada e se comporta de modo absolutamente natural, não mais pertence a este mundo, segundo o seu mais profundo ser.

Não deveis cometer o terrível engano de chamar essa forma aparente de figura celeste, pois segundo o seu ser ela nada é. Ela não é mais da esfera material nem da esfera refletora ou de outro qualquer reino da natureza. Ela não pertence a nenhum desses lugares e existe como suporte temporário que, tão logo seja abandonado, imediatamente se dissolverá em átomos. Compreender-se-á também que essa figura aparente possui igualmente uma pseudovida e uma pseudo-

consciência. E esta mistificação perdurará até determinado momento psicológico, que surgirá quando o corpo da ressurreição tiver sido terminado. Deveis compreender que a criação da figura aparente, o deslizar da realidade dialética na figura do nada, é filosoficamente designado por nós como a endura, como a epopéia da crucificação.

Vejamos agora como se produz o despertar do corpo da ressurreição. Sob nenhum ponto de vista deveis comparar a personalidade da verdadeira criatura divina com a terrestre. O homem divino não é um ser terrestre glorificado, uma Vênus espiritual ou um Apolo. O homem divino pode ser melhor comparado com um foco divino, luminoso, radiante, que pode adotar múltiplas formas e também pode surgir completamente disforme.

Tão logo, pela graça irradiante da Gnosis, o aluno dissolva no nada a parte ímpia do microcosmo, o Logos microcósmino original recebe, ao mesmo tempo em que se realiza a endura, a oportunidade de novamente ocupar o seu antigo trono no microcosmo. Assim, nada do terreno pode tornar-se original. Tudo o que é terrestre será dissolvido no nada. É logo que este nada tenha sido alcançado, o Original, o Iluminado novamente se encontrará no santuário. Então, surge o glorioso, o sagrado, o divino momento em que o maravilhoso Inefável está diante da figura aparente, testemunhando deste modo que a ressurreição tornou-se efetivamente uma realidade. A figura aparente desaparece, ou então ainda recebe uma tarefa no

processo de ressantificação de outros.

Consideremos agora o que a Bíblia testemunha sobre estas coisas. Primeiramente deveis dirigir toda a vossa atenção à narrativa de Maria Madalena. A história inicia-se no primeiro dia de um novo período. Lede-a conosco sob a luz do que acabamos de vos descrever.

Maria Madalena é-nos demonstrada como uma mulher "convertida", que na linguagem transfigurística designa um ser humano que trilhou o caminho do nada e que em certa manhã encontra diante de si o *túmulo* vazio. A pedra fora removida. Este *vazio* do túmulo e esta *pedra removida* possuem um profundo sentido. No processo que nos foi permitido descrever-vos, surge um momento que literalmente podemos chamar de *túmulo esvaziado*. O túmulo, como sabeis, é a parte ímpia do microcosmo, no qual a personalidade dialética que aí existe se rende na epopéia da crucificação.

Quando estes acontecimentos tiverem atingido a sua realização; quando a personalidade dialética romper para o absoluto nada, e a figura-aparente concretizar-se, então, num certo dia, essa Maria Madalena, essa moradora das rochas sai para fora. Ela está, por assim dizer, *fora* de seu próprio microcosmo. O aluno experimenta internamente que de fato o túmulo está vazio, o que significa que o microcosmo ficou completamente esvaziado do que era ímpio. A pedra que durante eões* mantinha fechado este túmulo, foi removida.

Pode-se imaginar que a primeira experiência desse novo apogeu da vida seja uma experiência insólita, e de início atua de forma um pouco consternadora sobre o aluno. Na cripta, a figura-aparente estava ligada à Gnosis, e existia uma ação recíproca entre o Espírito Santo e a personalidade submetida à endura. Esta união, porém, é repentinamente interrompida, e deste modo podemos compreender o suspiro que espontaneamente parte da alma: "Tiraram o meu Senhor!"

Este Senhor, esta ligação com a Gnosis retorna à Maria de maneira completamente nova. Ela será confrontada com a Gnosis como se fosse um ser original, fora dela mesma, e ela O reconhece interiormente como sendo o Iluminado. E para ela soa a advertência: "Não me toque". A ligação tal como existia, não pode nem deve ser restabelecida. Tudo se dirige agora à ascensão absoluta do microcosmo, em sua totalidade, a qual veio para o ressuscitado. Maria segue o seu caminho. A figura-aparente desprende-se e o Senhor do microcosmo, que pode novamente reger o seu reino, empenha-se na última tarefa.

"Na noite do primeiro dia da semana, o Senhor estava diante de seus discípulos, saudando-os: 'A paz seja convosco'! Ele mostrou-lhes as mãos e o seu lado. E os discípulos regozijaram-se extremamente' Esperamos que possais discernir este aspecto evangélico. A figura-aparente, que após a ressurreição vê partida a sua ligação original com a Gnosis, não fica abandonada ao seu destino, ao contrário, por

muito tempo ainda será usada a serviço da Luz. Após a realização dessas novas condições e do "não me toque", a Gnosis retornará ao aluno após a experiência desta nova solidão. E ele então receberá uma nova incumbência.

Na véspera, através do perfeito sacrifício de si mesmo, o aluno possibilitou a ressurreição do *original*. O ressuscitado agora toma-o a seu serviço para uma vida devotada a Deus. O aluno agora recebe um verdadeiro mandato. O Mestre começa a utilizá-lo na seara das almas como pescador de homens.

Como assinatura, a Gnosis mostra-lhe ambas as mãos e o lado, os atributos sublimes do Espírito Santo. E enquanto a Gnosis apresenta esses sinais, ressoa novamente o mantra: "A paz seja convosco! Tal como o Pai me enviou, assim eu vos enviarei também".

O candidato, despojado do eu, é colhido por uma violenta tempestade, que o açoita como um poderoso turbilhão. Fortes vozes ressoam: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, estes serão perdoados; e àqueles a quem os conservardes, serão conservados. Amém, sim, Amém!"

Assim, os alunos, os discípulos desse grau seguem pelo mundo afora, refletindo por toda a parte, até nas mais escuras cavernas, o Espírito Santo. E o ressuscitado os acompanha em todas as terras. Eles não são a Luz, porém são enviados por Deus para testemunharem da Luz. Assim, a figura-aparente difunde uma luminosa luz, a Luz do Iluminado que é,

que foi e que há de vir. Se realmente quiserdes compreender, então encontrareis novamente, em toda a parte da Bíblia, a assinatura dessa ressurreição gloriosa e suas conseqüências. Tudo o que conseguirdes compreender tornar-se-á um guia para vós na senda.

Todavia, ainda existe um perigo para todos os alunos que puderem celebrar a gloriosa ressurreição no próprio ser, a saber, o perigo da pusilanimidade, da inconstância. Este perigo é-nos mostrado quando da aparição de Jesus junto ao Mar de Tiberíades. O mandatário encontra-se ocupado em pescar e, vede, ele nada pesca. E, em resposta à pergunta "nada tendes para comer?", ele deve responder: "Não!" Nas novas condições em que a Gnosis se encontra agora ao seu lado, e que jamais serão rompidas, ressoa a sugestão gnóstica: "Lançai a rede à direita da embarcação; deste modo encontrareis". E a rede é arrastada para a margem, repleta de peixes; cento e cinquenta e três — uma imagem da integridade.

Quem pôde celebrar a festa da ressurreição gloriosa, também é, por conseguinte, um pescador de homens, um vitorioso, um triunfador completo. Embora haja sido pescada uma grande quantidade de peixes, a rede contudo não se romperá. Todos os que esperam ou aguardam, com medo que alguma oficina de trabalho construída sobre a rocha de Cristo possa vir a falhar, aprendem na Bíblia que a rede jamais se romperá. Através da noite e da morte irromperá a aurora, irrevogavelmente.

XVIII

A PESCA MARAVILHOSA

Já é do vosso conhecimento que na Bíblia encontram-se diversas informações sobre peixes e pescadores. Lemos sobre miraculosas pescarias, onde as redes ou se rasgavam devido à abundância de peixes, ou de modo maravilhoso conservavam-se em perfeito estado. Lemos sobre alimentações, onde, além do pão, também eram distribuídos peixes, especialmente pelos discípulos que desempenhavam a profissão de pescadores. Estes discípulos são chamados quando estão pescando ou quando se encontram ocupados em consertar as suas redes.

Já muitas vezes ouvistes essas descrições e os alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Aurea crêem estar em condições de compreender plenamente o seu significado, pois igualmente são de opinião que se trata de uma matéria ultrapassada, que poderia ser posta de lado, juntamente com outras que para eles já não têm mais realidade de vida.

É a própria Gnosis que quer atrair a vossa especial atenção para esta profissão de pescador e para todos

os atributos característicos desta função, pois não é impossível que entre os pergaminhos amarelecidos dessa matéria posta de lado por vós, muita coisa possa aparecer, da qual até agora ainda não pudestes sequer suspeitar.

Não desejamos transmitir-vos assuntos e aspectos especulativos, dos quais talvez possais dizer: "Quem poderia pensar isso?" Não, nós simplesmente somos de opinião que não é impossível que justamente entre as coisas bem conhecidas e bem compreendidas possam estar ocultos tesouros e advertências que até este momento ainda não tendes percebido.

Eis por que em primeiro lugar queremos dirigir a vossa atenção para a associação "pão e peixe" da refeição miraculosa. O pão é o símbolo do Espírito Santo, da luz prânica original, e o símbolo do peixe acentua a idéia do amor, que é auto-oblação, não como qualidade, no sentido da filantropia em geral, mas no sentido muito especial de um amor à humanidade, que é "aplicado" e concretiza na vida do ser humano o impulso para a ação. Unicamente são assinalados, com o símbolo do peixe aqueles que desprezando e esquecendo completamente o eu, saltam para dentro da terrível realidade da agitação dialética a fim de trabalhar pelo próximo.

É natural que, de acordo com a natureza, tal trabalho traga consigo sofrimento, porém a realidade que é puramente gnóstica traz uma imensa alegria celestial. Sob esta Luz, o símbolo do peixe indica, por conseguinte, o pão gnóstico universal transmutado no

aluno.

O aluno que tenha dado os primeiros passos na senda da libertação é alimentado com o pão da vida, com a Gnosis. E logo que este pão possa ser realmente comido, simultaneamente isto significa comer peixe, o que quer dizer que o toque do Espírito Santo no sistema dos plexos ocasiona no aluno um estado, uma tensão, um estímulo explicável diretamente pela Gnosis; um impulso que leva à grande atividade na linha horizontal.

Quando o aluno tiver alcançado este estado, possuirá no próprio ser o "Espírito Santo transmutado" e não poderá fazer outra coisa senão, de dentro para fora, entregar-se ao trabalho. Ele age! Necessita agir. Desta maneira, comendo pão e peixe, ele se tornará um pescador. Esta vocação gnóstica desenvolve-se pelo toque do Espírito Santo, o pão, e pela possibilidade de que esse toque possa exercer uma influência permanente sobre o sistema dos plexos. Se esta transformação deixar de existir no sistema dos plexos, então não se poderá falar de uma vocação de pescador.

É natural que este estado possua uma assinatura. É esta assinatura que se relaciona à sentença: "Provai se os espíritos são de Deus". Assim, teremos de aprender que o amor ao próximo, empregado no sentido da Gnosis, jamais pode ser explicado pela bondade desta natureza. O amor ao próximo, tal como é conhecido nesta natureza e que indicamos com o termo coletivo de "humanitarismo", é forte-

mente diferenciado do amor ao próximo, que somente pode ser desenvolvido debaixo da influência da Gnosis.

Eis por que existem duas categorias para o trabalho neste mundo: a que se dedica à cultura da bondade, trabalhando pela conservação deste mundo, e a do reino de Deus, que procura levar os desviados de regresso ao lar, ao reino imutável.

Tão logo um aluno irrompa por meio do Espírito Santo à categoria do verdadeiro ofício de pescador, recordar-se-á das palavras: "Trabalhai para vos tornardes bem-aventurados em temor e tremor". Pois agora que os materiais da construção foram recebidos como que das mãos de Deus, o aluno terá de pesquisar passo a passo a senda, em atitude libertadora. Nada é adquirido em vão. O alcançar a meta deve, por assim dizer, ser conquistado.

Toma-se claro para o aluno que ele precisa possuir uma embarcação e uma rede, pois é somente com o auxílio destes dois atributos que ele poderá exercer o ofício de pescador. A própria vida, o próprio sistema da personalidade, o próprio microcosmo, deverão ser consagrados à grande meta da Gnosis. Um intenso trabalho no próprio ser, uma intensa livre-maçonaria são necessários para poder realizar o trabalho da livre-maçonaria exterior. Quem não trabalhar no próprio ser, não poderá estender sua mão a outro ser. Quem não for capaz de remover a trave do seu próprio olho, não será capaz de retirar o argueiro do olho do outro. Querer ser um pescador

significa antes de tudo querer "trabalhar no próprio ser", em "livre automaçonaria", na construção de um barco.

Se este trabalho é encetado com pulso forte, simultaneamente se fará sentir a necessidade de se possuir o verdadeiro atributo da livre-maçonaria, isto é, a posse da rede do pescador. Para o gnóstico a rede é o seu aparelho de trabalho. Auxiliado por sua embarcação e seu aparelho de trabalho, o obreiro irá para o mar da vida a fim de pescar seres humanos. O aluno deverá compreender que a embarcação e a rede devem desenvolver-se simultaneamente. Ambas as atividades se entrosam e se auxiliam mutuamente na conquista dos seus propósitos. Quando a força gnóstica transmutada revolver e impulsionar no íntimo, o aluno deverá prestar ouvidos a este impulso. Por isso, é certo que os alunos no princípio são encontrados repetidas vezes reparando suas redes.

Porém, onde este impulso estiver presente, jamais haverá esmorecimento dessa dupla atividade, porque, com base nessa atividade — mesmo que no início os resultados sejam ainda negativos e o aluno esteja próximo do desespero devido ao rompimento de sua rede — o impulso da Gnosis aumentará. A segunda tentativa da pesca torna-se mais dinâmica, mais vigorosa do que a desesperada pescaria anterior.

Aí é novamente encontrada a assinatura. Um pescador com assinatura gnóstica jamais desiste e suas decepções sempre significarão um ganho. Deveis prestar atenção a isto para distinguides o que é

real do que é imitação. Neste mundo é possível imitar em coloridas diferenças a embarcação e a rede de pescador. Todavia, estas imitações não conseguem permanecer de pé. Elas são dissolvidas ou são desmascaradas.

Tão logo, após as muitas aparentes decepções, que representam somente marcos de um desenvolvimento, o aluno pescador tenha chegado ao ponto em que a sua embarcação e suas redes, sua livre-maçonaria pessoal, seu estado interior e seu instrumento de trabalho exterior correspondam a um mínimo de exigências, chega então para ele o momento de uma nova ligação com a Gnosis. O pescador se tornará realmente um pescador de homens e suas redes jamais se romperão. O pescador vive um momento histórico. Uma grande quantidade de peixes é arrastada à terra.

Antes que este momento chegue, é possível que se tenham passado longos anos de esforços penosos e uma série quase que interminável de decepções. Tudo isso, porém, foi necessário para aprender-se o santo ministério e aproximar mais da realização o alvo poderoso da Fraternidade Universal.

Já que todos vós pertenceis a esta Escola a fim de um dia exercerdes o santo ministério, deveis compreender que o ofício de pescador também pode e deve ser realizado coletivamente. É possível e desejável que todos, pressupondo-se que seus barcos estejam preparados, arrastem uma rede comunitariamente através das profundidades do mar da vida.

A Escola da Rosacruz Aurea é um local de formação de pescadores de homens. Eles ali aprendem a construir seus barcos na força radiante da Gnosis e, em conseqüência, à medida que constroem, também estão ocupados com o tecer de suas redes, uma vez que o impulso para as ações libertadoras mantém o mesmo passo com o progresso da construção. A Escola proporciona-lhes a oportunidade de prestarem ouvidos a este impulso dentro do seu campo de força e os erros que cometerem e as redes que rasgarem, tudo isso é feito à custa dela.

Deveis compreender bem esse imenso privilégio. Existem trabalhadores que são expostos à solidão, sem qualquer ajuda de terceiros, sem as asas protetoras de uma Escola Espiritual. A eles é dito: "Agi enquanto é dia, pois a noite breve irromperá". Cada erro que cometem, vingam-se; cada rede rasgada frequentemente ocasiona uma situação quase sem esperança e seus barquinhos são violentamente lançados no mar da vida, de um lado para outro.

Se tiverem bom êxito e o resultado for conquistado, então desenvolve-se algo que conhecemos como Escola Espiritual. Todos aqueles que forem apanhados pela rede, que não mais se rasgará, vêm para a Escola de formação de pescadores. Isso significa que vivem num campo de força, que é um vácuo dialético, no qual é mantida a vibração do Espírito Santo. Deve tornar-se claro para vós que num tal campo de vibração, que se diferencia tão fortemente deste mundo, seja imensamente mais fácil aprender o ofício, e que

os erros cometidos nem de longe se vingam tão duramente no aluno como naqueles que tiveram de erigir o referido campo de força. Todas as faltas que cometem devem ser compensadas pelo campo de força.

Por isso, deveis compreender que esta graça, concedida pela Escola, tem seus limites. Desse modo, tereis de vos compenetrar da grande responsabilidade que tendes para com a Escola. Quando colaboradores em qualquer local de trabalho cometem falhas, praticam grosserias, ou por irreflexão prejudicam a obra, eles saem quase que imediatamente ilesos e com freqüência não são conscientes de seus erros, ou se esquecem nos dias subseqüentes de como despedaçaram suas redes. O campo de força e aqueles que têm a responsabilidade terão de assumir em si próprios todas as conseqüências dos erros e esforçar-se por restabelecer novamente o equilíbrio.

Cada participante de um serviço num dos focos do campo de força retira algo da vitalidade desse campo. Um maior número de participantes que não satisfaça uma determinada exigência, pode esgotar de uma só vez todo o campo de força. Os seus sentimentos e pensamentos de crítica, todo o seu comportamento para com a Escola, ocasionam diariamente feridas no campo vibratório. Reconhecereis que, em conseqüência disso, e por vossa causa, muitos terão de sofrer e outros suportarão o sofrimento em vosso lugar? E compreendereis também que este sacrifício não é feito impensadamente?

Na Fraternidade Universal não é desperdiçada a mínima parcela de energia. Quando um aluno revela não possuir absolutamente a intenção de aprender o santo ministério; quando se verifica que ele segue em busca de outros propósitos; quando o sacrifício da Escola Espiritual é infinitamente maior que a própria orientação do referido aluno, então é conveniente que tal parasita seja afastado da Escola. Mais uma vez pensai na responsabilidade dos obreiros que, ao admitirem indevidamente alunos inaptos, agravam esse sofrimento suplementar, onerando de tal forma o desenvolvimento da Escola que praticamente não se poderá mais ter progresso.

De agora em diante não mais deveis pensar levemente no vosso discipulado. Atentai que por vossa causa existe uma ligação de intenso sofrimento e sacrifício sobre o qual nada sabeis. E atentai que tudo isso vos acontece para, no menor espaço de tempo e de modo mais simples possível, ensinar-vos o santo ministério e tornar-vos capazes de ajudar a puxar a grande rede. Cada um é obrigado a fortalecer o campo de força, tornando mais suave e mais luminoso o sacrifício de outros.

Como podereis fazê-lo? Pronunciando uma palavra? Exteriorizando um sentimento ou um pensamento? Por um sacrifício material? Não; unicamente quando, em perfeita livre automação, em ação libertadora, construirdes no vosso barco e, neste intento, dirigirdes os olhos totalmente para a própria obra no próprio ser, é que o sacrifício que vos fora

ofertado não terá sido em vão, porque só depois de muitos esforços e atividades negativas à custa da Escola, podeis lançar a rede no lado certo, à direita.

Este novo apelo da Gnosis quer-vos esclarecer como a Hierarquia de Cristo e seus servos querem aproximar-se de vós através de um sacrifício atual, para servir-vos e dizer-vos que este sacrifício é trazido de modo sensato e dinâmico, e deve ser respondido da mesma forma. No presente campo de força, onde nos encontramos, o consumo de força é inconcebivelmente elevado, e por isso o sacrifício ofertado é excessivo e inexprimivelmente grande. Compreendei então o apelo, que esse sacrifício seja pago de vossa parte com um resultado atual, a fim de que o equilíbrio possa ser conservado e possais afirmar-vos como alunos da Escola.

Esperamos e oramos para que brevemente possais dar provas de serdes capazes de lançar a vossa rede à direita.

XIX

A REDE DO PESCADOR

Na carta precedente sobre a Gnosis tivemos a oportunidade de dirigir a vossa atenção para o sagrado ofício exercido pelo aluno, que é o encargo de pescador, a pesca de seres humanos. Agora é nossa missão colocar diante de vossa consciência o instrumento de trabalho do verdadeiro obreiro, isto é, a rede de pescador, para que o ofício sagrado, mais do que nunca, resplandeça nitidamente diante de vós.

Na personalidade, a rede simboliza o campo áurico ou campo* de respiração; na Escola Espiritual, o campo de força; na Fraternidade Universal, todo o reino imutável. O ser crístico é a rede com a qual a Fraternidade Universal parte para abranger o mundo e a humanidade decaída.

Todo o campo respiratório humano possui um poder magnético que apresenta dois aspectos: o atrativo e o repulsivo. A natureza e a qualidade deste poder magnético estão em relação muito íntima com o sangue, o fluido nervoso e a secreção interna. Por conseguinte, pode-se dizer que a rede de que o

homem dispõe é tecida de uma maneira bem determinada. Com a rede áurica humana é possível pescar o que estiver em concordância qualitativa com ela. O poder magnético natural e atrativo da aura cuidará disso. Nada poderá penetrar na aura se não estiver em harmonia com ela. O poder natural repulsivo da aura será uma barreira intransponível.

Como sabeis, jaz na consciência humana uma certa "vontade". Esta vontade é posta em movimento pelo intelecto, pelo desejo ou por ambos. Eis por que pode acontecer que em dado momento um homem queira repelir algo que é atraído pela aura de modo totalmente natural, ou atrair algo que não esteja em harmonia com a qualidade da aura. No primeiro caso, desenvolver-se-á uma desesperada luta, que sempre é perdida pelo homem; no segundo, surge a destruição áurica e conseqüentemente, a destruição corporal, isto é, a rede rompe com suas fatais conseqüências, pois não é por casualidade que chamamos a vontade de "força marcial". Pelo fogo da vontade podemos causar grandes infortúnios. É preciso que cada aluno compreenda que antes que lhe seja permitido empregar a vontade, uma série de medidas preparatórias são necessárias.

A vontade é um poder mágico; a vontade é um poder criador e é perfeitamente lógico que o campo criador deva achar-se primeiro em completa harmonia com a qualidade da vontade antes que esta possa entrar em ação. A esfera áurica deve possuir o poder para repelir o que a vontade quiser repelir, e ser

capaz, por força de seu ser, de atrair o que ela deseja incluir no seu sistema. Por isso, está claro ser necessário uma transformação completa de vida, uma total conversão para que a aura possa sempre agir em concordância com a vontade marcial. Por esse motivo, quase todas as pessoas estão diariamente ocupadas em desenvolver em seus sistemas toda a sorte de atividades provenientes da vontade ígnea.

Quando a rede estiver rasgada, isto é, quando o homem viver erroneamente em relação à maneira descrita e o estado natural da aura encontrar-se totalmente perturbado em consequência disso, então o homem se tornará juguete por tempo indefinido de diversas forças, que se ligarão ao seu estado de ser e dele abusarão. Com a rede rasgada ele não conseguirá reter mais nada, o que antes era possível, e igualmente não poderá manter distante o que era capaz de fazer em situação normal. O mar da vida joga para dentro da rede a imundície que flutua em sua superfície. O motivo é sempre o abuso da vontade, o abuso do poder criador, e consequentemente a destruição, a aniquilação da rede áurica.

Portanto, sempre que o desejo ou o intelecto impelirem a vossa vontade à ação, interrogai-vos se as vossas intenções se encontram em harmonia com a faculdade natural da vossa personalidade. As faculdades naturais da rede áurica transformam-se somente por uma radical mudança da vossa atitude de vida.

Torna-se claro para vós que com estas palavras é transmitida uma séria advertência da Gnosis. Como

alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, a vossa atenção há anos vem sendo dirigida à nova vida, ao chamado do reino imutável, e de todas as maneiras possíveis a vossa consciência é sintonizada com a verdadeira senda. Tão logo vos dirigirdes às coisas da vida superior meramente com a vontade, com o fogo marcial do vosso estado de ser dialético, sem nada mais, ocorrerá um infortúnio. Se a vossa faculdade áurica não for capaz de absorver as novas forças etéricas, embora as persigais com a vossa vontade, a rede áurica se romperá e, em lugar das novas forças etéricas, será trazida para dentro, pelo mar da vida, a imundície deste mundo.

Atentai que sob todas as circunstâncias haja primeiro uma transformação total de vossa atitude de vida em relação à vida libertadora. Se o vosso interesse racional pela vida mais elevada for despertado e os vossos sentimentos forem inflamados pelo entusiasmo, então não sigais o caminho habitual da dialética, dirigindo a vossa vontade como uma flama para a meta. As conseqüências fatídicas são muitas vezes imprevisíveis. Não é incendiando que podeis abrir a porta das portas. Somente quando o aluno estiver pronto, perfeitamente preparado, é que o mestre aparecerá!

Além do mais, deverá tornar-se claro para vós que a bem conhecida lei "semelhante atrai semelhante", aqui se aplica. Muitos se admiram de que determinadas forças vitais e determinadas pessoas portadoras dessas forças — forças essas que se aprendem

a odiar em razão de amargas experiências — sempre de novo se impõem e renovadamente surgem no campo visual. As coisas que não quereis, continuamente voltarão a vós. Reconheceis que estes aspectos podem ser imputados à qualidade de vossa rede áurica? Apanhareis em vossa rede, a qualquer momento, os peixes para os quais fostes enobrecidos.

Certas pessoas sempre se procuram com base nas polaridades de suas redes. Estas polaridades podem ser de natureza ascendente, mas, em muitos casos, elas poderão agir de maneira destrutiva. Quando algumas pessoas estão reunidas em simplicidade burguesa e orientação inferior, elas degradam-se mutuamente. A causa é evidente. A mesma orientação reforça o poder atrativo da coletividade, com todas as suas inerentes conseqüências.

O filósofo italiano Scipio Sighele escreveu o livro "Psicologia do Amotinamento e dos Crimes em Massa". Ali ele demonstra que pessoas com caracteres normais podem, quando juntas, desencadear um verdadeiro inferno. A História tem-nos dado provas suficientes disso. É assim que deveis imaginar as "redes do mal". Inúmeras são as redes estendidas na dialética para pegar ingênuos. Quantos e quantos não são envolvidos em redes, das quais só conseguirão se libertar após grandes sofrimentos e amargas experiências? E qual é a causa de tudo isso? A causa já vos esclarecemos, e com alguma reflexão podereis encontrar a solução a qualquer momento.

Supondê que o vosso entusiasmo e interesse

pela vida nova e original foram despertados e que acolheis a nossa advertência de não perseguirdes o objetivo do vosso interesse com o fogo da vontade. Reconheceis que a rede áurica deve ser tecida, correspondentemente, com uma atitude de vida libertadora, antes que ali possa entrar o áureo tesouro da nova vida. Mas eis que chegam os tentadores com suas redes estendidas astuciosamente. Com muitas imitações procuram insuflar em vós a sugestão: "Foi conseguido". Se com o vosso poder áurico natural e atrativo vos entregardes a tal sugestão, então atraireis para vós um veneno destruidor, que arrastará a profundidades a vossa personalidade, aniquilando o vosso sangue. E o maligno, que desta forma vos emaranhou em suas redes, alcançou o seu objetivo, isto é, tornou-vos insensíveis à Gnosis por longo período.

Muitos acham terrivelmente difícil distinguir a verdade da mentira nesta questão. Todavia, é necessário compreender que nada existe mais simples do que isso. Tudo o que se apegar ao vosso interesse, ao vosso desejo, à vossa oculta e reprimida vontade, em suma, tudo o que se ligar à vossa fé natural, à vossa esperança e amor, e portanto às funções da consciência-eu, é falso em todas as circunstâncias.

Mesmo que não tenhais o poder para desmascarar o tentador, mesmo que o toque se haja comunicado à vossa consciência como uma luz irradiante, deveis, não obstante, ter a coragem de recusá-lo radicalmente. A Gnosis, a luz prânica original jamais se manifestará à consciência dialética, por mais culta que

ela seja. Se vos firmardes nesta regra de ouro, nada de mal vos poderá advir nesse sentido.

A Gnosis age independente da vossa consciência, dos vossos pensamentos, sentimentos e vontade. Isto talvez seja difícil de reconhecerdes e entenderdes. Sabeis que o Sol resplandece independente dos vossos pensamentos, desejos e vontade. O Sol nasce e se põe em determinado tempo, em virtude da lei de rotação do nosso planeta. Seria tolice querer ver os raios solares no meio da noite. Se um ser qualquer imitasse para vós a radiação do Sol em plena noite, a vossa razão diria que pretendiam enganar-vos. Quando o Sol surge pela manhã, irradiando sobre os campos que despertam, ninguém pode dizer: "Eu queria o Sol e, vejam, ele vem nascendo!"

O mesmo acontece com a luz gnóstica. Não podeis querê-la, desejá-la ou atraí-la racionalmente. O Sol do Espírito absolutamente não se importa com isso. Se algum ser afirmasse que poderia dar-vos a irradiação solar do Espírito, não seria absolutamente a realidade; o Sol do Espírito não irradia para ligar-se com a humanidade dialética. Ele não nasce, Ele é! Ele é experimentado somente pelo microcosmo que atravessou a fase de demolição da natureza dialética.

A Bíblia diz muito claramente, em diversas passagens, que o afluir da luz prânica original ao microcosmo dialético, esvaziado do eu, sempre se sucede de uma maneira não prevista pelo eu e manifesta-se completamente fora da consciência. Aqui, no entanto, não se trata de nenhuma forma de obum-

bramento mediúnico.

A transformação da vida que a Gnosis deseja de seus alunos tem conseqüências verdadeiramente maravilhosas. Quando o eu, a consciência renuncia ao seu impulso natural e, na maneira admirável de dizer do salmista, "silencia ante Deus", dá-se então a transformação do sangue e da secreção interna. A vontade, o desejo e a compreensão tomam parte neste silêncio tão significativo. Compreendeis agora que os dois aspectos do magnetismo áurico transformam-se totalmente. Eles são praticamente neutralizados. Que poderia ainda o aluno atrair ou repelir? Ele silenciou diante da luz da Gnosis.

Nesse maravilhoso silêncio, num dado momento, nenhuma força natural comum poderá exercer poder no seu sistema. Existirá apenas um intercâmbio biológico entre a personalidade e as diversas forças etéricas para manter a personalidade. Neste estado, o esferóide dialético, em sua totalidade, torna-se receptivo à luz do Espírito e nela é acolhido. Desenvolve-se uma certa capacidade receptiva para a radiação gnóstica e com o auxílio dessa união inicia-se a transmutação, com todos os resultados conhecidos por vós. E o aluno é acolhido na rede da Gnosis e pode tornar-se um pescador de homens.

Quando, por autodeclínio, o esferóide dialético tornar-se receptivo à Gnosis, desenvolver-se-á uma certa atividade refletora. Os raios da Gnosis se refletirão no sombrio reino terrestre, e assim o aluno a serviço da fraternidade poderá trabalhar como pesca-

dor de seres humanos. Sua rede não mais poderá romper-se, pois já não é ele quem age, e sim o Cristo nele. Seu campo de respiração respira na radiação da Gnosis e neste respirar desperta um novo ser – o homem renascido.

XX

O COMPÊNDIO

Na humanidade nunca faltaram figuras que demonstrassem de maneira realista a poderosa e libertadora vida transfigurística. Em seqüência ininterrupta de demonstrações sublimes, a humanidade viu, desde a queda de Adão até os dias de hoje, que o renascimento fundamental não só é possível como também *repousa em base extremamente racional*.

Muitos mestres iluminados, embora estando nesta natureza mas a ela não pertencendo, doaram à humanidade uma filosofia transfigurística universal, na qual se pode encontrar tudo o que se relaciona com a senda e a verdadeira vida. Esse ensinamento foi trazido tão perto de nós, e são usados de maneira tão pormenorizada todos os meios racionais e morais permitidos, que é quase incompreensível constatar quão poucos apresentam compreensão em sua consciência para o ensinamento transfigurístico.

Todavia, algo da lembrança vive no subconsciente de muitos; não a lembrança de uma vida original, divina, mas um resquício de contatos tidos em

existências anteriores com comunidades de trabalho da Fraternidade Universal, que em passado distante ensinaram o transfigurismo como o único necessário. Essa lembrança é uma prova de que em tempos longínquos rejeitastes a senda do renascimento. Por isso, permanecestes ligados à roda da vida e da morte. Pela lembrança, caso ela esteja presente em vós, é novamente aberta uma antiga ferida, quando essa mensagem eônica de milhares de séculos ressoa de novo no templo da Rosacruz atual, e sois colocados, no girar da roda, diante do mesmo conflito. Pensemos aqui nas conhecidas palavras: "Não vim trazer a paz, porém a espada". Tais palavras nada têm a ver com a sucessão dos grandes conflitos mundiais, mas sim com a luta no próprio ser, que será iniciada tão logo se seja confrontado com a Doutrina Universal.

É extremamente singular observar como a palavra da vida gera conflitos na alma humana e como o campo de trabalho da Escola Espiritual da Rosacruz Aurea lembra freqüentemente um campo de batalha. Em algumas pessoas, devido à carência de lembrança, não é despertada nenhuma reação psicológica e elas ficam estupefatas e indagam: "De que falam eles? Que pretendem? Não se tem aí um único ponto de apoio intelectual ou místico! Não se praticam aí, até a culminância, exaltações e tolices"?

Outros, nos quais estão sendo reabertas as velhas feridas, poderão tornar-se violentos por maldade, ou extremamente nervosos, ou profundamente atemorizados, ou perturbados. De tempos em tempos

surgirão acusações aos trabalhadores da Escola Espiritual e pertencerão à ordem do dia: "É este o ensinamento do amor de Cristo que nos trazeis? Esta é a prática do 'vinde a mim todos os que estão atribulados e sobrecarregados?' Fazeis da vossa escola uma colônia penitenciária de condenados, que mais cedo ou mais tarde serão impelidos ao suicídio. O vosso templo não é um templo de serenidade, porém sempre e sempre o lugar de abalos violentos".

Ora, em sentido comum, o que geralmente se espera de uma Escola Espiritual é que ela proponha um sistema ético de elevação da consciência, um método cultural pelo qual o corpo, a alma e o espírito possam elevar-se como um deus. Para isso bem que se aceita passar por algumas provas e sofrer diversas privações, mesmo custando algo. Mas, de um modo geral, é preciso que nas diferentes espirais da vida se usufrua de um *benefício*.

Certamente não sois tão tolos a ponto de vos aventurardes sobre uma fina camada de gelo num lago congelado, pois sois muito objetivos. Tomais conhecimento de diversas correntes de cultura espiritual. Sois benevolentes, como compete às pessoas de boa educação. Estais sempre atentos, pois todos vos oferecem algo. E finalmente tomais a vossa decisão. Volveis para a corrente que mais vantagens vos oferece e, como sois objetivos, não ireis desconcertar-vos se uma outra parecer-vos com maiores vantagens.

Entretanto, na Escola Espiritual da Rosacruz

Aurea nada vos é ofertado, porém se quer tirar algo de vós. Pois as bases do transfigurismo repousam no fato de a realidade existencial fundamental e estrutural do homem dialético não pertencer à natureza divina, e essa realidade existencial dialética deve ser posta de lado para que a verdadeira vida possa ser encontrada. Eis a causa de todas as lutas desencadeadas pela Escola Espiritual, pois penetra-se no objetivo essencial e na transcendência dessa morte fundamental da natureza, mas, de outro lado, não se deseja decididamente percorrer esse caminho.

Existem muitas pessoas que, ao tomarem conhecimento do Ensino Universal, compreendem quais as exigências impostas pelo transfigurismo. Outrossim, existem muitas pessoas que compreendem perfeitamente o porquê dessas exigências e simultaneamente descobrem a sua enorme lógica. É justamente isso que as tornam furiosas! Precisais possuir alguns conhecimentos de psicologia para compreender essa atitude de reconhecer a lógica, a irresistibilidade de alguma coisa, e contudo recusar resolutamente aceitar para si as devidas conseqüências!

Todo o homem criou uma certa esfera de "ter alcançado", o que vem a ser uma ilusão de compreensão e de satisfação. A Bíblia denomina isso de "o manto que vestimos". Muitos seguiram para isso um longo caminho de cultura e ética social. O manto que possuem foi magnificamente tecido e é de colorido excepcional. É extremamente incômodo ter de despir este manto e transmutar em ação a palavra

outrora dirigida ao moço rico, rico em aquisições éticas, humanitaristas e religiosas naturais, e primoroso observador da lei: "Vai, abandona tudo o que tens e segue-me".

E mais adiante continua: "O moço rico retira-se pesaroso". Esta é geralmente a primeira reação: desilusão. Logo após vem o descontentamento, a irritação e finalmente a inimizade com todas as suas conseqüências. Uma criatura que se vê desmascarada, geralmente se comporta sem reservas e de modo rude na aplicação da lei: ser ou não ser.

O transfigurismo significa o emprego mágico de uma revolução mundial sem violência. O transfigurismo ataca sem exceção todas as bases da dialética. Esta é a causa por que é ele constantemente combatido por aqueles que sabem e contudo não o querem.

Entretanto, abstendo-se de toda a luta, ele sempre soube vencer, uma vitória que através dos séculos se torna cada vez mais evidente. O mundo vai de encontro ao seu fim e, no novo período humano que está iminente, uma poderosa vitória transfigurística porá claramente em evidência esse final absoluto. Em todas as partes do mundo são preparados grupos maiores ou menores para a aplicação prática de diversos aspectos transfigurísticos ou aspectos de vida, que finalmente deverão conduzir a isso.

Em dado momento, esses grupos se reunirão abertamente para transmitir ao mundo conforme a *Fama Fraternitatis Rosae Crucis*, "um afluxo de graça e bondade, onde o conhecimento da humanida-

de se tornará cada vez mais profundo no tocante a Jesus Cristo e à natureza original". Então, se cumprirão as palavras de João (Capítulo 10, versículo 16): "E haverá um só rebanho e um só pastor". Este pensamento não é o produto de uma fantasia idealística, cuja nebulosidade constituiria o essencial, mas é uma realidade onde no momento todos os grupos há pouco mencionados se movimentam em direção a um aparecimento coletivo.

Uma tal tendência sempre é acompanhada de fenômenos secundários. Assim tem sido no passado e assim também é hoje em dia. Em sentido dialético, igualmente foram postas em movimento forças para uma unidade mundial. Elas imitam a missão confiada pela Fraternidade às diversas escolas e trocam o aspecto mais particularmente nacional pelo internacional.

Se agora queremos elevar-nos a esse trabalho vindouro, que conduz à grande meta, devemos não somente compreender plenamente o compêndio de todo o transfigurismo, mas também empregá-lo. E tendo em vista que um conhecimento límpido deve preceder à ação, a Gnosis quer mais uma vez apontar-vos os aspectos característicos da senda, com base no capítulo 10 do Evangelho de João, que há pouco citamos: "Por isso meu pai me ama, porque eu dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou. Tenho o poder de dá-la e o poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi-o de meu Pai".

O Evangelho de João expressa em termos inequívocos a endura. A execução prática da endura encontra sua base na Bíblia e evangelicamente nas palavras de Jesus, o Senhor. Por isso, os cátaros foram acusados de seguirem diabólicos ensinamentos, pelos quais foram torturados pelo fogo, pela fome e pela espada. Por isso, o Pai nos ama, ou seja, a ligação do nosso microcosmo com a Luz universal só pode ser restabelecida quando entregamos a nossa vida para novamente recebê-la.

Essas palavras têm sido interpretadas de todas as maneiras possíveis e provadas na prática, em primeiro lugar no sentido do milagre. Dizem que Jesus aí se refere ao seu dia vindouro na cruz e à ressurreição no terceiro dia. O teólogo crê que através da fé, no sentido religioso natural, nós participamos da morte do Senhor, assim como da sua ressurreição, pois num único sacrifício Cristo trilhou por nós este caminho e, assim, do outro lado do sepulcro, entramos na glória da ressurreição. Entretanto, outros supõem que mediante uma vida virtuosa, dentro das normas sociais, segue-se um caminho de desenvolvimento que finalmente nos levará à perfeição.

Mas o transfigurista compreende essas palavras à luz da Filosofia universal. A morte única e a ressurreição de Cristo relaciona-se unicamente com aquele que, seguindo o caminho da endura, é definitivamente liberto da roda do nascimento e da morte. Este caminho é mil vezes mais glorioso, mais divino e mais prodigioso do que o caminho que a fantasia mais

audaciosa poderia conceber, visto que esse caminho da real salvação é ainda percorrido diariamente pelos alunos da Gnosis numa vivência prática e real.

Sabeis que se trata aqui da completa desnaturação da total natureza dialética, tanto no que concerne à consciência como à alma e ao corpo, não incidentalmente, porém de forma processual, enquanto que simultaneamente uma outra realidade de ser, com consciência, alma e corpo, ressurgue das cinzas do velho eu. A Doutrina Universal esclarece-nos como este processo pode ser realizado, de que elementos é constituído e de que espécie são os resultados.

É fácil, pois, imaginar que existem pessoas que reagem da seguinte maneira: "Quando me dou conta do grande número de testemunhas transfigurísticas e ao examinar suas condições de vida, penso que neste singular ensinamento deve estar contido algo que possa interessar-me. A seguir quero orientar-me bem e experimentar o caminho até um certo limite, e depois decidir definitivamente se me agrada ou não". Tais especuladores alcançarão sem dúvida resultados negativos, fortalecendo assim o campo adversário.

Para percorrer a senda da transfiguração precisamos possuir poder. Por esse motivo Jesus disse: "Eu tenho o poder de dá-la e tenho o poder de retomá-la". Se carecemos deste poder, todos os nossos esforços serão em vão. É certo que uma pessoa que possua esse poder alcançará resultados transfigurísticos.

Alguns alunos da Escola partem do pressuposto de que o eu da natureza deve empregar a vontade, e que tal poder pode ser obtido pela eu-centralização. Outros tornaram-se vítimas de uma obumbração, com todas as conseqüências inerentes. Entretanto, a posse desse poder é a chave para a senda. As dezenove cartas precedentes, que tratam da Gnosis, tiveram a finalidade de mostrar-vos de que maneira um aluno recebe as asas e o poder para conseguir trilhar a senda. A Bíblia designa esse poder como a posse do Espírito Santo, o que em resumo quer dizer a formação de uma nova consciência microcósmica.

Tão logo o nosso microcosmo receba algo dessa outra consciência em formação, virá sobre nós um outro espírito, um outro poder. Nesse poder recebermos a força para depor o eu da natureza e sua realidade de ser, e restabelecer processualmente o estado originário do microcosmo. Esta tarefa recebêmo-la da luz prânica original.

Penetrando no âmago do problema, trata-se portanto da posse das asas e do poder do Espírito Santo. Fora disso, tudo é ignorância, fraude, sofrimento, atribulações, lutas intermináveis em constante duelo, com amargas inimizades, até o último alento. Sem o Espírito Santo recairemos novamente no nosso velho estado de sangue, que é sempre a voz dos antepassados a falar em nós e fazendo-nos ouvir sempre os mesmos cânticos das multisseculares coisas.

Na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea trata-se da única e essencial posse: a radiação da luz prânica

original em nosso próprio ser. Quem possuir este Espírito, infalivelmente chegará ao renascimento. Quem ainda não o possuir, continuará a ser, provisória e inevitavelmente, um estranho.

GLOSSÁRIO

Para melhor compreensão sobre a terminologia empregada pela Escola da Rosacruz Áurea, figuram neste glossário as palavras que no texto foram acompanhadas de um asterisco (*). Os números entre parênteses correspondem à página onde neste livro o termo foi mencionado.

ÁTOMO-CENTELHA DO ESPÍRITO. Ou átomo crístico, o proto-átomo, situado no centro matemático do microcosmo e coincidindo com a parte superior do ventrículo direito do coração. Por isso, é também designado misticamente como a rosa do coração. (18)

CAMPO DE RESPIRAÇÃO. Ver *Microcosmo*, em *O campo de manifestação*. (197)

CÁTAROS. (do grego *katharos*: puros). Movimento iniciático cristão que se desenvolveu na Europa entre os séculos XI e XIV, principalmente no Sul da França, na região montanhosa dos Pirineus, conhecida como Sabartez ou Languedoc. Foi aí, ao redor de Sabart-Tarascon e das aldeias vizinhas Ussat-Ornolac, nas muitas grutas ali existentes desde a pré-história e transformadas em santuários naturais, que se constituiu o lugar de longa, severa e dura iniciação para os cátaros. Eles, a exemplo dos essênios e dos primeiros cristãos, levavam vida ascética de alta espiritualidade vivenciando na prática

um cristianismo puro, numa total auto-renúcia a tudo o que era deste mundo; não possuíam bens nem dinheiro, dedicando-se inteiramente à comunidade, pregando o Evangelho e curando os enfermos, pois também eram terapeutas. Acusados, porém, de heresia pelo papa Inocêncio III, este enviou a histórica Cruzada contra os Albigenses, em 1209, quando numa seqüência trágica de mortes e torturas, cidades inteiras e castelos daqueles que os defendiam foram saqueados e as populações, incluindo mulheres e crianças, passadas a fio de espada. Após a queda de Montsegur em 16 de março de 1244, 205 cátaros foram queimados vivos numa imensa fogueira. Os poucos remanescentes abrigaram-se então na grande gruta subterrânea de Lombrives, chamada a Catedral do Catarismo, onde mais tarde, em 1328, 510 cátaros foram emparedados vivos, encerrando assim a epopeia medieval desse movimento mártir. Os cátaros eram também denominados de "os puros, os perfeitos ou bons homens", porque, seguindo o caminho dos Mistérios cristãos, haviam operado em seu ser a reformação, e assim, tal como verdadeiros discípulos de Cristo, a serviço do mundo e da humanidade, galgavam o "Caminho das Estrelas", o caminho da transformação (ou transfiguração, na linguagem da Jovem Fraternidade Gnóstica). Fazendo alusão a esse estado de puro, a Escola da Rosacruz Áurea fala da alma renascida, a Alma-Espírito que, pela sua ligação restabelecida

com o Espírito, de novo obteve a participação na sabedoria divina, a Gnosis. Para maiores informes sobre a vida dos cátaros, leia o livro *No Caminho do Santo Graal*, de A. Gadal. (167)

CENTELHA DO ESPÍRITO. Ver *Átomo-centelha do Espírito*. (18)

DIALÉTICA (adj. dialético). Nosso atual campo de vida, onde tudo se manifesta em pares opostos: dia e noite, luz e trevas, alegria e tristeza, juventude e velhice, bem e mal, vida e morte, como binômios inseparáveis, ligados de tal modo que incessantemente um sucede ao outro. Devido a essa lei fundamental, tudo o que existe aqui está sujeito à contínua mudança e desintegração; ao surgir, brilhar e fenecer. Por isso, nosso campo de existência é um domínio do finito, da dor, angústia, demolição, doença e morte. (2)

DIALÉTICO. Relativo à dialética. (2)

DOCTRINA UNIVERSAL. Não é "doutrina" no sentido comum da palavra; não se encontra tampouco nos livros. Em sua essência é a realidade vivente de Deus, da qual a consciência enobrecida para tanto aprende a ler e compreender a onisapiência do criador. (1)

EFÉSIO. O homem que busca, e que, no desejo de realmente elevar e purificar a vida, segue o caminho da bondade neste plano de existência, descobrindo, mais cedo ou mais tarde, que este caminho tem seu ponto culminante definido, um limite que o homem deste mundo não pode transpor.

A Linguagem Sagrada denomina "efésio" aquele que chegou a esta fronteira limitadora. Tal ser humano é confrontado com a grande escolha: libertar-se das limitações da dialética por meio de uma mudança fundamental de sua vida ou permanecer agrilhado ao giro da roda, sofrendo a angústia do inevitável declínio segundo a lei da natureza. (23)

ENDURA (adj. endurístico). O caminho da demolição do eu. (30)

ENSINAMENTO UNIVERSAL. Não é um ensinamento no sentido literal comum e tampouco se pode encontrar em livros. Na sua essência mais profunda é a vivente realidade de Deus; tão-somente a consciência enobrecida, a consciência hermética ou pimândrica, nele pode ler e compreender a onisabedoria divina. Esse Ensino ou Filosofia Universal é, portanto, o conhecimento, a sabedoria e a força que sempre de novo são ofertados ao ser humano pela Fraternidade Universal, a fim de possibilitar à humanidade decaída trilhar o caminho de retorno à casa do Pai. (64)

EÕES (I). Enormes períodos de tempo.

EÕES (II). Grupo dirigente hierárquico do espaço e do tempo, às vezes indicado como *aeones* ou *archontes*. Monstruosa formação de potestades da natureza, antidivina, criada pelo homem decaído, no decorrer dos tempos, em conseqüência de sua vida contrária a Deus, ou seja, pelo pensar, querer e desejar da humanidade decaída, pois todos os seus impulsos, inclusive os *pretensos bons*, a cria

e alimenta. Essas potestades manipulam abusivamente todas as forças naturais da dialética e da humanidade terrena, impulsionando-as a uma atividade ímpia em prol do próprio e tenebroso objetivo desse grupo: a automanutenção. Esse agrupamento hierárquico conseguiu livrar-se da roda da dialética, às custas porém de terrível sofrimento humano, mas tal "libertação" só poderá ser mantida com incalculável egoísmo, enquanto a humanidade, apesar de sua criadora, permanecer como sua presa e acorrentada à roda, aumentando assim e conservando a dor neste mundo. Tais potestades, em seu conjunto, são às vezes denominadas "hierarquia dialética" ou "príncipe deste mundo".(37)

ESCOLA ESPIRITUAL. É a Fraternidade Universal. Ver *Fraternidade Universal*. (30)

ESFERA MATERIAL - ESFERA REFLETORA. As duas metades que compõem o campo de existência desta ordem de natureza dialética. A esfera material é o domínio em que vivemos quando em nosso corpo material. A esfera refletora é a região onde se desenvolve, entre outras coisas, o processo de morte e reencarnação. Abrange, além das esferas do inferno e do chamado purgatório (a esfera da purificação), também aquela que erroneamente é chamada "céu" e "vida eterna", tanto na religião natural como no ocultismo. Essas esferas denominadas "celestes" e a existência nelas estão igualmente sujeitas a um fim, a serem temporais, tal como a existência na esfera material. Logo, a esfera

refletora é a morada temporal dos mortos, porém isso não quer dizer que a *personalidade* do falecido venha novamente a nascer, pois *não há sobrevivência quádrupla!* Tão-somente o núcleo mais profundo da consciência, a assim chamada centelha espiritual, ou chispa dialética, é temporariamente recolhida no ser áurico, formando a base da consciência de nova personalidade terrena, a qual é construída pelo ser áurico em colaboração com as forças ativas na gestante. (26, 29)

FOGO SERPENTINO. O fogo da alma ou fogo da consciência. Ver *Sistema Fogo Serpentino*. (31)

FRATERNIDADE DE SHAMBALLA. Ver *Fraternidade Universal*. (4)

FRATERNIDADE UNIVERSAL. A hierarquia do divino reino imutável, que constitui o corpo vivo do Senhor. É também denominada com muitos outros nomes, como: Una Igreja Invisível de Cristo, a Hierarquia de Cristo, a Corrente Universal Gnóstica, a Gnosis. Em sua atividade em prol da humanidade decaída ela age, entre outras coisas, como a Fraternidade de Shamballa, a Escola dos Mistérios dos Hierofantes de Cristo ou Escola Espiritual Hierofântica, e como tal, toma forma na Jovem Fraternidade Gnóstica. (24)

GNOSIS. a) O alento de Deus; Deus, o Logos, a fonte de todas as coisas, manifestando-se como Espírito, Amor, Força e Sabedoria universal;

b) a Fraternidade Universal, como portadora e manifestação do campo de radiação cósmico;

- c) o conhecimento vivo que é de Deus, e que se torna parte daqueles que, mediante o renascimento-alma, entraram no nascimento da luz de Deus, isto é, o estado de consciência pimândrica. (1)
- GOLENS** (hebraico). Fantasma, espectro. Criações mentais e astrais originados pelo homem. (30)
- HIERARQUIA DE CRISTO.** Ver *Fraternidade Universal*. (71, 157)
- HIEROFANTES DA LUZ.** Ver *Fraternidade Universal*. (20)
- LIPKA.** O céu áurico, o conjunto dos centros sensoriais, centros de força e focos, em que o karma todo da humanidade está fixado. Nosso ser terrestre e mortal é projeção desse céu áurico, e inteiramente determinado quanto às suas possibilidades, limitações e seu carácter. A *lipika* representa a inteira carga de pecados do microcosmo decaído. (53)
- LOGOS.** O Verbo criador, a fonte de todas as coisas. (99)
- MACROCOSMO.** O macromundo, o universo. (93)
- MANIQUEUS.** Movimento surgido no século III, formado por Mani, que foi perseguido, acusado de procurar juntar numa vasta síntese o ensinamento dos primeiros gnósticos, o cristianismo e o budismo. O maniqueísmo ressurgiu nos ensinamentos dos cátaros ou albigenses. (167)
- MICROCOSMO.** O homem como *minutum mundum* (pequeno mundo) é um sistema de vida muito complexo, em forma esférica, na qual se pode dis

tinguir, do centro para a periferia: a personalidade, o campo de manifestação, o ser áurico e um sétuplo campo espiritual magnético. O verdadeiro homem é um microcosmo! O que neste mundo, porém, se denomina "homem", é apenas a personalidade gravemente mutilada de um microcosmo tremendamente degenerado. A nossa consciência atual é uma consciência-personalidade, e por conseguinte consciente apenas do campo de existência a que pertence. *O firmamento ou ser áurico (ser aural)* representa a totalidade de forças, valores e ligações resultantes das vidas das diversas manifestações-personalidade, no campo de manifestação. Todas essas forças, valores e ligações formam, em conjunto, as luzes, a constelação do nosso firmamento microcósmico. Essas luzes são focos magnéticos que, em concordância com a sua natureza, determinam a qualidade do campo espiritual magnético, ou melhor dizendo, determinam a natureza das forças e substâncias que são atraídas da atmosfera e introduzidas no sistema microcósmico e, portanto, também na personalidade. Conseqüentemente, assim como é a natureza dessas luzes, tal é a personalidade! Para mudar a natureza da personalidade é preciso antes mudar a natureza do firmamento áurico, o que só se torna possível pela oblação do ser-eu, da total demolição do eu. *O campo de manifestação (ou campo de respiração)* é o campo de força direto, no interior do qual se torna pos-

sível a vida da personalidade. Ele é o campo de ligação entre o ser áurico e a personalidade, e, em seu trabalho de atração e repulsão das forças e substâncias em benefício da vida e conservação da personalidade, ele é inteiramente uno com esta última. (17)

PISTIS SOPHIA. a) Nome de um Evangelho gnóstico do século II (atribuído a Valentin), Evangelho esse conservado intato, e que anuncia o caminho uno da libertação em Cristo, a senda da transmutação e da transfiguração, em pureza impressionante.

b) também o verdadeiro aluno, que persevera até a consecução. (48)

RODA DO NASCIMENTO E DA MORTE (OU RODA DA DIALÉTICA). O repetido ciclo de nascimento, vida, morte e revivificação de uma nova personalidade dialética no microcosmo decaído. (14, 38)

ROSACRUZES CLÁSSICOS. Os rosacruzes que pertenciam à Escola de Valentin Andreae, manifestação da Fraternidade Universal em fins do século XVI e XVII. Valentin Andreae publicou importantes obras, entre as quais *As Bodas Alquímicas de Cristão Rosacruz*, considerada como o mais importante testamento da Ordem da Rosacruz clássica, um dos luminosos pilares em que está alicerçado também o trabalho da Rosacruz Aurea. (167)

SISTEMA FOGO SERPENTINO. O sistema cerebrospinal, a sede do fogo-alma ou fogo da consciência.

ÍNDICE

I	A verdadeira e a falsa Gnosis.....	1
II	Paulo e a Gnosis	11
III	O Espírito Santo e a Gnosis	21
IV	O fogo serpentino e a Gnosis	33
V	A Gnosis da Pistis Sophia	47
VI	A Gnosis e a igreja	57
VII	A Gnosis e os poetas e pensadores	67
VIII	A Gnosis como prana original	79
IX	A Gnosis e a regeneração da total natureza	91
X	O afluir dos sete raios da Luz prânica original	101
XI	As sete ações libertadoras (I)	113
XII	As sete ações libertadoras (II)	125
XIII	As sete ações libertadoras (III)	135
XIV	As sete ações libertadoras	145
XV	O maravilhoso jardim de Getsêmani	155
XVI	O mistério da endura	167
XVII	A gloriosa ressurreição	177
XVIII	A pesca maravilhosa	187
XIX	A rede do pescador	197
XX	O compêndio	207
	Glossário	217

Outras obras editadas pelo Lectorium Rosicrucianum:

**INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA ROSACRUZ ÁUREA
NO CAMINHO DO SANTO GRAAL
O ADVENTO DO NOVO HOMEM
DEI GLORIA INTACTA
CONTOS DE NATAL
A FRATERNIDADE DE SHAMBALLA
O NOVO SINAL
O LIVRO DE MIRDAD
O HOMEM DAS CAVERNAS
LUZ SOBRE O TIBET
NUCTEMERON
O MISTÉRIO DA VIDA E DA MORTE
O MISTÉRIO DAS BEM-AVENTURANÇAS
O CAMINHO DA ROSACRUZ NOS DIAS ATUAIS
O PROBLEMA DO CÂNCER
UM NOVO CHAMADO
O SELO DA RENOVAÇÃO
A ROSACRUZ ÁUREA
DESMASCARAMENTO
TRANSFIGURAÇÃO
SETE VOZES FALAM
O REMÉDIO UNIVERSAL
TELEVISÃO – INSTRUMENTO DE DOMÍNIO
REVEILLE! (DESPERTA!)
CARTAS ROSACRUZES
A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA
NÃO HÁ ESPAÇO VAZIO
A LUZ DO MUNDO
A GNOSIS EM SUA ATUAL MANIFESTAÇÃO
A GNOSIS UNIVERSAL**



A GNOSIS UNIVERSAL

A Gnosis — o “secreto” conhecimento interior — era originalmente um resumo da sabedoria original. Ela unicamente é “secreta” pelo fato de só ser reconhecida por aqueles que, em livre automaçonaria e em decidida ação de vida, afastaram os véus diante de suas faculdades de percepção.

Por isso, o autor deste livro não colocou “a Gnosis” no papel, o que é impossível, mas mostra-nos, nos vinte capítulos, diversos aspectos da senda que leva à “Gnosis”.

Se ponderarmos essas reflexões “com o coração”, então o profundo significado se revelará cada vez mais. Para o leitor elas tornar-se-ão a “lâmpada a seus pés”.